

Walcyr Carrasco



Juntos para sempre



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Juntos para sempre



O ARQUEIRO

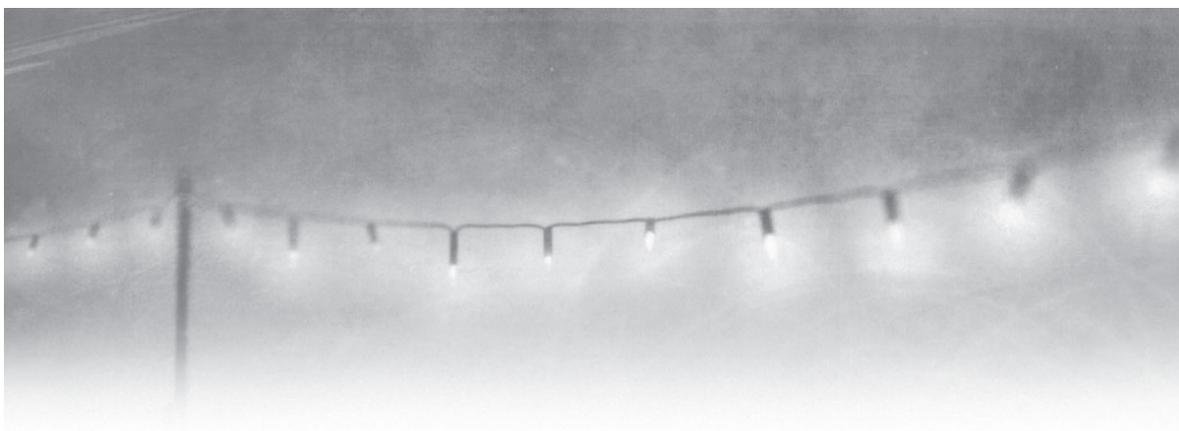
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Walcyr Carrasco



Juntos para sempre



Copyright © 2013 por Walcyr Carrasco
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

edição: Anderson Cavalcante
preparo de originais: Taís Monteiro
revisão: Luis Américo Costa e Milena Vargas
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: Raul Fernandes
imagem de capa: Kamil Vojnar / Trevillion Images
geração de Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C299j

Carrasco, Walcyr, 1951-
Juntos para sempre [recurso eletrônico] / Walcyr Carrasco; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital.

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-144-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

13-1081

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minha mãe, Ângela

Asas do amor

*Um espírito que vive neste mundo
E não incorpora o amor
Atravessa a existência em desgraça.
Enlouqueça com o amor,
Porque o amor é tudo.
Não há caminho para existir
Sem dar e receber amor.
Se alguém perguntar: “O que é o amor?”
Responda: “A dissolução do desejo.”
O amor e o amado vivem na eternidade.
Outros desejos
São pobres substitutos para o amor.
Abandone-se. Viaje na luz do amor
E você receberá asas.
O amor é uma ponte para a alma.*

RUMI, poeta místico persa do século XIII

A história de uma história

Há alguns anos fui à África fazer pesquisas para minha novela *Caras & Bocas*, exibida mais tarde pela Rede Globo de Televisão. Eu estava interessado em diamantes. Hummm... Mas quem não está? Claro que gostaria que até minhas obturações dos dentes fossem feitas de diamantes, se tivesse dinheiro para isso. Até agora minha verba só foi suficiente para um único brinquinho, que uso na orelha. Meu interesse em diamantes era puramente profissional, como escritor. A trama central da novela girava em torno de uma família proprietária de minas. Queria visitar os famosos campos de extração sul-africanos para escrever sobre eles.

A viagem de avião de São Paulo a Joanesburgo dura a noite inteira. Para mim, voo noturno não é problema. Pego no sono com facilidade. Tenho o talento de dormir em qualquer lugar. Quando mais jovem, atravessei a América do Sul dormindo em ônibus, caminhões, barcos. Até mesmo em um ônibus boliviano onde as camponesas levavam galinhas e, se bem me lembro, uma cabra no banco atrás do meu. Durmo em aviões como se estivesse em minha própria cama. Meu único medo é roncar, por questão de delicadeza com os outros passageiros. Deve ser muito desagradável conviver com alguém que é capaz de competir com os motores do avião. A vantagem do ronco é que a gente nunca ouve o próprio. Mas já me disseram que meu ronco é de lascar. Felizmente, nos aviões suponho que me comporto. Nunca quiseram me botar pra fora de algum voo devido ao barulho. Talvez, nos aviões, a posição me impeça de roncar. Talvez. Ou os outros passageiros sejam educados demais para reclamar. Só acordo quando é servido o café da

manhã. Outra coisa: eu jamais perco um café da manhã! Mas os detalhes sobre minha gulodice eu deixo para outro livro.

O voo para a África reservava uma surpresa.

Adormeci profundamente, como costuma acontecer. E sonhei com uma história completa, do começo ao fim. É a história que conto neste livro.

Sonhar é uma experiência misteriosa. Por mais que os neurologistas expliquem o ato de sonhar como fruto de conexões nervosas do cérebro, o conteúdo de um sonho frequentemente é inexplicável. Muitos psicólogos acreditam que se referem a experiências do dia a dia, a associações com o cotidiano. Isso acontece bastante, penso eu. Mas sonhar pode ser algo mais profundo, que abra as dimensões para outras realidades. Um canal para um universo mágico, para percepções extrassensoriais, capazes de abrir as portas para um mundo além do material. Para histórias, descobertas e segredos guardados no infinito.

Quando a gente sonha, está além da consciência. A sensação do tempo muda. Durante meu voo, sonhei com uma história que durou uma vida. Mais que uma: atravessou séculos. Não foi a primeira vez que isso me aconteceu. Já tinha sonhado com histórias inteiras em outras ocasiões. Esta, porém, foi especial. Quando acordei, demorei a tomar consciência de que ainda estava no avião. Eu havia viajado para muito longe.

Sonhei com uma história de amor. Uma história que começou durante o período da Inquisição e da caça às bruxas. E continuou em outra vida, na atualidade. Os detalhes do passado eram tão reais que resolvi fazer algumas pesquisas. Fiquei especialmente impressionado quando me informei sobre os dados históricos e eles confirmaram várias passagens de meu sonho. O Reino de Granada realmente existiu. A Espanha só foi unificada pelos reis Fernando de Aragão e Isabel de Castela no final do século XV. Mesmo assim, até então se tratava de uma confederação de monarquias. Ainda hoje, algumas regiões da Espanha, embora submetidas ao governo central, possuem certo grau de independência, com língua e administração próprias.

Li bastante sobre bruxas. Muitas eram mulheres comuns, vítimas de maledicências e falsas acusações. Outras curavam doentes com ervas,

consertavam braços e pernas quebrados. Acusadas de pacto com o demônio, eram presas pelos agentes da Inquisição. Suas confissões eram extraídas sob torturas a cargo de um religioso. A Inquisição, como se sabe, foi implacável na Espanha antiga. Quando as supostas bruxas confessavam, eram queimadas na fogueira. Isso se não morressem antes, durante os interrogatórios.

O romance com que sonhei despertou minha intuição. Quando uma história surge na vida de um autor, ela toma vida própria. Como minha pesquisa original na África era sobre minas de diamantes, cheguei a descer 500 metros abaixo da terra, no campo de extração da De Beers, uma das principais empresas do mundo nesse mercado. Passei horas percorrendo suas entranhas e tentando encontrar um diamante – mesmo porque, se algum visitante acha algum, a direção da companhia o recompensa generosamente. Que ideia! Nosso guia trabalhou 24 anos abaixo do solo. Nunca achou um que fosse. Diamantes são muito difíceis de encontrar.

Já que estava na África, resolvi ver um pouco mais. Caminhos e coincidências surpreendentes me levaram ao mundo dos leões. Pessoalmente, sempre fui um feliz proprietário de gatos e cachorros. Tenho um encanto especial pela maneira de sentir dos animais. Não só dos domésticos. Os selvagens me atraem profundamente, por serem capazes de amar e proteger seus companheiros e filhotes. Também se ligam aos seres humanos, em muitos casos dando demonstrações de fidelidade impressionantes. Ali, na África, conheci um rapaz que criava leões. Eram oito, a quem ele deu mamadeira desde bebês. Agora, entrava no espaço onde ficavam confinados e brincava com eles como se fossem cachorrinhos, usando apenas luvas de couro para se proteger das mordidas e patadas. Por mais carinhoso que seja, um leão é sempre um leão! Era uma intimidade impressionante. Não posso negar, o rapaz cheirava como um leão. Nunca enfiei o nariz na juba de um leão para ter certeza. Mas o cheiro deve ser bem parecido.

O sonho ainda pairava sobre mim. Os leões se agregaram à história de forma natural, como se fossem um pedaço perdido da trama que eu

precisava encontrar.

Sei que todo esse processo é muito misterioso. Minha mente criou tudo enquanto eu dormia durante a viagem de avião? Ou a história foi “soprada” por um ser imaterial?

Realmente, não sei o que aconteceu. Para mim é um mistério.

Só sei que este livro precisava ser escrito.

W A L C Y R C A R R A S C O

1

Sobre seu corpo, apenas uma bata grossa de linho, larga, mal costurada e suja. Um buraco para enfiar a cabeça. Pés descalços. Cabelos negros. Desalinhados, caíam até quase a cintura. Pele queimada de sol. Nos pulsos, mãos e tornozelos, as marcas da tortura. Feridas nos pés. Manchas roxas de pancadas. Sangue pisado nas faces. Grilhões e correntes de ferro prendiam pulsos e tornozelos. Não teria mais que vinte anos.

Os olhos. O que me chamou a atenção foi o brilho dos olhos. Verdes. Como se guardassem ali uma força vinda não sei de onde. Surpreendentemente, eles se mantinham vivos, como se iluminados por uma luz interior. Cravados em seus executores. Apesar da condição de prisioneira, parecia superior a tudo e a todos. O desprezo era evidente. Fixos, brilhantes, os olhos reforçavam a expressão da moça. Eles deixavam ver uma certeza e uma obstinação que me hipnotizavam. De cabeça erguida, ela desafiava as pessoas que estavam ali. Havia uma verdade oculta por trás daquele olhar.

A multidão que se formara para ver o grande espetáculo se agitava. Homens, mulheres e crianças, imundos e esfarrapados. Falavam ao mesmo tempo. Moleques atiravam pedras na prisioneira. O som das vozes subia e descia, como ondas. Consegui captar algumas palavras. Era um idioma estranho, que, para minha surpresa, eu conseguia compreender. Assim, descobri o que meus olhos já sabiam. A moça era uma feiticeira, condenada a ser queimada viva.

Com dificuldade, os soldados continham um pequeno grupo de ciganos. Entre eles, um rapaz. Cabelos claros, ligeiramente encaracolados. Brinco na orelha esquerda. Pouco mais velho que a moça. Rosto molhado de lágrimas. Músculos retesados, como os de uma fera prestes a atacar.

Prestei mais atenção às conversas a meu redor. Ao idioma. Era espanhol, mas não o que se fala hoje em dia. O que eu ouvia agora era truncado, com sons guturais que pareciam raspar o céu da boca. Talvez fosse um dialeto. Ou espanhol arcaico.

Tomei consciência de mim mesmo. Era eu. Mas ao mesmo tempo não era. Olhei para minhas mãos. Grandes e morenas, pousadas sobre um traje de veludo negro pesado e rústico. Eram minhas mãos. Mas não eram! Meus dedos são longos. Aqueles eram grossos, maltratados. Nunca uso anéis. Naqueles dedos havia muitos. Um deles, especialmente, chamou minha atenção: tinha um rubi gigantesco, cercado de brilhantes, incrustado em ouro.

Bem perto de mim, em um trono de madeira, sentava-se uma mulher de preto coberta de joias bem trabalhadas. De valor. Antigas. De família. Brincos de ouro e pedras preciosas. Uma corrente também de ouro, formada por elos gigantesco, da qual pendia um enorme crucifixo. Na cabeça, uma coroa repleta de pedrarias. Os cabelos negros, puxados para trás, lhe davam uma aparência altiva. Lábios finos. Traços severos. Mesmo assim, tinha certa beleza. Eu sabia de quem se tratava. Era a rainha, que conservava o luto havia muitos anos, desde a morte do marido. Fixei meu olhar naquela mulher. Ela correspondeu e me lançou um leve sorriso. De satisfação? De vitória?

Onde eu estava?

Era o pátio de um castelo de pedra. Medieval. Nossos assentos haviam sido acomodados em uma estrutura de madeira. No alto, o trono da rainha. A multidão amontoava-se, em pé, dos dois lados do pátio. A lenha à nossa frente estava pronta para ser incendiada. A rainha, a corte, os padres e os sacerdotes, prontos para assistir à execução. Minha garganta doía. Parecia sufocado. Queria gritar, mas o grito estava preso. Queria me mexer, mas me sentia paralisado. Uma onda de impotência abateu-se sobre mim. Não podia suportar o que estava para acontecer.

Quis entender quem eu era, por que estava lá. Meu rosto, como seria? Não havia espelho para ver meus próprios traços. Observei minhas roupas.

Vestia uma túnica púrpura sobre o traje negro. Nos pés, botas de couro. Senti um peso sobre a cabeça. Ergui as mãos. Toquei uma espécie de chapéu. Ou melhor, não exatamente um chapéu, mas algum tipo de adereço cerimonial.

O grito da multidão tirou-me do devaneio. A moça foi empurrada pelos soldados. Mesmo assim, manteve-se de pé. Caminhou, ainda de cabeça erguida. Senti um ímpeto de levantar da cadeira suntuosa em que estava. De enfrentar os soldados. Levá-la para algum lugar distante. Não me movi. Assisti a seu andar altivo em direção ao poste em que seria amarrada. Troncos e gravetos dispostos ao redor dele pareciam um emaranhado de teias prestes a se desfazer. Ali ela seria queimada viva.

Imóvel. Para meu horror, permaneci imóvel. Meu coração parecia querer saltar do peito. Ainda assim, continuei sentado. Envergonhado de mim mesmo. De minha covardia. Tinha certeza de que seria impossível enfrentar os soldados que cercavam a condenada. O medo me deixava prostrado. Senti o olhar da rainha em mim. Ergueu o queixo, satisfeita. Aprovava a execução. Mais que isso, parecia triunfante. Vários membros da corte me olharam com respeito e inveja. O gesto real equivalia a uma honra. Para mim, não tinha valor algum. Se eu pudesse pedir clemência para a condenada! Soltá-la, livre de qualquer acusação.

Meus pensamentos voaram. Mas meus olhos continuavam presos a ela, observando seu andar determinado, seu olhar penetrante. De repente a verdade me atingiu como um raio. Eu a amava! Sim, era isso! Queria abraçá-la. Beijá-la. Levá-la para longe dali, a salvo de seus algozes, e talvez admirar a lua e as estrelas junto com ela, como fazem os apaixonados. No mais profundo silêncio, apenas me deixando envolver pelo prazer de sua presença.

Foi só um desejo, um sonho acordado, rápido, que passou por mim como um golpe de vento. Voltei a ter consciência da realidade. Desejava ter a força dos mundos para salvá-la. Impossível. Eu me senti fraco, afogado no meu próprio medo, na covardia. E, assim, continuei em silêncio.

Baixei os olhos. Não conseguia olhar para ela sem que uma grande vergonha me invadisse. Vi a terra seca, estorricada. Sol forte. Calor horrível. O peso das roupas tornou-se maior. Não chovia havia muito tempo. As vinhas secaram. Feiticeiras eram queimadas para obter a graça de Deus. Restaurar a ordem do mundo, trazer a chuva e a prosperidade de volta.

Alguém gritou.

O jovem cigano quis se atirar sobre os soldados. Seus companheiros o impediram. Se tentasse libertar a mulher, morreria também.

Ela subiu os degraus que levavam ao alto da estrutura de madeira. Dois soldados a conduziam. Retiraram os grilhões de seus pulsos e tornozelos. Somente para, em seguida, amarrá-la com cordas ao poste. Os soldados desceram, deixando a prisioneira sozinha sobre a lenha seca. O executor ergueu a tocha. Ia acender a fogueira.

Senti um baque no coração.

Dali a instantes seria tarde demais.

O desespero me fez superar a covardia. Tentei me erguer. Não pude fazer um gesto sequer. A mão do capitão da guarda pousou firmemente sobre meu ombro, impedindo qualquer movimento. O sangue latejava em minha cabeça. Curvei-me para disfarçar as lágrimas. Meu gesto durou poucos segundos. Senti o olhar da prisioneira cravado em mim, tão sólido quanto o toque de uma pessoa. Ela me encarava. O rosto, imóvel. A expressão de quem condena.

Nossos olhares se cruzaram. Naquele instante, o tempo real não existia. Nossos olhos se mantiveram fixos um no outro. Parecia não haver mais nada ao redor. Estávamos acima da dimensão do tempo, paralisados pela mensagem que só os olhos da alma podem trocar. Foi um instante, apenas um instante, um instante mágico como a eternidade, que acontece raramente na vida de cada um. “Adeus”, eu disse no meu coração. Meus olhos continuavam presos aos dela. Agora pareciam embaçados. Lágrimas? Não podiam cair. Não. Os dela continuavam secos. A secura dos realmente corajosos.

Um soldado tocou um instrumento de sopro de som fino e cortante. O verdugo baixou a tocha. Notei uma Bíblia antiga e pesada a meu lado, numa banqueteta. Agarrei-a com força. Era só o que me restava. A Bíblia.

O povo gritava em êxtase. A tocha incendiou os primeiros pedaços de madeira seca. A lenha ardeu. As chamas elevaram-se.

A moça desviou os olhos para o rapaz, que chorava. Quase sorriu, apesar das chamas que subiam depressa. Dolorosamente, percebi que ela já sentia o calor abrasivo da fumaça invadindo suas narinas.

E novamente voltou a cabeça em minha direção. Olhos intensos, mas estranhamente imóveis. Uma labareda lambeu seu traje rústico. As chamas subiram. Logo atingiram seus cabelos.

Seu corpo transformou-se numa tocha. Mas seus olhos! Ah, continuavam fixos em mim! No último instante, antes que seu rosto desaparecesse entre a vermelhidão do fogo, ela sussurrou algumas palavras. Impossível decifrá-las. Mal consegui ver seus lábios, mas tinha certeza: eram dirigidas a mim. Senti um sobressalto. O que teria dito prestes a morrer?

Em agonia, assisti ao fogo devorar suas pernas, seus braços, seus cabelos. Pôr fim a sua vida. E fiz uma promessa no meu coração. Palavra por palavra, inscrita na minha alma.

“Eu te amarei para sempre! Para sempre!”

2

Dei um pulo na cama. Uma angústia terrível. Novamente, o mesmo sonho! Imagens claras, detalhadas. O rosto da jovem queimada na fogueira já se tornara familiar. Seria capaz de reconhecê-la, caso fosse uma pessoa de carne e osso e não uma personagem que frequentava minhas noites de sono. É claro, tratava-se apenas de um sonho. Uma fantasia que povoava minha mente. Impossível entender por que aquele sonho repleto de sofrimento invadia rotineiramente minhas noites se a vida corria tão bem.

Desde pequeno meu sono era agitado. Acordava gritando palavras num idioma desconhecido. Depois demorava a dormir. Suava. Tinha medo de fechar os olhos e voltar a um mundo aterrorizante. Mas os sonhos naquela época deviam ser diferentes, imagino, pois não consigo me lembrar de como eram. Agora o mesmo sonho se repetia com uma frequência assustadora. Como se houvesse uma mensagem urgente da qual eu devesse tomar conhecimento. Sempre igual. Sempre a mesma jovem queimada na fogueira.

Inútil tentar adormecer novamente.

Levantei da cama. O corpo doía. Toda a tensão que eu tinha vivido no sonho estava colada em meus músculos. Uma terrível vontade de chorar. Isso era estranho, também. Não costumo cair em lágrimas com facilidade. Quando menino me ensinaram que homem não chora. Aprendi a ocultar minhas emoções. Guardá-las como se fossem vergonhosas. Eram o meu segredo!

Cresci. Continuam secretas! Eu me mordo por dentro, mas disfarço. Muitas vezes tenho vontade de gritar, de responder a alguém. Mas me controlo. Sorrio. Finjo que está tudo bem. Não suporto dar demonstrações de fraqueza. Só chorei no dia em que meu pai morreu. Não me lembro de outra ocasião.

Olhei para os ponteiros do relógio. Era madrugada. Fui direto para o chuveiro. Sim, um banho demorado me deixaria novo. E em paz. Água quente me acalma, gosto de sentir os pingos tocando meu corpo. A sensação é de aconchego. Uma carícia forte. Consoladora. Deixei a dor provocada pelo sonho escorrer pelo ralo. Depois me enxuguei sem pressa. Botei a cueca.

“Deve haver algum motivo para ter o mesmo sonho tantas vezes”, pensei.

Vesti um roupão grosso. O frio das madrugadas de fim de inverno ainda incomodava. Fui até a sala, abri uma caixa de madeira talhada à mão e peguei um charuto cubano. Cortei a ponta. O céu estava escuro. As luzes das ruas, ainda acesas. De relance, olhei para o prédio em frente. Um breu. Certamente ali ninguém sofria de insônia. Nem tinha pesadelos. Ou sonhos recorrentes.

O gesto quase mecânico de aparar o charuto mudou o rumo dos meus pensamentos. Minha vida nunca fora tão confortável quanto naquele momento. A infância pobre ainda tinha lugar reservado na minha mente. Não pesava. Mas estava ali, à espreita, me lembrando das dificuldades da vida. Os longos banhos eram resquícios dessas recordações. Trauma dos tempos de infância. Na casa dos meus pais, só havia um chuveiro elétrico. Daqueles que quanto mais se abre, mais frio o banho se torna. Para ter água quente, só mesmo deixando escorrer apenas um fiozinho. Às vezes alguém batia na porta. Insistia para eu sair logo. Era um banheiro só para toda a família.

Rolei o charuto entre os dedos. Cubano, o melhor que havia. Ah! Tornara-se um vício. Apesar de caro, é um prazer que passei a me conceder desde que comecei a ganhar bem. Sempre me criticam por fumá-los. Impossível ser politicamente correto nos dias de hoje! Acendi o daquela madrugada. Sentei-me numa poltrona na varanda do apartamento, uma cobertura muito confortável. Aspirei o charuto. Observei os anéis de fumaça se desfazerem no ar. Olhei para o céu. Era uma maravilhosa noite de lua cheia. Sou fascinado pela lua, principalmente quando está assim, redonda e brilhante. Gorda. Eu gosto da lua gorda. Minhas referências são muito culinárias. Sou

um guloso confesso. Adoro comer bem. Às vezes tenho vontade de morder a lua. Como se fosse um grande queijo.

Meus olhos se fixaram nas silhuetas dos prédios. Cada uma de um jeito, com uma forma. Quantas histórias haveria em cada um daqueles edifícios? Alguém que gostasse de charutos cubanos também estaria sentado na varanda de seu apartamento àquela hora? Permaneci na varanda o resto da noite. A paisagem recortada pelos edifícios gigantescos da cidade me acalmava. Peguei no sono algum tempo depois, ali mesmo. Sem nem perceber. Quando acordei, por um instante não soube onde estava. Quase gritei, com medo de ter novamente o mesmo sonho, ficar preso pela eternidade em suas teias. Num corpo que eu desconhecia. Em outra época. A angústia de viver em tempos passados, onde uma mulher podia ser queimada na fogueira, apertava meu peito.

O sol já estava surgindo, fraco, morno. Eu podia vê-lo entre dois prédios. Uma sensação de alívio me invadiu. Fiquei melhor ao constatar que vivia numa cidade enorme, em pleno século XXI.

“Preciso falar com alguém. Falar sobre esse sonho que me acompanha noite após noite. Sobre a angústia que ele me traz”, pensei.

Sabia muito bem que já deveria ter procurado por ajuda especializada. Havia um bom tempo. Mas a ideia me assustava. Marcar consulta com um terapeuta? E se o diagnóstico fosse problema mental? Loucura? Se houvesse algo muito mais grave que simplesmente o sonhar? Eu já tinha lido em algum lugar que confundir sonho com realidade é sintoma de doença. Preferia acreditar que não sofria de nenhum tipo de transtorno mental. “Será que sou tão doido que nem eu mesmo percebi?”, pensei, rindo de mim mesmo. Depois reafirmei: “Não, não! Estou bem da cabeça.” Mesmo assim, temia falar sobre o assunto. Não só com um terapeuta, mas com qualquer pessoa. No sonho, tudo parecia real. Tão real quanto estar vivo, sentado na minha varanda. Como falar sobre essa sensação? O que as pessoas pensariam se me ouvissem? Sou advogado. Trabalho com a realidade. Meu escritório é contratado por grandes empresas. O que diria um cliente? Ou os meus sócios, se soubessem que as emoções despertadas por meus sonhos

muitas vezes se confundiam com os sentimentos do dia a dia? Mais que isso: o que pensariam se eu revelasse que a mulher condenada à fogueira era tão real para mim quanto qualquer outra de carne e osso?

Sim, eu sabia que ela não existia. Era impossível. Apesar dessa consciência, sentia vontade de conhecê-la. Conversar com ela. Acima de tudo, impedir que fosse executada. Era um desejo sem lógica. Como trazer para a realidade alguém que só existe em um sonho? Racionalmente, eu sabia que era impossível. Mesmo assim, ao pensar nela sentia uma estranha emoção. Uma imensa vontade de saber quem era, por que tivera aquele destino cruel.

O dia finalmente clareou. Levantei devagar da poltrona, como se houvesse um peso sobre meus ombros. Apoiei-me na grade da varanda e observei a rua arborizada. Não podia morar em um lugar melhor! Um bairro tranquilo, na melhor região da cidade. As árvores centenárias abrigavam pássaros de muitas espécies. Nesse momento, eles cantavam, como se saudassem o novo dia.

Era incoerente o meu sentimento diante da paisagem que eu tinha à frente. Um novo dia começava e eu ainda estava preso ao sonho que me remetia ao passado, à brutalidade que povoara minha noite.

Deixei a varanda e os primeiros raios de sol. Precisava começar bem a segunda-feira.

Já na sala, tirei o roupão. Gosto de andar pelo apartamento de cueca.

Fui até minha moderna cozinha, aberta para o living. Moro sozinho, num apartamento bem grande, originalmente de quatro dormitórios. Quando o comprei, quis que a arquiteta derrubasse todas as paredes. Fiquei com uma sala gigantesca, um quarto e um escritório. Móveis contemporâneos. Sofás brancos, mesas brancas, paredes brancas, tudo tão branco que acho até falta de imaginação. Mas a *designer* de interiores garantiu que era o máximo do bom gosto. De colorido, só alguns quadros, que ela também escolheu. Às vezes me sinto morando dentro de uma vitrine. Ou de um showroom. Num apartamento sem identidade. Nada de retratos, objetos pessoais, lembranças de viagem. Quando montei o apartamento, tinha a sensação de que estava subindo na vida. Contratei uma arquiteta famosa. Ela estava em quase todas

as revistas de decoração. Eu queria ser chique. Agora, cada vez que contemplo o fogão, a cama, o sofá ou qualquer outro detalhe, sinto uma agulhada de sofrimento. Eu ainda era inexperiente na área. Quando falava para a arquiteta de algum móvel mais simples de que tinha gostado, ela torcia o nariz. E me lançava um olhar de desprezo. “Será que sou brega?”, me perguntava, em tom de crítica. Eu acabava aceitando a decisão dela.

Hoje, olhando para o apartamento sofisticado, sinto falta de calor humano. Mesmo com as dificuldades, na minha infância os lugares e as pessoas eram mais amigos.

Eu ia à escola, conversava com o sapateiro da esquina, fazia as lições de casa. Subia na goiabeira do quintal. Me empanturrava de frutas. Entre um pé de jabuticaba e um de carambola havia uma pitangueira. Eu não sabia o que escolher. E claro, escolhia todas! Passava grande parte do meu tempo ali. Era o lugar onde eu imaginava o futuro, onde sonhava com uma vida diferente. Queria ser famoso. Reconhecido. Importante. E estava determinado a ser!

O convívio com minha mãe sempre foi difícil. Ela guardava as emoções escondidas dentro do coração. Como me ensinou a fazer. O olhar que me dirigia era sempre duro. Sem afeto. Crítico.

Vivíamos com dificuldade. Nada me faltava, mas também não havia nem de longe qualquer luxo. A infância transcorreu sem brinquedos caros ou viagens de férias. Talvez por isso minha mãe fosse tão enérgica comigo. Talvez quisesse que eu fosse alguém na vida. E não podia amolecer. Homem não chora! O desejo de mostrar a ela que eu era capaz me acompanhou durante a infância e a adolescência. Como uma agulha cravada na pele. Ali, à vista, não me deixando esquecer nem por um momento que, se eu fosse alguém, teria o afeto tão ansiado. Teria o amor da minha mãe.

Também foram tempos penosos os da minha juventude. Quando meu pai faleceu, eu já havia me mudado para São Paulo e fazia faculdade. Vivia por minha conta. Minha mãe e minha irmã, no interior, se sustentavam com as poucas oportunidades de trabalho que uma cidade pequena oferece. Só isso. Nada de pequenos prazeres nem extravagâncias. Uma vida controlada. Na ponta do lápis. Eu ganhava pouco, mas conseguia mandar alguma ajuda.

Conseguira entrar em uma faculdade do Estado. Já era uma economia! Todos os dias eu fazia contas e mais contas, para ver como chegar até o final do mês. Não raro, tinha de ir trabalhar a pé, para economizar o dinheiro do ônibus e ter um trocado para comer um pastel. Não dizia nada a ninguém. As palavras de minha mãe – “Homem não chora!” – continuavam entalhadas a ferro no meu coração, na minha mente, no meu comportamento.

Algumas vezes eu me questionava sobre como seria o outro lado da vida. Onde estavam as marcas de Deus neste mundo? Depois que meu pai se foi, muitas vezes eu me pegava pensando sobre o que acontece quando as pessoas morrem. Onde estaria meu pai? Sempre antes de dormir, essas perguntas me vinham à cabeça, e eu ficava imaginando todas as possibilidades de vida após a morte. Tinha de existir algo além da vida como a conhecemos. Não era possível que nossa existência acabasse com a morte. Não devia ser simples assim.

A luta diária, a busca pela sobrevivência, a necessidade de conseguir meu sustento me fizeram deixar de lado as questões mais elevadas. É difícil pensar nas coisas do espírito com a barriga vazia. Algumas pessoas conseguem transformar o sofrimento em uma espécie de santidade. Eu, não. Quando faltava dinheiro, minha maior preocupação era se teria o suficiente para o almoço do dia seguinte.

“Hoje em dia posso viver como quero”, congratulei-me.

Quando comecei a ganhar dinheiro, queria que todos vissem meu sucesso. Desejava ser reconhecido pelos outros. O valor do status! Não precisava mais batalhar pela refeição do dia. Queria, principalmente, que minha mãe visse aonde eu havia chegado. Era um vencedor!

Não que eu seja milionário. Ganho bem, não nego. Gasto a maior parte do que entra. Claro que gasto com coisas importantes, como ajudar minha mãe e minha irmã. Mas também com outras desnecessárias, como no episódio da decoração do apartamento. Objetos caros. Claro, a arquiteta e decoradora recebia porcentagem das lojas. Foi o que descobri. Quanto mais gastei, mais ganhou. Parece piada, mas não posso reclamar. Advogados também

recebem porcentagens das causas que ganham. A vida no mundo de hoje é assim. Uma corrente cujos elos são os lucros e as perdas de cada um. Todo mundo fala em amor e solidariedade. Mas, diante de qualquer possibilidade de lucro, o próximo é esquecido.

Quando me tornei adolescente e mesmo depois, logo ao entrar na faculdade, tinha muitos projetos. Basicamente, acreditava em fazer o bem. Mas a vida foi dura comigo. Virei um sujeito calejado. Ainda sinto vontade de fazer a diferença, de dar alguma contribuição para o mundo. Não viver somente pensando na parte material. Mas falta coragem para mudar meu estilo de vida. Acabei dedicando quase todo meu tempo a ganhar dinheiro. Ou a gastá-lo em luxos – incluindo os desejos de minha namorada, Érica. É uma contradição interior que só eu sei que existe. Meus sentimentos mais profundos ficaram guardados numa caixinha, escondidos até de mim mesmo. Tranquei minhas emoções a sete chaves. Hoje em dia, só vive bem quem se comporta como fera. Foi assim que aprendi a ser: fera. “Vivo como eu queria viver?”, pergunto a mim mesmo com frequência. Mas quem imagina as minhas dúvidas interiores? Todo mundo me considera um sucesso. Para a sociedade, eu sou um vencedor.

Ali, parado na cozinha, entretido com esses pensamentos, comecei a preparar o café da manhã.

Abri a geladeira. Peguei dois ovos. Quebrei-os em uma tigela. Botei uma pitada de sal. Outra de pimenta. Bati tudo rapidamente. Acrescentei um pouco de leite. Este é o segredo para uma boa omelete: o leite. Coloquei na frigideira em fogo médio e tampei-a.

Enchi um copo com suco de laranja. Botei duas fatias de pão na torradeira. Quando saltaram, a omelete estava quase pronta. Acrescentei duas fatias de mozzarella. Quando o queijo derreteu, dobrei a omelete com uma espátula. Virei no prato.

O café da manhã é minha principal refeição do dia. Muitas vezes, troco o almoço por um sanduíche. À noite... Ah, aí é que entra o meu prêmio! Adoro ir a restaurantes. Conheço os melhores da cidade. Sou guloso, já disse. Só não como muito mais porque Érica vive de regime. Controla não

apenas a própria comida, mas também minhas garfadas. Mesmo nos melhores restaurantes, ela faz questão de comer pouco – e sinto dor na consciência ao escolher dois ou três pratos do cardápio só para mim. Por isso, o café da manhã é o momento do dia em que posso comer quanto quero, me esbaldar, sem ninguém para dizer:

– Assim você vai engordar!

Vou diariamente à academia. É o único jeito de me salvar dos efeitos da minha gulodice. Ah, como adoro comer bem. Para minha sorte, atualmente guloso deixou de ser guloso. Virou *gourmet*. Soa mais chique. Então posso esticar os olhos para as tortas cheias de creme e chantili, que me dão água na boca só de pensar! Mantenho o corpo atlético, embora lute bravamente contra uns pneuzinhos na barriga.

Quase sorrindo, deixei o prato e a frigideira na pia. Fui rapidamente para o quarto. Se continuasse na cozinha, acabaria fazendo uma nova inspeção na geladeira. Coloquei um short de ginástica e uma camiseta na mochila que levo para a academia. Guardei na minha pasta as cópias de um processo que levava para estudar em casa.

Ainda estava de cueca. É meu traje predileto. Seria feliz se pudesse trabalhar só de cueca. Principalmente nos dias mais quentes. Imagino a reação das pessoas se eu comparecesse a um julgamento vestido assim. O susto do juiz, do promotor, das testemunhas. Rio só de pensar. Eu, andando de um lado para outro, de cueca!

Abri meu armário repleto de camisas brancas, ternos pretos, cinza ou azul-marinho. Cor, só nas gravatas. Me arrumei. Eram seis e meia da manhã. “Melhor já ir para o escritório. Assim não pego trânsito”, resolvi. Os congestionamentos na cidade costumam durar horas. Recentemente um jornal comparou a velocidade de uma galinha à de um carro preso no trânsito paulistano. A galinha ganhou. Sempre que olho para aquela fila imensa de carros quase parados, penso em galinhas. Uma granja inteira invadindo São Paulo. Galinhas de todas as cores. Penas para todo lado. Com esse pensamento, encaro o trânsito de bom humor.

Parei em frente ao grande espelho que tenho no closet. Olhei para a imagem refletida nele. Sim, eu definitivamente era um homem elegante. Claro que nenhuma mulher viraria a cabeça, deslumbrada, quando eu passasse. Mas eu tinha meu charme, precisava admitir.

Ao sair do quarto, parei na porta. A cama desarrumada fez o sonho voltar à minha lembrança. Assim como a intensidade de minhas emoções. Refleti como minha reação ao sonho era incompreensível. Por que mexia tanto comigo? “Não faz sentido”, pensei. Pela milésima vez, repeti a mim mesmo: “Esse sonho não tem nada a ver comigo. Nunca vi essa mulher. Não falo espanhol, muito menos aquele estranho dialeto.” E o principal: nunca fizera uma promessa absurda como a do sonho: “Eu te amarei para sempre.”

Amor? Nunca havia amado alguém. Nem me apaixonado. Quando ouvia as pessoas falarem em amor, não entendia todo o entusiasmo com que elas se referiam a esse sentimento. Talvez o amor nem existisse. Quem sabe fosse pura imaginação. Então, como falar em amor eterno?

Impossível entender aquele sonho. Sim, impossível. Devia haver alguma explicação mais profunda. Psicológica. Era questão de tomar coragem e procurar um terapeuta. Buscar ajuda para acalmar minhas noites e não acordar sobressaltado. Angustiado. Precisava de uma boa noite de sono. Coisa que havia muito não tinha. Intimamente tomei a decisão de superar minhas dúvidas e buscar um terapeuta. “Farei isso assim que tiver uma folga no escritório”, pensei. Poderia tratar a tempo se fosse um indício de desequilíbrio. Antes, porém, precisava vencer o medo que tinha de psicólogos e psiquiatras.

Sim, eu precisava me libertar daquele sonho. Principalmente daqueles olhos verdes dos quais continuava a me lembrar quando já estava bem acordado.

3

O trânsito estava tranquilo naquele horário. O tempo, ameno. Passei no escritório, peguei alguns documentos e saí. Havia marcado uma reunião com diretores de uma empresa que ficava do outro lado da cidade. Liguei o rádio. Música orquestrada. Não. Não era para mim, aquele dia. Não depois do sonho que tivera, da madrugada na varanda e do charuto fora de hora. Preferi colocar no noticiário.

Só voltei ao escritório no final da manhã. Mal saí do elevador, Mírian, minha secretária, disparou em minha direção:

– Dr. Alan, bom dia. Ainda bem que o senhor chegou. O Sr. Tobias ligou várias vezes. Disse que tem urgência em falar com o senhor. Ligou para seu celular, mas caiu na caixa postal.

– Desliguei para a reunião...

Essa era outra atitude que também estava se tornando um hábito. Desligar o celular e esquecer de ligá-lo novamente. O que estava se passando comigo? O celular era meu instrumento de trabalho! Ah, o sonho estava realmente tirando minha concentração.

Peguei o aparelho no bolso do paletó. Liguei. Tobias havia telefonado várias vezes. Isso não me espantava. Ele sempre fora obsessivo quando queria alguma coisa.

– Ele disse qual era o assunto?

– Não, senhor.

Tobias é meu melhor amigo. O mais próximo. Eu o conheci na faculdade. Estudamos juntos nos dois primeiros anos. No final do quarto semestre, ele simplesmente abandonou o curso. Por impulso. Achou que ganharia mais dinheiro em um grande negócio. Qual? Nem me lembro mais. Nos últimos anos Tobias muda de negócio para negócio como quem troca de sapatos,

sempre à procura da grande oportunidade para enriquecer. É inquieto, incapaz de se conformar com a rotina. Vive mergulhado em sonhos de grandeza. A impulsividade o acompanha em quase tudo. Se consegue um emprego, larga poucos meses depois. Acredita que não está sendo valorizado. Ou porque julga ter encontrado outro muito melhor, a fórmula para ganhar rios de dinheiro. Pula de profissão em profissão, como se uma fortuna fosse chover sobre sua cabeça a qualquer momento. Como se a riqueza fosse um golpe de sorte, e a vida, uma eterna loteria.

Tobias não tem a menor ideia de como ganhar dinheiro e guardá-lo. Essa é a verdade. Nas poucas vezes em que acertou num negócio, gastou o lucro rapidamente em compras, viagens e outros luxos. Depois de abandonar a faculdade, meteu-se em uma série de empreitadas – venda de carros, produção de legumes orgânicos, organização de eventos – e tentou até fazer carreira como cantor sertanejo. Todas as vezes, garantia: “Agora estou no caminho certo! Vou ganhar uma grana!”

Sempre acabava quebrado.

Eu me espantava com a facilidade que tinha em conseguir sócios para suas loucuras. Ou empréstimos. Ficava mais espantado ainda com a rapidez com que os negócios iam por água abaixo.

Quando nos conhecemos, logo ficamos amigos. Éramos muito diferentes um do outro. Água e vinho, como se diz. Filho de uma família de classe média, Tobias não tinha problemas financeiros, não precisava trabalhar. Só estudava. Ele me emprestava os livros mais caros, que eu não podia comprar. Também me convidava para comer, quando percebia que o dinheiro estava curto. Eu quase sempre aceitava e até hoje agradeço as boas refeições.

Minha vida na época era uma correria só. Trabalhava, fazia estágio, estudava, morava sozinho. Tinha de cuidar das minhas coisas. Nem sempre podia acompanhá-lo nas suas aventuras. Embora vontade não faltasse. Enquanto eu buscava uma carreira, estabilidade profissional, ele se aventurava em negócios e mais negócios. Sempre com a cabeça nas nuvens, sonhando com a fortuna que chegaria com o amanhecer. Mas, como diz o ditado, dinheiro não aceita desaforo. Com o passar do tempo, a situação

financeira de meu amigo foi piorando. Ao contrário da minha, que melhorou bastante. A situação se inverteu. Agora era eu quem tinha condições de ajudar Tobias. Só me recusava a entrar como sócio em seus negócios. Seria o caminho mais rápido para perder a amizade que, para nós dois, era tão importante. Sempre que podia, tentava botar juízo na cabeça dele.

Alguns anos atrás me tornei sócio de um grande escritório e comecei a ganhar dinheiro. Mesmo assim, eu evitava emprestar dinheiro a Tobias na esperança de que, movido pela necessidade, ele se dedicasse a uma profissão mais sólida. Ou, pelo menos, permanecesse em algum emprego. Com o passar do tempo, comecei a ajudá-lo com pequenas quantias, para impedir que passasse necessidade. Seus pais agora viviam de aposentadoria e não podiam arcar com despesas extras. E Tobias tinha a própria família para sustentar.

Quando o conheci, meu amigo apaixonava-se com facilidade. Tanto que, quando apresentava uma namorada nova, garantindo ser o grande amor de sua vida, eu fazia piada: “Vamos aguardar a próxima.”

Ele me olhava torto. Eu ria. Sabia que na semana seguinte lá estaria ele com outra pessoa, dizendo que não saberia o que fazer se ela o deixasse. Eu? Só esperava para ver! Porque era sempre Tobias que as deixava.

Foi uma surpresa quando vi que o namoro dele com Helena havia passado do terceiro mês. E do quarto. E mais alguns meses. Susto maior foi quando ele me convidou para ser padrinho de seu casamento.

Quando conheci Helena, percebi uma serenidade imensa em seus gestos, em sua maneira de sorrir. Em seu olhar. Mas também havia uma firmeza incrível em sua voz. De quem sabia o que queria. Talvez ela conseguisse colocar juízo na cabeça de Tobias. Tornasse meu amigo um homem sensato.

Que ideia, a minha! Quando teve uma maré de sorte, Tobias convenceu a mulher, embora com dificuldade, a deixar o emprego de professora. “O salário dela é muito baixo. Não vale a pena”, justificou.

Realmente, Helena não ganhava bem, mas aquela era a única fonte de renda fixa do casal. Quando os negócios de Tobias mais uma vez deram

errado, ele e Helena ficaram completamente sem dinheiro. A filha deles, Alice, chegou em uma época de vacas magras.

O nascimento do bebê e os primeiros cuidados exigiram boas somas de dinheiro. Alice tinha uma lesão cerebral. Precisava de cuidados médicos intensos. Eu jamais abandonaria meu amigo naquele momento. Ajudei bastante a família. Helena queria voltar a dar aulas, mas a filha exigia dedicação total. Tobias continuava tentando novos negócios. De tempos em tempos, eu “emprestava” novas quantias. “Empréstimo” é uma forma educada de falar de doação pura e simples. Eu sabia que o dinheiro nunca seria devolvido. Mas minha vida profissional ia cada vez melhor, então que importância tinha? E eu era maluco pela menina. Sim, Alice era especial. Era também a garotinha mais adorável do mundo!

Eu nunca a deixaria sofrer por causa da falta de juízo do pai.

Tobias jurava que a qualquer momento faria um grande negócio. Seria milionário. Até me prometia: “Ainda vou lhe dar uma casa à beira-mar! E compensar a ajuda que tem me dado.”

Nessas ocasiões, eu e Helena nos olhávamos disfarçadamente. Fazer o quê, se Tobias sonhava acordado? No íntimo, ele era como um irmão. Era assim que eu agia: como o irmão cuidadoso de um desmiolado.

Balancei a cabeça. Se ele estava me ligando com tanta insistência, devia ter um bom motivo. Algum problema. Concluí: “Tobias precisa de dinheiro. Um novo ‘empréstimo’. Seria o aluguel, a escolinha da Alice?”

Liguei. Ele atendeu ao primeiro toque.

– Alan! Que bom! Estava louco para falar com você!

Já ia perguntar: “De quanto precisa?”, mas não deu tempo.

– Você não sabe o que aconteceu.

– Que tal me contar? – perguntei, meio irônico, meio sorrindo.

Fui até minha sala. Coloquei a pasta em cima da mesa e me acomodei na confortável cadeira de couro. Quando contava alguma história, Tobias se prendia aos detalhes. Pelo visto o telefonema seria longo. Comecei a separar os papéis sobre minha mesa em pilhas, de acordo com a urgência. Mas desta vez ele foi direto, objetivo. Disparou:

– Recebi uma herança.

– Como assim, herança? – perguntei, surpreso. Aliás, tão surpreso que minha mão ficou paralisada sobre os papéis que eu arrumava.

– De um tio, irmão da minha mãe.

– Eu nem sabia que você tinha um tio, Tobias.

Mais uma novidade dele. E eu pensava que o conhecia bem! O que mais havia na vida do meu amigo que eu não sabia?

Sem nem me dar tempo para pensar, ele já foi logo respondendo:

– Eu não o conheci. Só sei que se chamava Ciccillo. Era bem mais velho que minha mãe. Fugiu com um circo quando era mocinho.

“Deve ter sido o outro doido da família”, pensei. Não resisti e fiz uma brincadeira:

– Agora sei a quem você puxou, Tobias.

Ele se ofendeu. Como se eu tivesse dito um absurdo. Como se não fosse igual ao tio, capaz de largar tudo e fugir com um circo.

– Não faz piada, Alan, é sério.

– Tá bom, então me explique melhor essa história de herança – falei, o mais sério que pude.

“Lá vem mais uma história mirabolante de Tobias”, pensei.

– Também não sei muita coisa.

Tobias começou sua longa história: o tio sonhava com o mundo fora da fazenda em que vivia. Certo dia, um circo chegou à cidade. O menino se encantou. Fez amizades. E partiu, contra a vontade de todos. Enviava notícias. Quando o circo estava pelas redondezas, ia visitar os pais e a irmã. Na última vez em que a mãe de Tobias viu o irmão, meu amigo ainda estava na faculdade.

– De vez em quando, ele mandava um cartão-postal. E minha mãe escrevia para o endereço que tio Ciccillo colocava no remetente. Chegou a lhe mandar uma foto minha, porque achava que eu era parecido com ele. Quando tio Ciccillo escreveu outra vez, disse que a semelhança era mesmo muito grande. E só. Nunca mais deu notícias – explicou Tobias.

– Nesses tempos de internet, de e-mail, como alguém pode ficar sem notícias? Ainda mais de um irmão?

– Alan, você conhece minha mãe e meu pai. Têm lá a vidinha deles. Nunca aprenderam a mexer com computador. Meu tio fugiu de casa sem ir adiante com os estudos. Foi viver a vida dele, de nômade, parando com o circo em muitas cidades. Minha mãe sabe disso por causa dos cartões. Duvido até que usasse internet para alguma coisa.

– O que ele era? Trapezista? Palhaço? – quis saber.

– Não tenho a menor ideia. De vez em quando minha mãe falava do espírito aventureiro do irmão. Quando eu era pequeno e via um circo, mesmo esses menores, de bairro, pobrezinhos, pensava: “Será que é o circo do meu tio?” Era engraçado, porque eu tinha vontade de conhecê-lo. Para mim, era um herói destemido! – arrematou Tobias.

Fiquei impressionado com o jeito de meu amigo falar, encantado pelo tio. Afinal, já fazia muito tempo que éramos amigos e ele nunca contara nada a respeito. Mais uma surpresa!

– Ele nunca mais veio nos visitar, vivia pelas estradas com o circo – completou.

Era uma história esquisita. “Por que uma pessoa deixaria uma herança para um sobrinho que só conhecia por fotografia?”, me perguntei. Por outro lado, como advogado, aprendi que as pessoas nem sempre agem como esperamos. Quando se trata de heranças, então, nem se fala. Às vezes a leitura de um testamento é uma surpresa agradável para toda a família. Em outras, o início de uma guerra em que relacionamentos fraternos são destruídos por causa de um jogo de porcelana! O que haveria por trás da herança de Tobias? Senti um calafrio. Perguntei, francamente aterrorizado:

– O que foi que ele deixou? Não vá dizer que foi um circo. – Já estava vendo meu amigo dependurado num trapézio. Continuei: – Não, não! Tobias, você pretende dirigir um circo? Viver ao léu? Eu não vou deixar você sair por esse mundo afora com mulher e filha. Não vai querer que a Alice viva num circo, para cima e para baixo!

Tobias ficou em silêncio. Permaneceu assim por tanto tempo que, se não fossem os ruídos ao fundo, eu poderia achar que ele tinha desligado o telefone.

– Alan, por que você sempre pensa o pior de mim?

– Devo dizer que tenho motivos? – retruquei, sorrindo.

– Eu tenho mais juízo do que você pensa.

Suspirei. As pessoas costumam ter uma ideia de si mesmas muito melhor do que a realidade. Era o caso de Tobias. Apesar de tudo dar errado nos negócios que fazia, ele se considerava um empreendedor sagaz, apenas vítima de injustiças.

– Só me responda uma coisa: você recebeu um circo de herança e pretende sair pelo mundo, Tobias? – insisti.

– Meu tio não me deixou um circo, não se preocupe. É uma fazenda, Alan. Meu tio me deixou uma fazenda!

– Uma fazenda?

Quase caí da cadeira. Afrouxei a gravata. Será que a fortuna tão sonhada por Tobias teria caído do céu? Ou melhor, de um circo?

– É. Recebi uma notificação. A sorte é que mamãe não se mudou desde a última vez que meu tio apareceu na cidade, por isso foi fácil me encontrar. Meu tio tinha o endereço.

– Detalhes, detalhes! – pedi, querendo saber mais sobre aquela notícia tão surpreendente.

– Pelo que entendi, a fazenda fica próximo a Holambra.

– É bem perto daqui, então!

Eu não conhecia a cidade. Apenas lera a respeito dela. Um pedacinho da Holanda no Brasil. Sabia que a Festa das Flores, no começo da primavera, era famosa no país inteiro e atraía multidões. Dizem que Holambra se transforma na época da exposição. Muita gente vai em busca das tulipas que os imigrantes holandeses cultivam em estufas.

Tobias interrompeu minha divagação:

– Sim, é bem perto daqui, você sabe. Não mais do que duas horas de carro. Imagina eu ter uma fazenda perto de São Paulo! Que sorte grande, Alan!

– Seu tio cultivava flores? – perguntei, tentando fazer meu amigo colocar os pés no chão.

– Estou tão curioso quanto você, Alan. Não faço ideia. Mas, você sabe, mesmo meu tio tendo deixado a fazenda para mim, vai ser preciso cuidar da papelada. Não conheço ninguém em Holambra. Muito menos um advogado. Alan, preciso de você para me ajudar.

Não hesitei:

– Você sabe que pode contar comigo, Tobias. Cuido de tudo pra você. Meu escritório está à sua disposição.

Eu me sentia tremendamente feliz por Tobias. Uma fazenda! Podia ser a solução para a vida dele. O golpe de sorte que ele sempre havia esperado!

– Vou mandar um dos advogados do escritório para lá, Tobias. Ele cuida de tudo.

Houve uma pausa. Seu tom de voz mudou:

– Alan, eu gostaria que você fosse pessoalmente.

– Tobias, cuidar de um testamento é trabalhoso, mas não difícil. Eu mando um dos meus advogados. São todos de confiança, fique tranquilo – insisti.

– Não é bem assim, Alan. Parece que tem alguém contestando o testamento. A pessoa ainda não entrou com a ação judicial, mas fui informado de que vai entrar.

– Quem?

– Uma mulher.

“Estava fácil demais!”, pensei. Disparei minhas perguntas:

– Namorada? Amante? Se ela provar que eles tinham uma união estável, vai ficar difícil para você. Os direitos são semelhantes aos do casamento. O testamento será considerado inválido.

– Não tenho a menor ideia de quem seja. Pelo que entendi, é muito jovem.

– Qual era a relação dessa garota com seu tio?

– Não sei nada. Mas ela deve ter algum motivo pra contestar o testamento, não é? – Ele deu um suspiro profundo. – Alan, preciso muito da sua ajuda.

Pela primeira vez na vida, meu amigo não parecia tão otimista. Havia angústia em sua voz:

– Esta pode ser a grande oportunidade da minha vida. Você mesmo sempre vive dizendo que já não tenho idade para ficar atrás de aventuras.

Fiquei em silêncio. Ele parou por um instante. Como viu que eu não falei nada, continuou, agora em tom de lamentação, algo que nunca vira Tobias fazer:

– Nunca tive um emprego estável, nem conseguiria algum se procurasse agora. Para o mercado de trabalho, sou considerado velho. Ainda mais sem experiência em nada específico. Você sabe como é. Todos os meus negócios deram pra trás. Essa fazenda pode ser a solução para minha vida, Alan. Pode ser o fim dos meus problemas.

Não era impressão minha. Tobias estava diferente. Parecia ter entendido que não dava para levar a vida como se fosse uma eterna aventura, sem responsabilidade nem planos para o dia seguinte. E ele estava certo. O mercado de trabalho é cruel com pessoas que se aproximam dos quarenta anos. Principalmente sem experiência anterior. “Finalmente ele tomou consciência da realidade”, pensei.

Meu amigo não perderia a fazenda. Nunca! Fosse quem fosse a golpista, eu a faria perder. Jamais falharia com meu amigo.

– Se tem alguém contestando, vou eu mesmo, Tobias. Fique calmo. Agora me conte o que sabe, mesmo que seja pouco.

– Liguei para o advogado que está cuidando das coisas do meu tio. Dr. Balthus. Ele foi bem lacônico. Só disse o que acabei de falar para você. Mas vou para lá ainda hoje.

Conversamos um pouco mais. Combinamos tudo. Eu iria na manhã seguinte. Precisava de pelo menos um dia para avisar meus sócios e deixar tudo organizado no escritório.

Eu tinha certeza de que poderia ajudar Tobias. Tinha experiência, conhecimento, reputação. Já havia trabalhado em casos muito difíceis e sempre tivera sucesso. “Com a experiência que tenho, essa mulher não vai ter a mínima chance”, pensei.

– Amanhã vou pra lá – confirmei. – Ligo do hotel para a gente se encontrar – falei. – O melhor é falar logo com esse Dr. Balthus e tomar pé da situação.

Você me liga ainda hoje para dizer em que hotel vai ficar? Assim ficamos no mesmo.

– Parece que posso ficar na fazenda.

– Já?

– Foi o que eu entendi. O Dr. Balthus está com as chaves da casa sede, disse que posso ficar na fazenda. Até insistiu. Deu a impressão de que queria me entregar logo as chaves – contou Tobias.

– É estranho, não acha?

– Mas é melhor para mim. Vou com a Helena e a Alice, pronto para passar um bom tempo.

Alguma coisa estava errada naquela história, eu tinha certeza. Se o testamento estava sendo contestado, com o risco de uma ação judicial, por que o advogado entregaria as chaves ao Tobias? Arrisquei:

– Você teve mesmo a impressão de que ele estava ansioso para você ficar na fazenda? – perguntei.

– Tive. Fiquei até surpreso. Mas, já que ele vai me entregar as chaves, vou ficar lá. Depois ninguém me tira – insistiu Tobias, agora voltando a ser meu velho e aventureiro amigo.

– Cuidado. Não é assim. Se você perder o processo, vai ter que sair, sim – alertei.

Eu estava disposto a me entregar de corpo e alma àquela causa. Mas era bom não deixar Tobias pensando que tudo seria muito fácil. Senão, a cabeça dele iria parar nas nuvens, como sempre.

– Às vezes é melhor ser radical. Comigo morando na fazenda, vai ficar tudo mais difícil para essa mulher que está contra o testamento.

Já conhecia Tobias o suficiente para saber que seria inútil argumentar durante horas. Ele não mudaria de opinião. “Está achando que a fazenda é a grande cartada de sua vida”, pensei. Só me restava torcer para que não desse tudo errado mais uma vez. Ainda tentei aconselhar:

– A atitude desse advogado é suspeita, Tobias.

– Alan, vamos combinar a viagem?

Desisti. Se queria ajudar meu amigo, teria de ser garantindo os direitos dele sobre a fazenda. Conselhos eram inúteis. Combinamos que eu ligaria quando chegasse a Holambra.

– É melhor você já avisar ao advogado que vou chegar amanhã – falei.

Mentalmente, decidi que seria melhor levar uma mala com roupas para vários dias. Não sabia o que me esperava. A única certeza que eu tinha era que precisava ajudar Tobias.

Desliguei o telefone, apreensivo. Meu sexto sentido insistia em me dizer que algo não estava certo naquela história.

Uma coisa eu não imaginava. Aquela viagem iria mudar minha vida para sempre!

Meu faro de advogado acostumado a situações esquisitas me dizia que havia algum problema pela frente. Lá estava eu metido em uma história que poderia nos trazer mais dor de cabeça do que alegria. Como sempre, tudo na vida de Tobias era um grande nó a ser desfeito.

Ajeitei-me na cadeira, abri uma pasta que minha secretária, Mírian, havia colocado bem no centro da mesa e comecei a despachar as coisas mais urgentes. Mentalmente, já planejava o que fazer.

Avisar a meus sócios que ia ficar afastado por uns dias foi fácil. Eles se comprometeram a monitorar meus processos, como eu mesmo já fizera com os deles. No caso de algum assunto exigir minha presença, eles me avisariam. Difícil seria convencer Érica.

Meu namoro com Érica tinha começado poucos meses antes. Não estou apaixonado. Longe disso. Mas penso, sim, em me casar. Me dou bem com ela, apesar de seu gênio instável. Não minto: também sinto orgulho de ser visto ao seu lado, como se ela fosse um troféu. Espero que ninguém me critique: muitos homens gostam de ser vistos ao lado de mulheres bonitas. Érica é modelo. Alta, magra. Cabelos pretos, pele ligeiramente morena. Traços finos. Olhos amendoados. Tem porte, como se dizia antigamente. É elegante, refinada. Em muitos aspectos, é a mulher ideal para um advogado como eu, pois faz presença diante de qualquer cliente. Tudo bem, já cansei de ouvir que o casamento não pode ser encarado como um negócio. Sempre ignoro esses comentários. Afinal, nunca fui do tipo que acredita em grandes paixões.

Escolher uma mulher como quem preenche uma vaga na empresa não era, no fundo, má ideia. Eu acreditava que o relacionamento tinha muito mais chances de dar certo assim, já que eu estudaria a compatibilidade entre

nossos gênios e a adequação dela aos meus hábitos, entre outros requisitos. Eu precisava de alguém ao meu lado. E por que não uma mulher bonita, que causava impacto em qualquer lugar em que entrasse? Também, preciso confessar, havia uma química muito grande entre mim e Érica. Principalmente entre quatro paredes.

Érica tentou carreira de modelo internacional. Mas, como se diz no mundo da moda, “não aconteceu”. Chegou a desfilas para algumas grandes grifes, morou na Europa por alguns anos, porém nunca conseguiu um contrato milionário. Quem nos apresentou foi seu agente, um amigo meu. Soube por ele que a carreira dela não deslanchou fora do país não por falta de beleza ou de talento. E sim por ser muito temperamental. Achavam muito difícil trabalhar com Érica: ela brigava com cabeleireiros, maquiadores, fotógrafos, estilistas, costureiros. “Às vezes parece que ela se torna outra pessoa”, alertou meu amigo. “Perde a educação, o refinamento, faz escândalo.”

As brigas originaram fofocas, que correram entre outros agentes e produtores de moda. A situação explodiu em seu último desfile em Paris. Érica travou uma guerra porque não gostou do vestido com que teria de entrar na passarela. Quis trocar de vestido. Teimou que ficaria melhor em outro, já destinado a uma colega. Começou o bate-boca. O alvoroço no camarim foi tão grande que as modelos pararam de se maquiar. Os gritos de Érica podiam ser ouvidos de longe. Estava histérica. Resultado: pegou o vestido que deveria usar e cortou a tesouradas. Nunca mais foi chamada para trabalhos internacionais.

Sempre imaginei que a história fosse exagerada. Comigo ela era equilibrada. Gentil. Tinha personalidade forte, é verdade. Gostava de mandar. Queria tudo do seu jeito. Mas nunca a vi perder a linha. Tirando alguns ares esnobes com pessoas que considerava estar abaixo dela, mas nada além disso.

Quando conheci Érica, sua carreira já estava em decadência. Sim! Decadência aos vinte e poucos anos. Logo que voltou da Europa, apesar da repercussão do escândalo, foi convidada para ser capa de algumas revistas de moda nacionais. Depois, para algumas sessões de fotos. Mas, após alguns

meses, só fazia um ou outro catálogo para alguma grife. O cachê, sempre diminuindo.

Como já disse, o dono da agência onde trabalhava nos apresentou. Eu estava sozinho e ele achou que seria ótima ideia conhecer alguém como Érica. Ahhhh... preciso confessar uma passagem da minha vida que não costumo contar a ninguém. Eu o conheci quando era estudante e vivia procurando um bico ou outro para fazer. Engordar o dinheiro do mês era meu objetivo. Na ocasião, também me tornei modelo, embora não pretendesse seguir carreira. Era só um jeito de ganhar dinheiro para ajudar nas despesas. Foi uma carreira curta, eu não tinha o menor talento, apesar da boa aparência. Posei para alguns catálogos de moda, apareci em um ou outro outdoor. E, sim, admito! Fiz também uma propaganda de cueca! É o tipo de coisa que não conto a qualquer um. Não fica bem para um advogado. O presidente de qualquer grande empresa jamais entregaria uma causa importante a um advogado que já foi modelo de cuecas. É preconceito, mas quando se trata de clientes é preciso ser muito cuidadoso. Ainda sinto calafrios nas reuniões com executivas. Às vezes alguma delas me observa demoradamente e pergunta:

– Eu não o conheço de algum lugar?

– Talvez... O mundo é tão pequeno – respondo timidamente.

Quem sabe, anos atrás, quando era adolescente, a executiva de aparência séria tinha meu pôster, de cueca, colado na parede do quarto... Talvez olhasse para mim e imaginasse bons momentos a meu lado... Podia ter me visto nas revistas e nos outdoors onde eu aparecia quase como vim ao mundo, com a excelente forma física dos meus vinte anos. Sempre que surge essa situação, mudo de assunto o mais depressa possível.

Veio daí minha amizade de longa data com o Glauber. E assim nasceu meu namoro com Érica. Meio arranjado. Conveniente para ambas as partes. Começamos a sair, a ir ao teatro, ao cinema e a exposições. Mas ela gosta mesmo é dos eventos sociais. Se recebe um convite para uma festa, já quer logo comprar roupas, sapatos, essas coisas sem as quais as mulheres não vivem. Mesmo tendo dúzias e dúzias de peças que nunca usou.

Para falar a verdade, atualmente eu a sustento. Não foi uma situação planejada. Com pouco trabalho, o que ela ganhava não dava para pagar o aluguel do flat. Passei então a lhe dar dinheiro para pequenas despesas. Em pouco tempo, comecei a dar uma mesada fixa. Depois a sustentar seu estilo de vida. Finalmente, um cartão de crédito, como minha dependente.

Nunca perguntei como foi a vida amorosa de Érica antes de me conhecer. Prefiro viver com alguma sabedoria, e fazer muitas perguntas sobre o passado não é meu estilo. “Quem procura acha”, diz o ditado. Para mim, o que importa numa relação é o que acontece a partir do momento que começamos. Sofrer pelo que aconteceu antes é bobagem. Quando convidei Érica para sair pela primeira vez, foi porque ela era atraente. Continuamos juntos porque nos demos bem não só sexualmente como também na vida de modo geral. Meus sócios e amigos achavam que ela era a mulher ideal para mim. Sabia se vestir, se comportar, me acompanhava em qualquer ocasião. Uma mulher adequada é importante para um advogado em ascensão, para quem jantares com clientes de prestígio são parte da vida profissional.

Como disse, eu pensava em me casar com ela, mesmo sem estar apaixonado, porque amar, eu nunca amara ninguém. Havia namorado muitas mulheres bonitas, agradáveis, inteligentes, bem-humoradas. Nenhuma delas me despertara aquele sentimento de tirar o fôlego. Às vezes eu pensava que meu lado racional era muito forte. Que a luta do dia a dia havia me tornado duro demais. Que meu coração estava fechado para qualquer sentimento que não fosse planejado. Assim, Érica se encaixava com perfeição no meu estilo de vida.

Além do mais, eu já me aproximava dos quarenta anos. Então, por que não casar, ter filhos, construir uma família, como meus amigos? Mas a decisão não passava do pensamento. Nunca chegava a ser tomada. Jamais consegui entender o turbilhão de sentimentos que me invadia quando cogitava pedir Érica em casamento. Parecia que me ligar definitivamente a alguém era uma traição.

“Eu te amarei para sempre.”

As palavras ditas com tanto sentimento no meu sonho voltavam aos meus pensamentos com mais frequência do que eu gostaria, devo admitir. Até me irritavam, eram uma espécie de obsessão. Meu raciocínio lógico de advogado lutava contra esse sonho que interferia na minha vida real, prática. Tentava me convencer de que o ideal seria me casar logo com Érica. Mas, quanto mais pensava na proposta definitiva, mais intensamente o sonho retornava. Se não fosse pela recorrência desse sonho, pela jovem que eu via queimada na fogueira quase todas as noites, talvez já tivesse tomado a decisão.

De todos os meus amigos, o único que não gostava de Érica era Tobias. Sua mulher, Helena, menos ainda. Tentamos sair os quatro juntos algumas vezes. Sempre foi um desastre. Não combinavam em nada. Érica vivia de regime. Se Tobias queria comer pizza, ela assumia um ar de desprezo. Quando Érica insistia em ir a um restaurante elegante, tanto ele quanto Helena deixavam claro que não se sentiam à vontade com a ideia, mesmo porque eu pagaria a conta. “Você já nos ajuda tanto, não quero que gaste ainda mais em luxos”, Helena me disse certa vez. Érica se vestia como uma rainha. Helena era descontraída, usava sapatos baixos, vestidos simples. Algum tempo depois de terem se conhecido, Helena me falou francamente:

– Não gostei dela. Não é para você, Alan.

Perguntei por quê.

– Sinto que ela não é do bem. Desculpe. Mas tenho a sensação de que ela pode fazer mal a você. Muito mal. É só um sentimento meu. Não sei nada sobre a Érica. Nada além do que você me conta. Mas há alguma coisa no jeito dela que, para mim, soa falso. Parece que ela esconde a verdadeira Érica atrás daquela mulher charmosa e agradável.

Helena sempre me surpreendia. Nunca falávamos sobre isso, mas ela tinha uma sensibilidade especial. Também seguia suas intuições. Quando não queria fazer alguma coisa, seguia sua voz interior. Em geral, estava certa. Essa espécie de sexto sentido só não a ajudava muito quando se tratava do marido. Tobias nunca ouvia seus conselhos, por mais que depois eles se

provassem corretos. Helena não costumava dar palpite na minha vida. Se falou de Érica, foi porque sua rejeição devia ter sido muito forte.

A reação de Érica ao casal também foi das piores:

- São dois bregas. Não sei como você pode ser amigo deles.
- Tobias é meu melhor amigo desde a época da faculdade. E a Helena...

Ela me interrompeu, sem pestanejar:

– Não dá para ficar preso ao passado, Alan. Que benefício essa amizade traz para você? Nenhum! Eles não conhecem ninguém importante, não têm status, não circulam pela alta-roda, não recebem convites para nada... Só para jogar conversa fora? Você precisa entender que sua vida mudou. Eu deixei para trás o meu passado. Vivo outra vida, agora!

Nunca concordei com esse ponto de vista. Pelo contrário. Uma pessoa que abandona suas raízes perde um contato essencial com seu passado. Alguém só sabe quem vai ser quando respeita quem foi. Mas entendia o jeito de Érica. Entre os clientes do escritório, havia muitas pessoas que agiam dessa maneira. Gente que veio do nada, mas que escondia as origens. Como se ter pais pobres fosse um segredo pavoroso!



“Não vai ser fácil explicar minha viagem”, pensei, quando fui encontrar Érica à noite.

Minha ida a Holambra atrapalharia seus planos para a semana. Ela já havia confirmado nossa presença em vários eventos. Tinha certeza de que faria uma cena ao saber que eu teria de viajar. Ainda mais por causa do Tobias.

Embora tivesse a chave, toquei a campainha. Érica abriu a porta. Deslumbrante! O vestido preto de grife, colado ao corpo, acentuava sua beleza.

– Você está linda – elogiei, tocando seus lábios em seguida.

Sorri sem entusiasmo. Intimamente, pensei: “Esse vestido deve ter feito um rombo no meu cartão de crédito.”

Não sou pão-duro, mas muitas vezes achava que Érica ia além dos limites. Quando chegava a fatura do cartão de crédito, era de arrepiar. Eu começava

a abrir a correspondência e já sentia meu coração bater feito uma máquina de lavar velha. Nunca sabia qual seria a surpresa. A única coisa de que eu tinha certeza era que a cada mês o número de folhas da fatura aumentava. Não que eu precisasse me preocupar demais com o saldo bancário. Mas gastar assim, à toa, valores exorbitantes em um único vestido ou sapato... Talvez essa forma de pensar fosse resquício dos meus tempos de dureza, quando tinha o mínimo para passar o mês.

Mais uma vez lamentei ter dado o cartão a ela. Claro que fizera isso para facilitar nossa vida. Esperava que ela gastasse dentro dos limites. O problema é que para cada um existe uma noção de limite. E a dela era muito diferente da minha!

Precisava conversar com Érica a respeito de seus gastos. Ganho bem. Muito bem. Vivo bem. Gasto com o que quero. Não preciso me preocupar com o saldo bancário. Daí a comprar um vestido novo por dia, de valor exorbitante... Era demais. Mas aquele não era o momento para discutir o cartão de crédito.

Érica estava pronta para sair e eu precisava falar sobre minha viagem.

– Vamos? – disse ela.

Procurei as palavras certas. Achava muito desagradável desmarcar um compromisso daquela maneira. Tinha de me preparar para sua mudança de humor. Não seria fácil. Titubeei. Olhei de novo para ela: toda produzida. Um sorriso nos lábios. Mas havia também um franzido na testa.

– Vamos? – repetiu ela.

– Não vamos sair hoje, Érica – falei o mais brando que pude.

– Mas nós combinamos ir à festa de aniversário do Glauber. Passei horas me arrumando!

– Vou ter de viajar amanhã cedo. A trabalho – despejei de uma só vez.

– Por que não avisou antes? – reclamou ela, fazendo aquele trejeito com os lábios que eu já conhecia muito bem.

– Só fiquei sabendo hoje à tarde. Tenho que ir, é trabalho.

Érica não costumava discutir sobre meu trabalho. Sabia muito bem que era do escritório que vinha o dinheiro para pagar, entre outras coisas, a fatura

do cartão. Mesmo assim, tentou um argumento para me levar à festa:

– E o que vamos jantar? Não tem nada aqui.

– Vamos pedir alguma coisa. Uma pizza, só hoje.

– Pizza não, que ideia! Estou de regime.

– Você está sempre de regime. Não dá para abrir uma exceção? – pedi com delicadeza. No íntimo, porém, sentia uma irritação muito grande crescer dentro de mim.

– Se eu ficar com alguma gordurinha na barriga, você vai ser o primeiro a reclamar. Por que não damos só uma passadinha na festa do Glauber? Comemos uma coisinha por lá mesmo – falou, meiga.

Não sei por quê, mas essa reação me fez lembrar o comentário que Helena fizera sobre Érica quando a conheceu. Soei duro demais até para mim mesmo:

– Érica, você sabe que não é assim. A gente chega, tem que falar com um e outro e acaba ficando horas. Eu já disse. Tenho que acordar cedo. Viajo de manhã.

– Mas você não tinha nada programado... – insistiu ela, como uma criança mimada.

Eu ainda não tinha conseguido nem respirar, quanto mais responder, e ela já estava com a mão estendida para um convite sobre uma pilha no aparador.

– Quanto tempo você pretende ficar fora? Tem a estreia daquele musical na quarta-feira, lembra? Eu já confirmei nossa presença no coquetel. Vai ser badaladíssimo, para fazer contatos.

Érica fazia questão de ir a todos os coquetéis, festas e estreias para os quais era convidada. Seu pretexto era fazer contatos. Para o quê, não sei, porque profissionalmente não rendiam coisa alguma. Talvez só funcionassem para que ela entrasse na lista de convidados de outras festas e continuasse na roda-viva social.

– Eu tenho realmente que viajar a trabalho. Não sei quanto tempo vou demorar, Érica. Pode ser que o trabalho se estenda.

As mulheres têm um faro especial para explicações mal dadas. Érica desconfiou.

– Alan, tem alguma coisa errada. Que trabalho é esse que apareceu assim de repente?

– O Tobias recebeu uma herança. Vou cuidar da papelada para ele.

– O Tobias! – disse ela, quase gritando. – Eu vou perder a festa do Glauber e a estreia do musical por causa do Tobias?

– É uma herança que ele recebeu – repeti. – Precisa de mim para verificar toda a documentação e dar andamento na papelada.

– Pagar, o Tobias não paga – reclamou ela. – Se fosse um trabalho importante, tudo bem, eu até entenderia. Mas me largar aqui sozinha por causa do Tobias é demais!

– Érica, nem tudo na vida é dinheiro. A minha amizade com o Tobias é antiga e...

– Por favor, Alan. Já cansei de ouvir que na época da faculdade você comia na casa dele de vez em quando. Sinceramente, foram os pratos de comida mais caros do mundo, porque você está pagando por eles até hoje – disparou ela.

– Se você já cansou de ouvir, está na hora de entender que sou muito grato à família do Tobias. A ele principalmente, que me apoiou quando eu não tinha quase nada. Você sempre fica contra nossa amizade.

– Eu não gosto da energia do Tobias. Puxa a gente para baixo. Você é um advogado que cobra fortunas, por que vai perder tempo com essa bobagem?

– O Tobias recebeu uma herança, Érica, e eu quero ajudá-lo – insisti. – Pode ser a chance de consertar a vida dele. É uma fazenda. Se for boa, o Tobias conseguirá se organizar.

Ela riu, meio irônica.

– Tudo bem! Se quer ajudar, ajude. Mande um dos advogados do seu escritório. Por que justamente você, que é sócio, precisa perder tempo com a papelada de uma fazendinha?

Do ponto de vista objetivo, Érica estava certa. Só que na vida também é preciso considerar muitas outras coisas. Minha amizade com Tobias estava

em primeiro lugar. Eu me preocupava com a mulher que queria contestar o testamento. Tinha a sensação de que devia ir pessoalmente.

– Prefiro ir eu mesmo.

– Você vai estragar nossa semana e me deixar aqui, sozinha? Eu já tinha até comprado um vestido novo para a estreia.

“Outro”, gemi intimamente. “Mais um rombo no cartão.”

– Se tudo der certo, volto a tempo da estreia do musical.

– Promete, Alan?

– Prometer, não prometo. Vou tentar, mas não garanto.

A muito custo, consegui encerrar a discussão. Acabamos pedindo comida japonesa, mas o ambiente tinha ficado pesado. Comemos em silêncio, cada um com seus pensamentos.

Logo que terminamos de jantar, me despedi e fui para casa. De mau humor.

Escovei os dentes, tomei um banho. Liguei a televisão. Assisti a um episódio de uma série que estava passando. Adiei o momento de apagar a luz e botar a cabeça no travesseiro. Tinha receio de dormir. Temia o sonho inevitável, não queria enfrentar mais uma vez a cena da jovem queimada na fogueira, sofrer tão intensamente por aquela desconhecida.

Mas precisava descansar. Deitei.

Surpreendentemente, dormi quase em seguida.

Mais surpreendentemente ainda, nessa noite não tive sonhos. Só depois entendi o motivo. Era um sinal.

5

Sai cedo, conforme havia programado. Gosto de aproveitar o sol morno da manhã, observar os matizes da vegetação na estrada. A paisagem. Minhas origens interioranas permanecem enraizadas. Tenho orgulho disso. Olhar as plantações à beira da rodovia, as casas de fazenda, tudo isso aguça minha imaginação. Transformo a rotina da viagem em passeio.

Levei bem mais tempo para chegar do que as duas horas que o Tobias havia falado. Fui devagar. Os pensamentos invadindo minha cabeça. Cenas da minha infância voltaram como um turbilhão. O instinto de “fera” havia ocultado meu lado sensível, eu sabia. Novamente pensei em minha mãe. Talvez ela também tivesse desenvolvido um jeito “fera”, para poder enfrentar a vida. Foi assim, pensando no que minha vida se transformara, que cheguei ao portal de entrada de Holambra.

Quando o avistei, fui tomado de puro encantamento. Era uma construção holandesa típica. Logo vi um moinho. Uma agradável sensação tomou conta de mim. Parei o carro e saí. Fiquei ali, apreciando a beleza do lugar. Me senti como se tivesse viajado no tempo.

Permaneci apoiado na porta do carro, respirando o ar fresco por um longo tempo. Parecia que algo especial estava para acontecer comigo. Foi uma sensação tão forte que até me assustou. “Que bobagem! A cidade é linda mesmo, é diferente. É só isso!”, pensei.

Entrei novamente no carro e fui em direção ao hotel. A cidade exalava tranquilidade. E beleza. Por que nunca havia pensado em visitar aquele lugar? Bom, com a vida que levava, com cliente após cliente, era difícil achar um dia livre, de ócio puro. Pela primeira vez me perguntei se estava mesmo aproveitando a vida.

Segui as coordenadas que minha secretária havia me dado. Ligar o GPS para quê? Preferi a paz da viagem. Estrada livre, cidade pequena. Ah, era melhor deixar a tecnologia para enfrentar a cidade grande.

Não tive dificuldade para encontrar o hotel. Ficava no centro turístico, formado por duas ruas principais e suas transversais. Não imaginava que Holambra fosse tão bonita. Tem um estilo diferente de qualquer outro lugar do interior paulista. As fachadas das casas e dos prédios seguem o estilo holandês antigo. Devido à arquitetura típica, a cidade parece deslocada no tempo e no espaço. “É como se eu estivesse fora do país”, pensei.

Novamente, fui tomado pelo mesmo sentimento que senti ao passar pelo portal de entrada. Forte. Sim, agora eu tinha a sensação de que alguma coisa além de cuidar do testamento me levara para aquele lugar. De novo, meu coração disparou. “Estou criando fantasias. O lugar é charmoso, bonito, é só isso”, tentei me convencer.

Desci do carro carregando a mala que havia feito logo ao acordar. Poucas coisas. Só mesmo o necessário. Afinal, talvez nem precisasse usar nada.

O hotel era o que chamo de honesto – sem luxos, mas agradável. Um lugar que atende bem tanto executivos como turistas. Fica numa esquina da rua principal. Três andares. Como sempre acontece, meu quarto era no último. Não havia elevador. “Posso aproveitar para me exercitar”, pensei, subindo o primeiro lance de escada, carregando minha mala e a pasta da qual raramente me separo. No segundo lance, descobri que estavam pesadas. No terceiro, não pensei em mais nada. Só me arrastei até meu quarto, concluindo que, apesar de frequentar uma academia, minha forma física ainda deixava a desejar. “Quando voltar, vou malhar o dobro”, decidi, com a firmeza característica desses momentos, quando a gente promete a si mesmo algo que jamais vai cumprir.

Eu poderia ter ligado para o Tobias imediatamente. Mais que isso: devia ligar. Mas fiquei curioso para conhecer a cidadezinha. Não costumo almoçar, mas viajar sempre desperta meu apetite. Era uma boa ocasião para comer em algum lugar típico. Tinha plena consciência de que dali a algumas horas teria que me dedicar inteiramente ao problema do testamento, sem

chance de conhecer mais nada. Seria uma lástima passar por um lugar tão encantador sem nem sequer conhecê-lo um pouco.

Retomei o fôlego. Encarei a escada novamente. Descer era bem mais fácil. Fui até a recepção. Pedi indicação de um restaurante. Havia um lugar típico, por exemplo? A garota sorriu por detrás do balcão. Sem dúvida, explicou. Ficava a poucas quadras do hotel.

“São só cinco minutos”, falou ela.

Aproveitei a caminhada para admirar as casas com enormes jardins. Grandes árvores, muitas flores. Muros baixos. “Nem parece que estou no Brasil. Aqui as pessoas não têm medo de assalto”, surpreendi-me. Pensei em Érica. Poderia trazê-la num fim de semana qualquer. Balancei a cabeça. “Ela odiaria. Vive dizendo que foi criada em cidade pequena e que não suporta essa vida monótona.” Não, ela não seria boa companhia para uma viagem bucólica. Mas eu, sim, percebia o charme daquele lugar. Logo adiante, vi a placa indicando o restaurante Warong.

Devia lotar na época da Festa das Flores, ou nos fins de semana, como calculei pelo tamanho do terreno usado como estacionamento, ao lado da construção. Naquele momento parecia quase abandonado. Também, ainda era cedo para qualquer ser humano almoçar. Menos para mim! Meu estômago roncava só de pensar nas delícias de um restaurante típico. Entrei. Havia umas cinquenta mesas, quase todas vazias. Fui atendido com simpatia pelo maître.

– Onde prefere se sentar? – perguntou ele, sorrindo.

Sorri em retribuição. Escolhi uma mesa perto da janela que também dava para um jardim. O maître trouxe o cardápio com especialidades indonésias e holandesas. Usei meu velho truque para decidir o que pedir.

– Qual é o prato que mais sai?

Ele me indicou uma especiaria chamada *Eisben*. Salivei. Joelho de porco assado!

– É um prato alemão, mas também é muito apreciado na Holanda – explicou.

Acatei a sugestão. Vi o maître se afastando e prometi a mim mesmo: “Como o *Eisbein* no almoço e depois só peço uma salada no jantar.” Era uma forma de aplacar a consciência. Imaginei quantas calorias devia ter um Joelho de porco assado. Foi um pensamento relâmpago, porque logo pensei no sabor daquela delícia.

Ia comer sem remorso!

Remorso! Tobias! Ele devia estar me esperando. Como por telepatia, o telefone tocou no mesmo instante. Era ele. Hesitei. A lógica do guloso prevaleceu. Decidi não atender. “Tobias pode esperar um pouco.” O *Eisben* já vinha na minha direção, cercado por linguças, batatas e repolho. Joelho de porco? Era enorme! Se me dissessem que era de elefante, eu acreditaria.

De tão bem assada, a carne derretia na boca. Era um prato generoso, que daria para dois. Até três. Eu me esbaldei. Quando o telefone tocou novamente, mais uma vez a gula venceu minha consciência. “Tobias está ansioso demais.” Como advogado, eu estava acostumado com o nervosismo dos clientes. Se ficasse tão ansioso quanto eles, viveria estressado. Não podia estar acontecendo nada de mais com Tobias. “Deve ser a pressa para regularizar a herança”, pensei. Dei mais uma garfada e continuei a refeição.

Quando terminei, o garçom perguntou se eu gostaria de escolher uma sobremesa. Quase agarrei o cardápio novamente. Mas eu havia comido o *Eisbein* quase inteiro! E as batatas! As linguças! O repolho! “Não posso”, decidi, apesar de não conseguir tirar os olhos das mãos do garçom, que seguravam o cardápio.

– Acho que não devo – falei, sorrindo e olhando para o que sobrara no prato.

Ele sorriu de volta.

– Se o senhor quiser, dê uma caminhada para fazer a digestão. Na rua de trás tem um lago. E o museu.

– Museu?

– O museu dos holandeses. O senhor está com sorte, porque ele normalmente só abre aos sábados e domingos. Hoje tem uma visita

programada, por isso está aberto – Sorriu, me encorajando a ir até lá. – Fica na frente do lago. Tem uma placa indicando.

Meu estômago estava tão cheio que eu seria capaz de sair do restaurante rolando.

Eu devia ligar para o Tobias, é claro. Mas a perspectiva de subir os três andares do hotel para pegar a pasta me aterrorizou. Eu teria que me arrastar pelas escadas, de tão pesado que me sentia. “Melhor perder uma hora mais, fazer a digestão e estar bem para começar”, resolvi. Paguei a conta. Tirei o som do celular, porque cada vez que Tobias ligava eu sentia um peso enorme na consciência.

Sei que meu comportamento pode não parecer muito lógico. Não é. Mas quem disse que sou lógico o tempo todo? Ninguém é. Muitas vezes fazemos exatamente o contrário do planejado. Ainda bem. A vida não pode ser reduzida a um problema de matemática, em que cada coisa que se faz é o resultado de decisões lógicas. Claro que depois é uma correria para consertar, mas tudo bem.

Eu sabia que estava ali em Holambra para cuidar da herança de Tobias. Mas por que não gastar algum tempo para conhecer a cidade? Será que teria outra oportunidade de voltar àquele lugar? Com o tipo de vida que eu levava, seria difícil.

Naquele momento, senti até certa má vontade em ir me encontrar com meu amigo. Queria relaxar. Conhecer os arredores. Respirar aquele ar que trazia uma sensação tão boa.

“Vou dar uma caminhada. Quem sabe ainda consigo comer um doce”, decidi, com o mesmo raciocínio guloso que assumira o comando de meus atos desde que pisara no restaurante. O maître tinha dito que havia uma doceria típica logo depois do lago. A melhor da região. “Não posso passar por Holambra sem comer um doce daqui.” E prometi a mim mesmo malhar mais ainda, mais do que havia prometido anteriormente.

Andei devagar em direção ao lago, apreciando tudo ao meu redor. Outra vez, a sensação de estar em um país estranho tomou conta de mim. A paisagem parecia europeia. O belíssimo lago abrigava cisnes brancos, que

deslizavam na água sem fazer um ruído sequer. De vez em quando, um deles mergulhava. Suavemente. Como se dançasse. Revoadas de pássaros brancos cujo nome não sei dizer também passavam por sobre o lago. Um grupo de capivaras morava nas margens. Admirei a paisagem por mais algum tempo. Minha vontade era deitar no gramado verde e bem cuidado. Relaxar.

As ruas estavam vazias. Somente um ou outro habitante passava por mim. E me cumprimentava, como acontece no interior. A maior parte deles tinha pele clara e olhos azuis, indicando a origem holandesa. Vi a placa que mostrava a direção do museu. Ficava ao lado de um clube. Atravessei a rua. Entrei. Havia também um restaurante, onde se alugavam bicicletas. Depois vinha o museu. Era uma área cercada por muros. Entrei pelo portão. E me surpreendi. O museu era formado por um conjunto de construções.

No balcão da recepção, uma jovem loira, de cabelos longos presos em um rabo de cavalo, me vendeu um ingresso. Não havia nenhum visitante além de mim. Ela acendeu as luzes. Havia um salão de exposição. Passei por painéis que mostravam as primeiras famílias holandesas que se estabeleceram na região. Baús. Móveis. Chaleiras e painéis. Também, é claro, tamancos de madeira. O salão de exposição era pequeno. Enquanto eu observava as peças, conversei com a recepcionista.

– Como conseguiram andar com isso no pé? – brinquei.

– Nem imagino. Acho que naquele tempo as pessoas tinham os pés mais calejados – respondeu ela.

Rimos.

– Você é de São Paulo? – perguntou.

– Sou, sim. Vim resolver um negócio – expliquei.

– Trabalha com flores?

– Não, sou advogado.

– Caso queira conhecer mais sobre Holambra... – disse ela, mostrando-me alguns livros sobre a cidade.

Recusei educadamente. Eu não estava ali para fazer turismo. Tobias me esperava.

Em seguida, explicou:

– Todo esse conjunto dentro dos muros faz parte do museu.

Havia duas casinhas, muito bem preservadas. Não resisti e entrei. Foi como viajar no tempo. Aquelas tinham sido as primeiras habitações dos imigrantes holandeses. Cada uma com sala, cozinha e dois quartos. Tudo muito pequeno. Mas intocado. Cada móvel no seu lugar. As panelas, no fogão. Tive a sensação de que a qualquer momento entraria alguém vindo diretamente do passado, sentaria à mesa e começaria a conversar comigo com seu sotaque holandês.

Sorri. Gosto de imaginar como as pessoas viviam. Pude ter uma noção da dura rotina diária. Havia também um barracão com máquinas usadas pelos primeiros colonos. Tudo muito rústico. “Não havia as facilidades da vida moderna”, pensei enquanto olhava os equipamentos. Já me sentia mais leve. Poderia comer o doce.

– É melhor eu ir agora. Tenho que pegar no pesado. Trabalhar.

Rimos. Ela comentou, simpática:

– Boa sorte. Se quiser voltar mais tarde, o ingresso vale o dia inteiro.

Agradei e me encaminhei para a saída. Atravessei o portão, sempre aberto. Tirei o celular do bolso. Tinha certeza de que haveria chamadas perdidas. De Tobias. Realmente, ele ligara mais duas vezes. Quando estava começando a teclar o número dele, ergui os olhos e vi a doceria, logo depois da avenida larga, com árvores frondosas, pela qual viera até o museu. “Já que demorei, demoro mais um pouquinho”, raciocinei, imaginando quantos tipos diferentes de doces estavam à minha espera. Apressei o passo, a boca salivando só de pensar numa torta típica.

Atravessei a avenida e comecei a subir rumo à doceria.

Alguém vinha na outra direção. A princípio, por causa da calça larga e malfeita, de tecido grosseiro, da camisa solta e do casaco com capuz, pensei tratar-se de um homem. À medida que nos aproximamos, notei, pelo jeito de andar, que era uma mulher. Observei-a sem curiosidade. Seu rosto estava oculto pela borda do capuz.

Quando ela estava bem perto de mim, o vento soprou de lado. Os cabelos compridos e negros escaparam do capuz e voaram sobre o rosto dela. Ela

parou. Tirou o capuz. Tentou prender os cabelos.

Eu a olhei mais uma vez.

Era ela. A jovem que aparecia nos meus sonhos. Virou o rosto na minha direção. E me encarou. A última vez que eu contemplara aquele rosto fora quando as chamas da fogueira atingiram seus cabelos. Mas agora ela estava ali, diante de mim. Devolvia meu olhar, tão surpresa quanto eu.

6

Seus olhos verdes se fixaram em mim. Havia algo estranho no seu jeito de me encarar. Olhar fixo. Intenso. Era uma expressão de... De quê? No primeiro momento, não soube definir. Em seguida, os músculos do rosto da moça se retesaram. Ela recuou instintivamente. O que significava aquilo? Ela fez um gesto como se quisesse se afastar. Foram segundos de indecisão. Então correu.

Quando passou por mim, desviou, como se estivesse diante de uma fera perigosa.

Só havia uma palavra para definir sua expressão. Pavor.

Medo absoluto.

Não tive reação. Fiquei paralisado, imobilizado pela surpresa. O sonho voltou tão perturbador à minha mente que senti gotas de suor correrem pela minha testa. Em qualquer lugar do mundo eu reconheceria aquele olhar.

Quando consegui me recuperar, ela já se distanciava rapidamente. Senti uma pressão insuportável nos ouvidos. O coração acelerado. Um abalo no peito. Foi como se houvesse um pássaro dentro de mim, um pássaro que voava na misteriosa região entre os pulmões e o coração. Batia as asas, preso dentro do meu corpo. Um pássaro, essa é a melhor imagem que consigo criar para explicar minhas emoções cegas e confusas. Minha alma despertava, queria sair de mim, voar ao encontro daquela mulher. Tudo escureceu. Quase caí. Precisei me esforçar para não mergulhar num poço profundo, o poço onde desabava todas as noites nos meus sonhos. Respirei fundo.

Era ela! Mas como havia deixado meus sonhos para surgir em carne e osso na pequena cidade do interior aonde eu viera quase por acaso?

Respirei mais profundamente ainda, tentando levar o máximo de ar aos pulmões. Tentava me acalmar. Uma calma que parecia estar num lugar impossível de ser alcançado. Como nos sonhos. Gotas de suor continuavam a escorrer pela minha testa. Mesmo com o tempo ameno. Eu estava sufocado. Perplexo. Sentia a mesma agonia das noites insones.

Só havia uma maneira de descobrir as respostas: conversar com ela. Sem dúvida, a mulher também havia me reconhecido. Seu olhar, a fuga eram a prova disso. Seria ela perseguida pelo mesmo sonho? Por que fugira? Qual o motivo de tanto medo? Se também ouvisse a linguagem dos sonhos, não saberia que eu só lhe prometera amor?

Voltei a mim. A garota já atravessava a rua. Acelerei os passos em sua direção. Ela olhou para trás, como se percebesse meu movimento. Correu mais ainda. Atravessei a rua. Quando cheguei à faixa do meio, um dos raros caminhões carregados de flores que passavam se aproximou em alta velocidade, na descida. Tive que esperar. Ainda vi, através do alambrado cercado de vegetação, quando ela atravessou correndo o portão que levava ao conjunto de construções do museu.

Foi uma questão de minutos.

Entrei novamente no museu.

Ela estava por perto, eu podia sentir sua presença tão intensamente quanto nos meus sonhos. Olhei ao redor. As casinhas dos primeiros holandeses e o galpão onde se enfileiravam as primeiras máquinas usadas em Holambra estavam mergulhados no silêncio. Entrei no salão onde estavam expostos as fotos e os objetos das famílias pioneiras. As luzes, apagadas. A mocinha na recepção sorriu ao me ver.

– Resolveu comprar algum livro? – perguntou ela. – Temos este aqui com fotos da cidade. Este também, com a história da fundação.

Continuei em silêncio, procurando as palavras certas. Sou bom para falar nos tribunais, mas naquele exato momento as palavras estavam travadas em minha garganta. Tentava descobrir o que dizer. Não podia dar a impressão de que perseguiu uma moça que nem sequer conhecia. Já imaginava a

expressão de terror da recepcionista se imaginasse que estava diante de um maníaco.

Como eu continuava calado, ela insistiu:

– Resolveu ver a exposição de novo?

Acendeu as luzes sobre os painéis com fotos. Tentou sorrir, mas seus lábios apenas se esticaram levemente. Percebi que ela parecia sobressaltada com minha presença. Tentei explicar da melhor maneira possível:

– Quando estava indo para a doceria, vi uma moça. Preciso muito falar com ela.

– De quem se trata?

– Não sei o nome dela. Tem cabelos negros, olhos verdes. Está usando uma calça larga e um casaco com capuz.

A recepcionista me encarou. Era óbvio que aquela conversa soava estranha. Tentei explicar:

– Não me leve a mal... Tive a impressão de que é uma... uma amiga de... de muito tempo atrás. Eu vi quando ela passou pelo portão do museu.

– Se você a conhece, por que não falou com ela? – indagou a garota, com ar intrigado.

Pelo tom da pergunta, tive certeza de que ela sabia onde estava a jovem. Talvez estivesse até escondida em algum dos cantos do salão de exposição. Ou em uma das casas históricas. Fiquei em silêncio por instantes. Devia revelar o mínimo possível, ou ela pensaria que estava diante de um doido.

– A surpresa me fez hesitar. Não me leve a mal. Para mim, é muito importante falar com ela.

Seria impressão minha ou a expressão da recepcionista endureceu um pouco mais?

Preferi ser cauteloso. Recuei.

– Bem... se essa moça aparecer, por favor diga que preciso muito falar com ela – pedi. – Aqui está meu cartão, com meu celular. Insisto: é muito importante.

A garota brincou com meu cartão entre os dedos.

– Agradeço muito se der o recado – me despedi.

Tinha certeza de que ela sabia quem era a moça. Mais ainda, que a ajudara a se esconder. Isso só reforçava minha primeira impressão: a garota que povoava meus sonhos fugira de mim realmente por medo. E pedira ajuda para que eu não a encontrasse. “Mas qual o motivo desse medo?”, me perguntei mais uma vez, tentando recuperar o equilíbrio interior.

Deixei o museu. Impossível me conformar.

“Qual é o sentido de encontrar a mulher dos meus sonhos em carne e osso, viva, se é para ela desaparecer em seguida?” Ainda abalado, caminhei pelas ruas em direção ao hotel. Tentei me acalmar. Resignado, pensei: “Mas quem disse que a vida tem sentido? Quem sabe tudo o que acontece com a gente não seja no fundo uma grande brincadeira?”

Nem me lembrei do doce que poucos minutos antes fazia tanta questão de comer. No caminho, consultei meu celular. Tobias não se contentara em ligar. Enviara também várias mensagens de texto. Em todas elas, repetia que precisava falar comigo o mais depressa possível.

Desde que chegara a Holambra, eu parecia ter esquecido o motivo de minha viagem. E agora havia a moça. Os olhos verdes. Os cabelos. Eram os mesmos da mulher na fogueira! Mesmo naquele momento, vendo as mensagens de Tobias, não me animava a ligar para ele. Minha vontade era passar o dia à procura da moça que eu conhecia tão bem dos meus sonhos. Mas não sabia por onde começar. “Sair pela cidade fazendo perguntas não vai adiantar. Nem o nome dela eu sei!”, concluí.

Tobias me esperava.

De repente, surgiu um fio de esperança. “O testamenteiro, amigo do tio do Tobias, é daqui. É um advogado, deve conhecer muita gente. Pode me ajudar a encontrá-la”, pensei.

De qualquer forma, antes de qualquer coisa o melhor seria tratar da papelada da herança de Tobias. “Certamente o advogado vai poder me ajudar”, disse a mim mesmo.

Foi com a força dessa esperança que subi, dessa vez quase sem perceber, os três lances de escada que levavam ao meu quarto no hotel. Peguei minha pasta com o laptop. Mais calmo, decidi que a melhor estratégia seria não

contar a ninguém que eu estivera frente a frente com a encarnação da garota que via em meus sonhos. “Vão pensar que estou maluco.”

Ponderei. Cheguei a falar sozinho, em voz alta: “E se eu estiver com algum problema mental? Se estiver tendo alucinações?”

Eu sei que o cérebro é capaz de confundir a gente. Podia ser uma garota qualquer. De olhos verdes. Cabelos compridos. Quantas mulheres não deveria haver ali na cidade com as mesmas características? Talvez nem fosse parecida com a de meus sonhos. Eu teria imaginado tudo! E ela? Teria fugido somente por medo da minha expressão, da intensidade do meu olhar?

Tentei raciocinar. Manter o controle sobre minhas emoções. Não sou psicólogo nem psiquiatra, mas já ouvira dizer que um dos sintomas da perturbação mental é confundir fantasia com realidade. A pessoa pensa que algo aconteceu, mas na verdade imaginou tudo. E se aquele encontro tivesse sido apenas fruto da minha imaginação?

Contra o meu lado racional, eu sentia que havia alguma coisa a mais. Algo inexplicável. Mas tão real quanto o fato de eu estar ali, vivo, no quarto do hotel, com o celular na mão, pronto para ligar para o Tobias.

No mais profundo de mim mesmo, eu acreditava no impossível. O sonho se tornara real. Não havia explicação. Mas acontecera. Só havia um jeito de saber o que era verdadeiro e o que era ilusão. Precisava encontrar a garota. E fazer a ela a pergunta certa. Sem titubear. Respirei fundo. Sim, eu precisava vê-la novamente.

O conselho que meu pai sempre me dava para eu me sair bem nos exames escolares veio à minha mente: “Se encontrar algum problema difícil, que não souber resolver, pule para os outros e termine a prova. Só depois volte para ele.”

Esse conselho foi muito útil no início da minha vida profissional. Muitas vezes, ficava paralisado diante de algumas causas. Conversava com os clientes, tentava ter ideias, mas o fato é que não entendia certos meandros jurídicos. Aprendi a deixar esses processos de lado, “cozinhando em banho-maria”, como eu dizia. A ter paciência para encontrar os caminhos. A buscar

soluções com calma e sabedoria para ganhar o processo na hora certa. Ali, parado no meio do quarto, celular na mão, concluí que deveria fazer o mesmo em relação ao encontro com a moça. “É um enigma. Agora não sei o que fazer. Mas vou descobrir.”

Também tomei outra decisão: não sairia da cidade sem conversar com a garota. Eu a encontraria. De qualquer maneira.

Um primeiro movimento abre caminho para novos acontecimentos. Um pequeno gesto conduz a uma nova teia de situações. Foi com esse sentimento que liguei para o Tobias. Era preciso agir. Sempre fui otimista e acreditei que meus passos me conduziram à melhor solução.

– Alan, onde você está? – disse ele assim que atendeu.

Meu amigo estava preocupadíssimo. Logo notei pelo tom de voz. Havia alguma coisa errada. Mas o que poderia ser, se eu nem tinha visto a papelada ainda?

– Por que demorou tanto? – perguntou Tobias.

Sem dúvida, estava muito nervoso.

– Cheguei com fome e fui almoçar, Tobias.

Ele respondeu tão surpreso que pareceu que eu tinha confessado um crime:

– Almoçar? Eu aqui desesperado e você foi almoçar?

– O importante é que agora podemos começar a resolver tudo. Ligue para o advogado. Diga que já vamos encontrá-lo. Estou aqui no hotel, mas, se me der o endereço, podemos nos ver no escritório dele. Até chego antes, para já ir dando uma olhada na documentação.

– Alan, você precisa vir à fazenda – pediu Tobias, muito nervoso.

– É melhor conhecer a fazenda depois. Vamos aproveitar para cuidar da parte jurídica, saber quem é a mulher que está ameaçando contestar o testamento. Na verdade, eu nem devia ter almoçado, Tobias, me desculpe. Mas...

– Estou com um problemão, Alan. Um problemão! – gritou ele, me interrompendo.

– A fazenda é tão ruim assim? – perguntei, surpreso. – Olha, Tobias, terra é terra. Sempre tem valor. Vamos falar com o Dr. Balthus de uma vez. Depois a gente conversa, quem sabe você até vende a fazenda.

Confesso que estava mais interessado em ficar na cidade do que em visitar a fazenda de Tobias. Havia a possibilidade de encontrar a moça de novo, por acaso, como havia acontecido. Dessa vez eu não ficaria tão surpreso. Daria um jeito de falar com ela. No mínimo, a partir da descrição, o advogado saberia me dizer de quem se tratava, disso eu tinha certeza. Afinal, em cidades pequenas quase todo mundo se conhece. Ele me diria como encontrá-la!

Tobias interrompeu meus pensamentos:

– Aconteceu uma coisa que você nem imagina, Alan.

– O quê? – perguntei, tentando concentrar minha atenção nele. Afinal, era por causa de Tobias que eu estava lá!

– Você precisa vir para cá imediatamente, Alan!

– Tobias, não há problema que seja tão complicado – tentei acalmá-lo. – Por que está tão nervoso? Essa mulher que contesta o testamento entrou com alguma ação? Uma liminar? Não se apavore, eu consigo derrubar a liminar, seja qual for. Vamos fazer um inventário muito bem-feito, ninguém vai tomar o que você herdou. Fique calmo.

– Não estou falando do testamento, Alan. Você tem que vir para cá. Precisa ver com seus próprios olhos.

– Tobias, do jeito que você fala dá a impressão que encontrou um ninho de vampiros no porão da casa.

– Sem piada, Alan. Você vai ver que a coisa é séria.

O problema devia ser maior do que eu imaginava. Mas talvez Tobias exagerasse, como sempre. Ele costumava dramatizar as situações.

– Venha depressa, Alan.

Ele explicou o caminho do seu jeito confuso. Desligamos. Com minha pasta na mão, pronto para debater questões jurídicas, descí as escadas, saí do hotel e entrei no carro. A cidade foi ficando para trás.

Depois de rodar por estradinhas estreitas, empoeiradas e cheias de buracos, seguindo as indicações que Tobias havia me dado, finalmente cheguei a uma porteira com uma placa desbotada que um dia fora vermelha. Era um antigo letreiro de circo, cujo nome estava apagado. Acima das letras borradas havia figuras de palhaços, mágicos, domadores, bailarinas. “Só pode ser aqui”, pensei.

Buzinei. O próprio Tobias veio correndo. Abriu a porteira. Entrei. Depois de fechá-la, ele entrou no carro. Olhos arregalados. Cabelos desarrumados. Expressão exausta.

– O que houve, Tobias?

– Não dormi a noite toda. Estou uma pilha de nervos desde que cheguei. Só não pedi socorro antes porque você já estava vindo, Alan. Já vai ver o que é.

Dirigi cerca de cem metros por uma estradinha de terra cercada por primaveras floridas. Ao fundo, havia uma casa de alvenaria pintada de branco, com janelas azuis. Uma varanda grande na frente. Parecia um pedaço do paraíso.

– Tobias, o que está acontecendo?

– Você já vai entender, Alan.

A janela do carro estava aberta.

“Que delícia sentir esse ar puro!”, pensei.

Subitamente, ouvi um som. Estranho. Não soube identificar. Com certeza não era um mugido. Parecia mais... selvagem!

– Que foi isso, Tobias?

– Já estamos chegando, você vai ver com seus próprios olhos. Tem que me ajudar.

– Seja mais claro, Tobias. Me explique logo! Para que fazer tanto mistério?

Ele preferiu silenciar. O que era mais estranho ainda, porque meu amigo costumava falar pelos cotovelos. Parei o carro em frente à varanda. Helena saiu, com Alice pela mão. Sorri. Surpreendentemente, ela, que era sempre tão simpática, nem sequer retribuiu o sorriso.

– Alan, tira essa loucura da cabeça do meu marido – disparou, sem explicar do que se tratava.

– Helena, o que está acontecendo?

– Ainda não contou pra ele, Tobias?

– Prefiro mostrar – Virou-se para mim. – Só assim você vai entender tudo, Alan.

O que estava se passando, afinal?

Nunca vira Helena tão séria. Nem tão impaciente com o marido, apesar de todas as loucuras que ele cometia.

– Mostre, Tobias, mostre e veja o que o Alan diz. Só estou avisando. É a gota d'água. Não vou suportar.

Bem que eu gostaria de amenizar a situação. Mas o que dizer para um casal em pé de guerra sem nem saber o motivo? Buscava as palavras quando ouvi novamente aquele som estranho.

– Façam o favor de me explicar o que está acontecendo! – exigiu. – Não aguento mais tanto mistério.

Tobias me puxou pelo braço.

– Venha cá.

Contornamos a casa. Então, eu vi.

Havia três jaulas velhas na parte de trás do terreno. Senti um cheiro forte. Os sons estranhos e selvagens aumentaram de intensidade.

As duas primeiras jaulas estavam vazias. As portas enferrujadas, escancaradas. Na outra deparei com dois leões, que me encararam placidamente. Soube, depois, que era um casal. A jaula estava fechada apenas por um grosso trinco de ferro, também enferrujado e provavelmente muito fácil de ser aberto.

– Tobias, o que é isso? – perguntei.

– Dois leões, como você está vendo – respondeu ele, impaciente.

– Sei muito bem que são dois leões. Mas o que fazem aqui?

Tobias explicou rapidamente:

– Lembra quando me perguntou o que meu tio fazia no circo, Alan? Se era palhaço, trapezista? Nenhum dos dois. Era domador, Alan. Os leões são

parte da herança que ele me deixou.

Fiquei sem palavras. Como alguém podia herdar dois leões? Eu já vira testamentos estranhos, mas... leões! Só mesmo com Tobias podia acontecer uma coisa dessas!

– O que você pretende fazer com eles? – perguntei, já imaginando que a resposta seria “doá-los”, ou coisa parecida.

– Cuidar, é claro.

– O quê? – falei, chocado.

Como eu era ingênuo em relação a Tobias. Com ele, nada era previsível!

Entendi a fúria de Helena e o nervosismo de Tobias. Pobre Helena! Tinha chegado ali cheia de esperanças de que, finalmente, fossem assentar a vida com a herança. Agora teria que se transformar em babá de... leões?

– Tobias, não estamos falando de dois poodles. Ou de gatinhos. Mas de leões. Pretende pentear a juba deles? – ironizei, indignado com sua resposta.

Meu amigo ergueu a cabeça. Eu conhecia aquele gesto. Todas as vezes que se atirava em algum negócio que todos sabiam ser uma loucura, assumia a mesma expressão de teimosia e determinação.

– Meu tio deixou um pedido: quer que eu cuide dos animais. Está junto com o testamento. Ele era muito ligado a eles, sabe? Eram seus bichos de estimação.

É difícil deixar um advogado sem argumentos. Mas Tobias havia conseguido. Ele ainda continuou:

– E tem mais: segundo o testamento, eu só fico com a fazenda se cuidar dos leões.

– Esse tipo de cláusula não tem valor legal neste país – rebati. – Funciona como expressão do desejo do falecido. Mas é só.

– Para mim tem valor mais que legal. Meu tio confiou em mim – retrucou Tobias.

Tentei botar juízo na cabeça dele.

– Tobias, você tem ideia de quanto custa alimentar esses animais? Eu não sei exatamente, mas um leão devora quilos e quilos de carne por dia. – Antes

que ele respondesse, perguntei: – Quem dava comida para eles antes de você chegar?

– O Dr. Balthus. Quando cheguei e vi os bichos, falei com ele. Explicou que, agora que assumi a fazenda, a conta é minha.

Então era por isso que o advogado dera posse imediata da fazenda a Tobias! Para se livrar da despesa com os leões!

– Velho safado! – exclamei automaticamente, presumindo ser um homem tão idoso quanto o falecido tio de meu amigo. – Jogou a responsabilidade em suas mãos! Tobias, você tem uma família para sustentar. Vai trocar mulher e filha por dois leões?

Helena tinha razão em estar furiosa. Tobias dessa vez estava mais do que ultrapassando todos os limites. E olha que os limites dele já eram bem amplos!

– Helena quer que eu abra mão do testamento e fique longe desses bichos.

– Eu já disse que não é necessário. Esse tipo de cláusula não é legal aqui no Brasil. Penso que qualquer juiz vai concordar comigo. Nem sei como uma exigência dessas foi incluída no testamento. É fácil contestar algo assim. Você fica com a fazenda e se livra dos leões.

Tobias me olhou tão surpreso como se eu tivesse dito que a Terra é quadrada.

– Você ainda não entendeu, Alan. Eu quero ficar com eles.

– Por quê?

– Foi um pedido do meu tio.

– Um tio que você nem conheceu.

– Eu não sei explicar. Quando vi os leões, senti que devia cumprir a vontade de meu tio. Alan, você precisa me ajudar.

– Eu? – falei.

8

Entramos na casa. Helena pisava duro, o queixo erguido, pronta para uma batalha. Era a primeira vez que eu a via nervosa com as loucuras do marido. Ela parecia prestes a rugir como os leões!

– Alan, explique para o meu marido que não temos a menor condição de sustentar dois leões. Mal nos aguentamos sobre as próprias pernas... – ela falou, mais branda do que eu esperava, pedindo meu apoio.

– Daremos um jeito – sustentou Tobias, como sempre fazia em situações de crise, mesmo que estivesse prestes a afundar.

Tentei avaliar a situação.

– Seu tio não deixou mais nada? – perguntei.

– Tem uma espécie de galpão mais adiante, com o que sobrou do circo. Pode ser que dê para vender alguma coisa – respondeu ele.

Não me deixei contagiar pelo falso otimismo.

– Eu perguntei sobre dinheiro. O advogado falou sobre algum investimento? Pelo menos um saldo bancário, por mínimo que seja, seu tio deve ter deixado!

Meu amigo balançou a cabeça em negativa. Fiquei surpreso.

– Mas algum dinheiro no banco seu tio devia ter. Do que ele vivia, afinal?

Dessa vez foi Helena quem explicou. Pelo visto já estava tentando encontrar uma maneira prática de resolver a situação.

– A fazenda produzia queijo de cabra. Tem uma pequena fábrica lá nos fundos – disse.

Helena chegou até a janela e apontou para uma construção pequena. Contou também que havia um empregado que cuidava das criações e da horta.

– O rapaz disse que só estava esperando a gente chegar para ir embora. Ele morre de medo dos leões! – continuou Helena.

Olhei para Tobias. Fiz de conta que não ouvi o último comentário de sua mulher. O ambiente já estava tenso demais para eu botar mais lenha na fogueira com minha opinião.

– Alguém devia ser o responsável pela fabricação. Por conta da idade, seu tio provavelmente não dava conta de fazer queijos.

– Não tenho a mínima ideia de quem fazia isso – respondeu ele, meio sem graça.

– Podia ter perguntado ao advogado. Ele não era amigo do seu tio? – rebati.

– Nem me passou pela cabeça.

Suspirei. Meu amigo não tinha nenhum senso prático mesmo!

– Pensei em continuarmos com a fabricação de queijos – arriscou Tobias.

– Eu não sei fazer queijos. Você sabe? – rebateu Helena, esfregando as mãos uma na outra.

Era sinal de que ela estava prestes a perder o controle. Coisa rara!

Todos ficamos em silêncio. Era óbvio que Tobias não sabia fazer queijos. Ele só sabia ter ideias. Helena desabafou:

– Se vamos ficar com a fazenda, a primeira coisa a fazer é nos livrarmos do casal de leões. Ou abrimos mão de tudo!

Tentei ser o mais racional possível, diante das circunstâncias.

– Devolver a herança está fora de cogitação – ponderei. – Vender a fazenda correndo também. Para isso, seria preciso colocar o preço lá embaixo. Vamos adiante com o inventário. Enquanto isso, pensaremos no que é melhor.

– Só que não temos dinheiro para esperar o inventário. Vamos gastar toda a herança e muito mais para dar de comer aos leões – disse Helena, num tom mais alto que o normal.

Insisti mais uma vez no que parecia a única solução:

– Tobias, seu tio deve ter deixado mais alguma coisa. Tem certeza de que o Dr. Balthus não falou nada a respeito?

– Pelo que entendi, ele tinha mais duas propriedades na cidade. Só que deixou para outros herdeiros.

– Quem? – perguntei de pronto.

– Não tenho a menor ideia – confessou Tobias.

Ouvi os leões rugindo lá fora. A situação exigia rapidez. Seria impossível esperar meses, talvez anos, pela conclusão do inventário. Além do mais, minha intuição profissional estava dando sinais de vida. Como advogado, eu sentia que havia algum aspecto a ser entendido, capaz de explicar o que estava acontecendo.

– Tobias, ligue para o Dr. Balthus. Vamos falar com ele o mais depressa possível. Acho que ele pode explicar muitas coisas.

– Eu já tinha avisado que você estava para chegar, Alan. Pedi que ele reunisse toda a papelada, para você ver de uma vez.

– Peça também para ele agendar uma conversa com a pessoa que está contestando o testamento. Preciso de um panorama completo de tudo o que está havendo.

– É uma moça. Parece que ela tem um irmão que também se considera herdeiro do meu tio. Mas é ela quem está à frente de tudo.

– Ótimo, vamos resolver tudo de uma vez! Ligue e pergunte se podemos ir agora ao escritório dele.

Enquanto meu amigo falava com o advogado, eu e Helena trocamos um longo olhar. Pelo que percebi, sua paciência estava no limite. Eu precisava resolver a situação bem depressa. Inclusive para salvar o casamento de Tobias.

Quando ele desligou o telefone, disse:

– O Dr. Balthus nos receberá dentro de duas horas.

A cidade ficava perto, então ainda tínhamos tempo. Pedi para conhecer a fabriqueta de queijos. E depois o galpão que guardava os apetrechos do circo. Talvez houvesse algo de valor para vender. Tomara. De uma coisa eu estava certo: se não aparecesse dinheiro rapidamente, quem acabaria sustentando os leões seria eu!

Já gastei dinheiro em muita coisa na vida. Mas ser padrinho de dois leões era algo que eu nunca tinha imaginado!



Minhas piores previsões se concretizaram. Não havia uma fábrica de fato. Só um pequeno espaço de produção artesanal de queijos. Um fogão a lenha gigantesco. Dois grandes recipientes onde o leite era aquecido, um frigorífico caindo aos pedaços, filtros, formas, coalho armazenado e sal. Tudo antigo. Surpreendentemente, também muito limpo.

– É bem pequeno – comentou Tobias. – Quanto queijo um lugar deste tamanho pode produzir?

Tentei ser otimista. Afinal, como bom guloso, de comida eu entendo alguma coisa.

– Nesse tipo de negócio não é a quantidade que importa, Tobias, e sim a qualidade. Queijos artesanais custam mais caro.

Os olhos de meu amigo brilharam.

– Pensando bem, posso ganhar uma fortuna, não posso?

Se fosse arrebatado por mais um sonho de grandeza, Tobias seria capaz de meter os pés pelas mãos mais uma vez. Avisei:

– Menos, Tobias, menos! Sem planos! Vamos ver o que acontece. Cai na real!

Ao sairmos da fabriqueta, ele olhou para trás duas vezes. Percebi que já estava pensando em se tornar um grande produtor de queijo. “Vai dar tudo errado”, pensei. “Tobias vai se transformar em queijeiro de repente? E ainda por cima criar leões? Ah, meu Deus!”

Fomos ao galpão onde estava o material circense. Era uma construção de madeira, com pé-direito alto, muito bem-acabada. Não se via uma única fresta entre as tábuas. A porta antiga, de madeira maciça, era arrematada por um trinco enorme. Nunca vi uma fechadura daquele tamanho. E a chave? Poderia servir como arma, de tão grande que era!

Quando entramos, fiquei alguns minutos parado, observando tudo ao redor. A lona do circo, muito velha e ressecada, estava dobrada em um canto

logo depois da entrada. Três bolas enormes, provavelmente usadas em apresentações com ursos, atualmente proibidas na maioria dos estados. Um baú entalhado à mão, encostado em uma das paredes, parecia uma relíquia. Não resisti. Abri o baú. Estava repleto de velhas roupas para os números apresentados no circo. Misteriosamente, estava tudo dobrado e limpo: trajes de palhaço, de bailarina, narizes, cartolas, óculos gigantescos, malhas bordadas com lantejoulas. Voltei minha atenção para as paredes do galpão, onde havia objetos de todo tipo. Tambores, um trombone enferrujado, gaiolas, placas antigas, uma carrocinha de algodão-doce aposentada.

Um movimento no alto chamou minha atenção: dois trapézios presos no teto haviam se movido impulsionados pelo vento que entrava pela porta.

Uma rede protetora estava montada entre o chão e o teto. Uma escadinha de cordas para se chegar às plataformas dos trapézios. Tudo parecia pronto para alguém subir, se balançar no trapézio e dar um salto mortal.

– Quem cuidava disto aqui? Está tão limpo, tão conservado... – perguntei.

– Não sei mesmo – respondeu Tobias, o avoador.

– E os trapézios? – insisti.

– O que têm eles?

– Dão a impressão de que ainda são usados – comentei.

– Por quem? – surpreendeu-se ele.

– É o que eu queria saber – rebati.

Impossível ter sido o falecido tio de Tobias. Quando morreu, não tinha mais idade para saltar de trapézios. “Tem que haver alguém mais. Mas quem?”, perguntei-me.

O vento que entrava pela porta que havíamos deixado aberta aumentou. A rede se moveu levemente.

Um pedaço de tule cor-de-rosa desprendeuse e flutuou na minha direção. Quando o peguei, descobri que se tratava de uma faixa levíssima. Delicada. Feminina.

Apalpei o tecido. Era novo, suave ao toque. Podia sentir um leve aroma de lavanda.

Então havia uma mulher. Alguém que vivia com o tio de Tobias. Uma trapezista. A faixa devia fazer parte de seu traje. Soltara-se durante um treino e ficara presa na rede. Até o vento entrar para descolá-la de seu refúgio. Só podia ser isso. Uma trapezista. Jovem, para voar nas alturas.

Quem seria ela? A mulher que pleiteava a herança?

9

O escritório do advogado era próximo ao hotel em que eu estava, bem no centro da cidade. O Dr. Balthus nos esperava na porta, apertado num terno de uns cinco quilos atrás, cujos botões explodiam no umbigo. Tinha altura mediana, cabelos brancos, olhos azuis e era bochechudo. Sorria um pouco sem jeito, como se de fato não quisesse nos encontrar. Fez um gesto, nos convidando a entrar.

– Muito prazer – disse ele. – Não reparem nas instalações, devem parecer humildes demais para um advogado de São Paulo.

– Imagine, é muito confortável – respondi, com a falsa gentileza dos primeiros contatos, apesar dos móveis velhos e da mesas entulhadas de papéis que davam a impressão de uma completa bagunça.

Na antessala, o Dr. Balthus nos apresentou a uma senhora que aparentava ter pouco mais de cinquenta anos, um tanto fora de peso, os cabelos ruivos puxados para trás.

– Essa é Bertha, minha secretária. Se precisarem de mim, ela consegue me localizar, não importa onde eu estiver.

A mulher lançou-nos um sorriso artificial. Não gostei. Como advogado, aprendi a decifrar a expressão das secretárias. O comportamento delas costuma revelar o que o chefe realmente pensa da pessoa que vai atender. Aquela, certamente, não estava contente com nossa presença. Isso reforçava a impressão que eu tivera do Dr. Balthus desde o início. Eu e o Tobias não éramos bem-vindos.

Ele nos indicou sua sala. Quando entramos, avisou a secretária:

– Bertha, daqui uma hora mais ou menos Anna e o irmão devem chegar. Quando eles chegarem, peça que entrem. Quero que a reunião continue juntamente com eles.

– Quem são esses? – perguntei.

Em vez de responder, o advogado fechou a porta. E preferiu falar com Tobias, sem conseguir disfarçar o sorriso irônico:

– Está se dando bem com os leões?

– Gostei deles – respondeu Tobias, altivo.

O Dr. Balthus respirou fundo e foi direto ao ponto:

– Eu era muito amigo de seu tio. Meu conselho de não deixar a fazenda e os leões para você não serviu de nada. Ele era muito teimoso, sabe? Fui obrigado a redigir o testamento como ele pediu.

– Por que foi contra, se nem me conhece? – quis saber Tobias.

– Porque nem ele o conhecia. Há muitas coisas que você precisa entender.

– É justamente por isso que estamos aqui, Dr. Balthus. Queremos tomar pé da situação – interferi. – Sou advogado, como o Tobias já lhe explicou pelo telefone. Vim de São Paulo para ajudar com a execução do testamento.

– Estou ciente disso – respondeu o advogado.

– Então, por favor, explique a situação. Ainda mais agora. Confessou que era contra o testamento. Por quê? – insisti.

O homem arrumou-se na cadeira. Parecia que não ia ser fácil para ele. Minha intuição dizia que ainda haveria muitas surpresas até tudo ser esclarecido. Objetivo, perguntei:

– O tio de Tobias só deixou a fazenda? Quem fabricava e vendia os queijos? Quem cuidava dos leões? Pelo que sei, o tio de Tobias era idoso. É impossível que se encarregasse de tudo isso sozinho.

O Dr. Balthus mexeu nos papéis que se amontoavam na mesa, em silêncio. Parecia querer ganhar tempo. Tentei outra abordagem:

– Quem é a mulher que está contestando o testamento?

Finalmente ele começou a falar:

– Ela se chama Anna. Tem um irmão, Thiago, que é mais novo. Sei que ouviram quando avisei minha secretária de que, quando chegassem, a reunião continuaria na presença deles.

– Sim, ouvimos. – Meu tom de voz novamente soou irônico aos meus ouvidos. – Quem são eles? Por que acreditam ter o direito de contestar o

testamento? Mais ainda: já entraram com um processo?

Foi uma saraivada de perguntas. O Dr. Balthus, porém, não se abalou.

Ignorando o tom que eu havia usado, respondeu:

– Eles ainda não entraram com nenhum recurso judicial, mas podem entrar. Se isso acontecer, o senhor sabe que será um processo demorado.

Era o que me preocupava. Se houvesse um processo judicial, o inventário ficaria paralisado. Tobias não poderia vender a fazenda. Teria de arcar com todos os custos, incluindo os impostos, possivelmente durante anos. Mesmo que arrumasse dinheiro para investir, corria o risco de perder tudo se também perdesse o processo. Olhei para Tobias. Pelo seu jeito tenso, percebi que acompanhava meu raciocínio.

– Conheço os motivos de Anna – argumentou o Dr. Balthus. – Se tivermos uma conversa amigável, poderemos chegar a um acordo sem passarmos por um processo.

– Doutor, precisamos entender o que de fato está acontecendo.

O velho advogado remexeu novamente nos papéis que estavam à sua frente. Suspirou. Começou a falar. Acomodei-me melhor na cadeira. Pelo jeito, ia demorar. Sua voz não mudava de tom. Parecia que estava contando a mesma história pela vigésima vez. Falava com pausas. Parecia estudar cada movimento da minha respiração. De vez em quando olhava para Tobias. Ar desconfiado.

– Ciccillo se mudou para a fazenda quinze anos atrás. Estava perto dos setenta, nessa ocasião. Era dono de um circo, mas ele mesmo fazia o espetáculo de domador de leões. Foram anos de estrada, de aplausos, de sucesso. – Deu um suspiro curto, quase um lamento. – Mas os tempos de glória do circo foram se acabando. Veio a decadência. Ele não tinha dinheiro para investir. Tudo se tornou precário. A lona remendada era o sinal de que as coisas não iam nada bem. Os artistas foram migrando para outros circos com mais recursos. Os poucos que restaram se dividiam em várias atividades: palhaços também faziam a faxina, o próprio Ciccillo passava horas na bilheteria, vendendo ingressos. Mesmo assim, ele não queria parar.

Amava entrar no picadeiro com os leões. Fazia aquele número na jaula, sabem?

O advogado abriu uma pasta colorida e nos mostrou umas fotos antigas, em preto e branco. Um homem incrivelmente parecido com Tobias, de uniforme com dragonas, botas e chicote na mão, encarava cinco leões sentados em banquinhos. Tobias surpreendeu-se:

– Nossa! Eu sou realmente parecido com meu tio! – exclamou ele.

– Nunca tinha visto uma foto dele? – perguntou o Dr. Balthus.

– Não.

O advogado fez uma gentileza inesperada. Estendeu a foto.

– Fique com esta – disse ele.

Tobias pegou a foto com reverência. Percebi que o Dr. Balthus notou a delicadeza dele. Porém, continuou sua história, sem fazer qualquer comentário a respeito disso.

– O que aconteceu com o circo de Ciccillo foi semelhante ao que houve com outros circos. A maioria deles entrou em decadência, principalmente depois da proibição de números com animais selvagens.

As palavras do Dr. Balthus soavam pesadas. Como se contivessem toda a dor do tio de Tobias em abandonar o que mais amava fazer.

– Enfim, não havia mais condições de prosseguir com o circo. Ciccillo já conhecia esta região, pois se apresentara muitas vezes por aqui. Já havíamos nos tornado amigos. Então eu o ajudei a comprar a fazenda.

De acordo com o advogado, o tio de Tobias pensara inicialmente em cultivar flores, como a maior parte dos fazendeiros locais. Mas, como não tinha experiência no assunto, desistiu. Decidiu fabricar queijo.

– Meus avós tinham uma fazenda. Faziam de tudo: linguiça, pão, queijo... – completou Tobias.

– Pelo que soube, ele conheceu um pequeno fabricante numa cidade próxima, durante as viagens com o circo. Foi até lá e aprendeu a fazer queijo, o que, aliás, não é muito difícil – falou o advogado. – Começou a criar cabras. Eram poucas, no início. Mas o rebanho aumentou. Seu tio vendia os queijos para restaurantes da região. Depois aumentou a clientela. Grandes

restaurantes de São Paulo faziam encomendas. Seus queijos ficaram famosos.

– Ele ganhava bem? – quis saber Tobias, com os olhos brilhando como se tivessem dois cifrões, semelhantes a um personagem de histórias em quadrinhos.

– Ganhava. Mas os gastos também foram sempre muito elevados. Principalmente para alimentar os leões – disse o Dr. Balthus com um suspiro, certamente se lembrando do período em que sustentara os animais.

Continuou:

– Quando se mudou para a fazenda, ele trouxe os cinco leões do circo. Três já eram velhos. Os que estão lá agora ainda eram filhotes. Foram criados como bebês! Ciccillo gostava de pegá-los no colo, dar mamadeira... Até pouco antes de sua morte ainda os ensinava a saltar e a pular, como nos tempos de domador.

Esboçou um sorriso, certamente se lembrando dos tempos em que visitava o amigo na fazenda e via os leões bebês.

– Acreditem ou não, os animais viviam soltos boa parte do tempo. Só foram definitivamente para a jaula quando seu tio ficou muito doente. Mesmo assim, Anna brincava com eles todos os dias.

– E quem é Anna, afinal? – insisti mais uma vez.

Tobias me olhou: eu tinha feito a pergunta que estava presa em sua garganta.

Finalmente o Dr. Balthus chegou ao cerne da questão:

– Anna e o irmão, Thiago, moravam com seu tio. São muito jovens. Vieram do circo com ele.

Meu instinto de advogado aflorou.

– Qual era a relação entre eles?

– Pelo que sei, são filhos de uma artista com quem Ciccillo teve um relacionamento. Ela morreu há muito tempo, e desde então ele cuidou das crianças.

– Podem ser filhos dele?

O Dr. Balthus não tinha dúvidas.

- Filhos de sangue, não. Eram filhos do coração.
- Nesse caso, por que ele deixou a fazenda para Tobias, um sobrinho que nem conheceu pessoalmente? – perguntei, intrigado.
- Nem eu consigo entender – completou Tobias.
- Quando Ciccillo me procurou para fazer o testamento, eu também não sabia por que ele queria deixar a fazenda para um sobrinho que nunca havia conhecido. Achava justo que ficasse para a Anna e o Thiago, que cuidaram dele o tempo todo.

Finalmente compreendi o sorriso de desconfiança dele. O jeito da secretária. Não eram exatamente contra nós. Era por considerarem o testamento injusto. Por mais que eu quisesse defender meu amigo, também achava o gesto muito estranho. Se o velho tio tinha criado um casal de irmãos, por que deixar a fazenda para Tobias? Pela lei brasileira, só é obrigatório deixar parte dos bens a herdeiros diretos, como filhos ou pais. Não a irmãos ou sobrinhos.

- Conseguiu descobrir por que ele escolheu Tobias? – perguntei.
- Vejam bem, Ciccillo não deixou tudo o que tinha para o Tobias – respondeu o advogado. – Anna e o irmão herdaram uma casa na cidade e um bom ponto comercial. Na verdade, na prática, o valor do que receberam é igual ao da fazenda.
- Algum dinheiro? – eu quis saber.
- Quando morreu, não tinha mais quase nada no banco. Seu dinheiro estava no fim. Suponho que tenha gasto a maior parte de suas economias ao longo dos anos para sustentar os leões.

Olhei torto para Tobias, que fingiu não perceber minha expressão.

- Antes de morrer – continuou o Dr. Balthus –, ele colocou o pouco que sobrou no banco no nome de Anna. Para ela e o irmão sobreviverem por algum tempo.
- Ainda não entendi por que motivo Tobias foi incluído no testamento – falei, olhando fixamente para o advogado.

Mais uma vez, ele remexeu nos papéis sobre a mesa, procurando as palavras certas.

– Ciccillo era um homem rude, que não sabia falar sobre sentimentos. Pelo que entendi, ele teve vários motivos. Um deles, sem dúvida, foi pensar que você, Tobias, era rico.

– Eu, rico?

– Ele sempre me dizia que sua mãe, irmã dele, era casada com um empresário. E que você estudava Direito, que devia ser advogado como eu.

– Mas eu larguei a faculdade no segundo ano – disse Tobias.

– Faz sentido – falei para meu amigo. – Se o último contato que ele teve com sua família foi quando você ainda estava na faculdade, deve ter pensado que você havia concluído o curso.

– É verdade – concordou Tobias. – Mesmo porque minha mãe gostava de se mostrar para toda a família. Os parentes sempre acharam que a gente tinha mais dinheiro que eles.

– Resumindo: seu tio achava que você teria dinheiro para sustentar os leões, Tobias – concluiu o Dr. Balthus.

– O quê? Eu recebi a herança para cuidar dos leões? – disse Tobias, quase gritando.

O advogado continuou, como se Tobias não tivesse se manifestado:

– Anna e Thiago sempre sonharam em voltar a percorrer as estradas com o circo. Seu tio não queria, sabia muito bem que os tempos áureos haviam acabado. Ao deixar a fazenda para você, deixou também o galpão com a lona, os apetrechos, a rede...

Lembrei-me da faixa de tule cor-de-rosa que voara delicadamente até mim.

– O trapézio! Bem que tive a impressão de que ainda está sendo usado. Anna e o irmão costumam treinar lá, não é?

– Você é um bom observador, Alan – constatou o Dr. Balthus. – Os irmãos treinam um número há muitos anos. O velho Ciccillo foi radical: deixou a fazenda para o Tobias também para que os irmãos afastassem a ideia de voltar com o circo. Queria que eles buscassem um novo projeto de vida. – Fez uma longa pausa, que me pareceu misteriosa demais. – Mas não é só.

– Como assim, não é só? – perguntou Tobias. – Tenho a impressão de que meu tio despejou a fazenda em cima de mim para se livrar de problemas.

– Ele gostava de você, mesmo sem conhecê-lo – explicou o advogado. – Penso até que, se não se achasse humilde demais diante de sua família, teria procurado por vocês. Mas estava distante há tanto tempo, imaginava que vocês eram ricos... e sentia-se tão simples... Em nossas conversas, ele sempre falava de você. Achava que era muito parecido com ele. Tinha orgulho disso. Veja, Tobias, a outra foto que encontrei entre as coisas dele.

O Dr. Balthus tirou uma segunda fotografia da pasta colorida. Era Tobias, já rapaz, sorrindo.

– Acho que lhe deixou a fazenda como uma forma de dizer, à maneira dele, que teria gostado de conhecer você – concluiu ele.

Tobias pegou a foto, emocionado. Eu conhecia meu amigo o suficiente para saber que segurou as lágrimas.

Achei melhor ser objetivo.

– Pelo que entendi, a outra parte, Anna e o irmão, não está satisfeita com o testamento. O que eles querem é a fazenda? Os apetrechos do circo?

O advogado olhou para mim com firmeza.

– Anna e Thiago viviam na fazenda. Cuidaram de seu tio, Tobias, até a morte. Eles querem voltar para lá. Consideram aquele lugar o seu lar.

Tobias abriu a boca para falar. Não permiti.

– Vou analisar a situação mais detalhadamente.

Eu ainda estava decidido a lutar pela herança de meu amigo. Encarei o Dr. Balthus fixamente.

– Compreendo o apego que a moça e o irmão têm pela fazenda. Mas não estamos aqui para discutir emoções. Vamos tratar do que realmente interessa. A propriedade da fazenda.

Ouvi uma batidinha na porta. Bertha, a secretária, entrou.

– Dr. Balthus, Anna e o irmão chegaram – informou ela.

– Peça que entrem. Nossos amigos aqui já estão a par da situação.

Eu me levantei. Estava pronto para enfrentar meus adversários. A luta iria começar. Eu não poderia parecer disposto a arrancar tudo deles. Qualquer piscada de olho já faria com que eles percebessem que eu estava na defensiva. Então, estiquei os lábios num sorriso profissional.

Quando a moça entrou, meu sorriso desapareceu. Minha mão, erguida para cumprimentá-la, paralisou-se no ar.

Era ela! A moça do sonho. A que eu encontrara de manhã!

Vestia o mesmo traje grosseiro: o casaco com o capuz jogado atrás da cabeça. Os cabelos negros caíam até um pouco abaixo dos ombros, despenteados. As sobrancelhas grossas enquadravam os incríveis olhos verdes.

Atrás dela, um rapaz de cabelos castanhos e aparência frágil, apesar do corpo bem torneado. Vestia-se quase igual à irmã.

Um arrepio percorreu meu corpo. Era o mesmo rapaz que, nos meus sonhos, tentava salvar a moça da fogueira.

Ele me olhou normalmente. Não parecia notar nada de especial em mim. Ela, não. Seu olhar demonstrava os mesmos sentimentos de quando me vira pela manhã: horror e medo.

10

Instintivamente, Anna recuou em direção à porta. Como diante de um inimigo prestes a atacá-la.

O Dr. Balthus ergueu-se da cadeira, surpreso.

– Anna, você está bem?

Com pavor estampado no rosto, ela me encarou. O advogado, seu irmão e Tobias nos observavam, tentando entender o que acontecia.

– Vocês já se conhecem? – perguntou Tobias, com ar desconfiado.

Tive dificuldade em articular a resposta. Meu coração batia apressado. Abri a boca uma, duas, três vezes. Não saía nenhum som. Como no sonho, me vi paralisado diante da situação. A presença de Anna me deixou sem ação, sem iniciativa alguma. Eu sabia que precisava falar alguma coisa. Meus olhos, porém, estavam presos nos dela. No pavor que eles transmitiam. Era diferente do olhar da moça dos meus sonhos. Em minhas noites atormentadas pelo pesadelo, sentia o olhar dela fixo em mim, porém determinado, altivo, como se fosse superior a tudo o que acontecia. Ali, não. Eu só via medo. Repulsa.

Consegui sair do transe em que me encontrava. Não sei como. Reuni todas as forças para falar. O som da minha voz saiu titubeante. Fraco. Nem parecia eu mesmo, sempre tão firme e decidido.

– Acho que nos cruzamos na cidade, há algumas horas...

Anna desviou o rosto. Era nítido que não queria olhar para mim. Até nos gestos eu percebia seu nervosismo. Seu incômodo. Parecia que estava diante de um inimigo.

– Dr. Balthus, o senhor disse que queria falar com a gente – começou ela. – Não avisou que haveria outras pessoas aqui.

– Anna, esse é o Tobias, sobrinho do Ciccillo. O herdeiro da fazenda – apresentou o advogado.

Quando ela estendeu a mão para Tobias, percebi que estava trêmula. Ela arfava, como se estivesse prestes a sair correndo dali. Era visível seu esforço para se manter calma.

Thiago também cumprimentou Tobias. Em seguida, pegou a irmã pelo braço e a fez sentar-se na cadeira mais distante de mim. Ele percebera a reação de Anna ao deparar comigo. Ela caiu na cadeira, como alguém que se recupera de um choque profundo.

Quando o Dr. Balthus me apresentou, nenhum dos dois estendeu a mão. O rapaz fez um gesto com a cabeça. Anna, nem isso. Nem sequer levantou os olhos.

Ela tentou sorrir para Tobias, mas o resultado foi uma careta. Houve um longo silêncio. Em seguida, mais recomposta, falou, num fio de voz:

– Você é muito parecido com seu tio. Eu gostava muito dele, sabe?

– O Dr. Balthus acabou de nos contar tudo.

– Ele foi o pai que eu não tive. Para mim e para meu irmão.

O rapaz sorriu timidamente.

– O advogado de Tobias veio ajudar com a papelada da herança – explicou o Dr. Balthus. – Convoquei esta reunião, Anna, para falarmos sobre a posse da fazenda.

Ela respondeu num tom seco, de quem se considera dona de um direito incontestável:

– A fazenda é minha e do meu irmão. Não pode haver dúvida. Nós a queremos de volta.

– Sinto muito, Anna, mas o testamento é claro. Mesmo que eu concorde que seria justo que a fazenda ficasse para vocês, por lei agora é dele – falou o Dr. Balthus, delicado, indicando Tobias.

– Eu e meu irmão estamos dispostos a contestar o testamento através da Justiça – declarou ela.

Passado o choque inicial, vi que não havia nenhum vestígio de fragilidade em Anna. Era uma mulher de personalidade forte, decidida.

– Se você entrar com um processo, vai perder tempo e dinheiro. Dinheiro que você certamente não tem, Anna – intercedeu o advogado, novamente com delicadeza.

– Eu morava lá. Era minha casa. Fiquei espantada quando o senhor leu o testamento. Não queria ter saído de lá, nunca – desabafou ela.

Pude perceber quantos sentimentos estavam contidos naquelas palavras. A importância da fazenda para ela. As memórias que o lugar trazia. Sua história de vida. Por um momento, senti que iria fraquejar. Foi passageiro. Eu estava ali para defender meu amigo. Não a mulher que povoava meus sonhos! Quando ia articular a primeira palavra, Thiago tomou a frente:

– Nós só concordamos em sair porque o senhor prometeu que resolveria rapidamente a situação com o novo herdeiro.

– O senhor disse a eles que resolveria o assunto depressa, Dr. Balthus? – Enfim consegui falar. Com voz normal. O coração aos saltos, porém. Mas o coração ninguém conseguia ver. Só eu sabia o que estava acontecendo dentro de mim. Uma revolução!

– Pensei que um sobrinho distante não se interessaria pela fazenda. Imaginei que a esta altura já teria uma vida estabelecida em algum outro lugar.

Acompanhei o raciocínio do advogado. Mesmo sem a família ter tanto dinheiro como imaginou o tio, Tobias teria uma boa situação se não fosse um desmiolado. Nesse caso poderia, por exemplo, arrendar a fazenda aos irmãos.

– Achei que seria mais fácil chegar a um acordo com o sobrinho do Ciccillo se vocês não estivessem morando na fazenda, Anna. Caso contrário, como herdeiro, o primeiro passo seria entrar com uma liminar para você e seu irmão saírem de lá. Depois disso, só restaria o caminho judicial, que quero evitar. Um processo, a gente sabe quando começa, mas não quando termina.

– Concordo – disse eu. – Sempre é melhor evitar o processo.

– Só que as coisas não aconteceram como eu imaginava – continuou o advogado. – Tive uma longa conversa com o Tobias. Ele está desempregado

no momento, tem uma família para sustentar e quer morar na fazenda.

– Então o senhor nos enganou! – acusou ela.

– Eu jamais enganaria vocês, Anna. Só estou procurando uma solução amigável.

Ela respirou fundo. Parecia buscar equilíbrio em algum lugar muito distante. Thiago segurou sua mão, solidário. A reação de ambos era muito forte. Parecia que o que estava em jogo era a vida de uma pessoa, não uma propriedade.

Não costumo permitir que a emoção atrapalhe os negócios, mas, diante de Anna, tinha dificuldade em controlar meus sentimentos. Não conseguia tirar os olhos dela. Tive certeza de que não fora enganado pela imaginação. Não havia dúvida. Sim, era ela que povoava meus sonhos. Em carne e osso, por mais inexplicável que fosse sua presença ali.

Observando-a com mais calma e atenção, constatei que os olhos verdes eram de fato idênticos aos da mulher que aparecia para mim todas as noites. Os traços do rosto, porém, eram mais suaves. O maxilar, mais desenhado. Do ponto de vista físico, nem ela nem o rapaz eram cem por cento iguais às pessoas com quem eu sonhava. “Mas as leves diferenças podem ser explicadas pela mudança de época”, pensei. Mesmo porque eu os reconhecia com tanta certeza como se fossem pessoas do meu convívio.

Tentei alterar o fluxo dos meus pensamentos. Lutava contra minha sensação tão forte. Mas era impossível. Os dois irmãos pareciam ter saído direto do sonho para aquele escritório de advocacia.

“O coração tem olhos”, admiti. Não restava dúvida. Eu a via com os olhos do coração e a reconhecia de algum lugar perdido no universo, através do tempo, nas dobras da memória.

– Alan, tudo bem? – perguntou Tobias.

Ele me encarava, preocupado. Anna, o irmão e o Dr. Balthus também me examinavam com curiosidade. Eu havia mergulhado nos meus próprios pensamentos. Voltei ao momento presente, recuperando a objetividade.

– O que você deseja exatamente? – perguntei, pela primeira vez cravando fixamente meus olhos nos dela.

– A fazenda é minha e do meu irmão. Fomos nós que ajudamos o tio Ciccillo a cuidar de tudo. Ali é o nosso lugar!

Ia abrir a boca para falar sobre o testamento, mas ela foi mais rápida:

– Eu e meu irmão fomos criados pelo tio Ciccillo. Nunca conheci meu pai. Nem meu irmão o dele. Minha mãe era artista. Vivia para o circo. Nós fomos um acidente em sua vida. Quando ela foi trabalhar no circo com o tio Ciccillo, ainda éramos muito pequenos. Ele cuidou de nós. Nos ensinou a ler e a escrever. Depois, a cada parada do circo, ele nos matriculava na escola da cidade. Era ele quem ajudava nas lições e quem participava das nossas brincadeiras de criança. Se não fosse por ele, nem sei o que teria sido da gente. Foi dele a ideia de nos treinar no trapézio. Quando nossa mãe morreu, ele disse que cuidaria de nós para sempre. Ele amava meu irmão e a mim como se fôssemos seus filhos. E continuou cuidando de nós. Quando o circo acabou, fomos todos para a fazenda.

Por mais que eu percebesse emoção em sua voz, os olhos dela continuavam secos. Como os da moça queimada na fogueira. O brilho era idêntico. A determinação, igual.

– Quando o tio Ciccillo ficou velho demais para cuidar da fazenda – continuou ela –, eu e o Thiago assumimos tudo. Fabricamos os queijos e cuidamos das cabras. Eu cozinhava, lavava, passava. E nunca deixamos de sonhar com o circo. A gente queria sair com ele pela estrada outra vez.

O Dr. Balthus remexeu-se na cadeira, incomodado.

– A lona está guardada – disse ela. – Os trajes, também. Cuidei das roupas, de tudo! Eu e o Thiago somos trapezistas experientes. Como eu disse, treinamos desde crianças. Com nosso número, o circo faria sucesso como nos velhos tempos. Mas tio Ciccillo ficou doente. Fiquei com ele até o último instante. E nunca erguemos a lona novamente. Se o senhor queria saber, essa é nossa história!

O silêncio tomou conta do escritório. Pego de surpresa, não soube o que responder. Era a segunda vez, naquela tarde, que isso acontecia. E eu que sempre me considerara sagaz, com uma resposta pronta para tudo!

Anna continuou:

– Quando soube do testamento, me senti traída. – Não pelo valor da fazenda, mas por ser minha casa e do Thiago. Não entendo por que ele fez isso. Tudo o que resta do circo não nos pertence mais. – Ela olhou para o Dr. Balthus e perguntou: – Por quê? Por quê?

– Eu já tentei explicar, Anna. Ciccillo queria que você e seu irmão abandonassem esse sonho de montar o circo outra vez.

A conversa tinha caído perigosamente no terreno dos sentimentos. Apesar do meu encantamento pela moça, consegui argumentar com firmeza.

– Entendo perfeitamente suas razões, Anna – afirmei. – As suas e de seu irmão. Mas o que vale é o que está escrito. O testamento. Pelo que entendi até agora, o falecido quis que o Tobias tivesse posse imediata da fazenda.

– Não aceito! – gritou ela.

– Mas é a lei – argumentei. A fazenda não pertence mais a nenhum de vocês dois. Se iniciar uma luta judicial, vai perder tempo e dinheiro, como já disse o Dr. Balthus. Só vai conseguir atrapalhar a vida do Tobias e a de vocês dois. É melhor aceitar o testamento.

Ela me lançou aquele mesmo olhar intenso que eu já conhecia. Mais demoradamente. Senti nova pancada no peito.

Anna respondeu sem surpresa, contendo a raiva:

– Minha intuição não falha, sabe? Desde o primeiro instante que olhei para você, soube que era meu inimigo.

Foi como se eu tivesse levado uma bofetada. Fiz um esforço enorme para ignorar minhas emoções.

– Sou apenas um advogado – falei. – Não estou contra nem a favor de você e de seu irmão. Só quero resolver as coisas da melhor maneira. Em negócios não devem entrar sentimentos.

– Mas é justamente de sentimentos que estou falando – retrucou ela.

– Seja razoável, Anna – argumentou o Dr. Balthus. – Não foi o Dr. Alan que redigiu o testamento. Fui eu. De acordo com a vontade de Ciccillo.

– Eu preciso voltar para minha casa, na fazenda. Isso é o mais importante – insistiu ela.

– Você herdou uma casa. Aqui na cidade – lembrou o advogado dos irmãos.

– Não é lá que eu quero morar – rebateu ela. Levantou-se, apoiando firmemente as mãos na mesa. – Vocês têm certeza de que um processo pode demorar?

– Claro que sim. Talvez anos. E o pior é que com certeza você e seu irmão vão perder – afirmei.

– Então encontrem uma solução mais rápida. Logo, para a semana que vem. Eu topo qualquer acordo, desde que possa ficar com a fazenda – concluiu Anna, quase em tom de ameaça.

Foi para a porta. Thiago a acompanhou. Dei um passo em sua direção. Ela me encarou. Embora tentasse aparentar firmeza, estava sendo traída por sua expressão. Tinha pavor. Um profundo pavor de mim!

– Sem truques, senhor advogado. O mais importante é a fazenda – disse ela, parada na porta ao lado do irmão.

– Entendi que vocês têm um laço afetivo com a propriedade. Mas não consigo compreender sua insistência. A fazenda nem é tão grande assim, a casa é velha... Pensem melhor – aconselhei.

– Você não é capaz de entender – reagiu.

– Tente me explicar – pedi.

Ela quase sorriu, pela primeira vez.

– Os leões. King e Gina. Eu preciso cuidar deles.

Ao dizer isso, saiu e bateu a porta.

O sol já estava se pondo. Deixamos o escritório logo depois de Anna. Ainda pude vê-la caminhando pela avenida. Determinada. Cabeça erguida. Altiva. Os cabelos sobre o capuz caído, balançando ao vento.

Antes de sair, combinamos conversar com o Dr. Balthus no dia seguinte, de manhã.

Pela primeira vez desde o início da viagem me lembrei de Érica. Meu celular estava desligado. Provavelmente ela já ligara várias vezes, para saber quando eu ia voltar. Podia até imaginá-la, quase histérica, andando de um lado para outro. Afinal, se eu não voltasse, ela perderia outra festa!

Tomei consciência de uma verdade incômoda. Sempre havia pensado que eu tinha sorte em estar com uma mulher tão linda, em poder exibi-la em ocasiões sociais. De fato, a sorte era dela! Por minha causa ela recebia os convites! Eu patrocinava sua vida de luxo e despreocupação. Me senti como a galinha dos ovos de ouro... para dizer o mínimo. Nunca havia pensado assim. Levava a vida e pronto. Tudo parecia certo até aquele momento, mas de repente eu senti a futilidade do meu laço com Érica.

Balancei a cabeça. Érica devia ser minha menor preocupação naquele momento. O celular ficaria desligado. Minha secretária, se precisasse me encontrar, tinha o número do hotel e deixaria recado.

Agradei aos céus por ter tido a ideia de trazer uma mala com roupas. Uma preocupação a menos.

Ri comigo mesmo. Não, eu não era um gênio por ter trazido bagagem. Apenas conhecia bem meu amigo. As coisas com ele nunca eram simples. De qualquer forma, mesmo depois que o problema do testamento fosse resolvido, eu permaneceria na cidade quanto tempo fosse necessário para desvendar meu próprio enigma.

Fui com Tobias até uma cafeteria próxima ao escritório do advogado. Os doces da vitrine me fizeram esquecer os problemas como num passe de mágica. Meus olhos saltaram para eles como se tivessem vida própria. A torta holandesa, o doce de violeta, o mil-folhas com creme e chantili... Pensei em pedir um de cada e me enterrar neles. Como bom guloso, até mesmo um grande problema vira motivo para me empanturrar!

Sentamos a uma mesa com vista para o lago. Os cisnes continuavam seu bailado, indiferentes ao que acontecia ao redor. A água quase não se movimentava. Altivas, as aves nadavam em grupo.

Altivas... Como Anna e a mulher dos meus sonhos. Meus pensamentos teimavam em se voltar para aquela desconhecida! Ainda podia sentir o peso do olhar dela sobre mim.

Assim que os doces soterrados por creme aterrissaram à nossa frente, acompanhados de refrigerante light, voltei ao assunto que me levara a Holambra.

– Tobias, acho que a gente pode resolver tudo de maneira mais fácil – falei.

– Como?

– Seu tio deixou uma casa e um ponto comercial na cidade para os dois irmãos. De acordo com o advogado, eles valem praticamente a mesma coisa que a fazenda. Mesmo que o valor seja um pouco menor, ainda seria interessante propor uma permuta. Você pode vender os imóveis, ou alugar. Teria uma renda fixa...

– Não vou desistir da fazenda. Assunto encerrado, Alan.

Eu conhecia meu amigo. Quando punha alguma coisa na cabeça, ninguém tirava. Até a falência total. “Vai repetir o mesmo ciclo”, pensei. “Entusiasmo total. Durante algum tempo vai mergulhar de cabeça no negócio. No meio do caminho aparecerão as dificuldades. Não terá como pagar as dívidas. Perderá tudo. E no fim entregará a fazenda por nada. É sempre assim que acontece.”

Intimamente, decidi estudar quais seriam as condições de uma permuta. Quem sabe as dificuldades aparecessem mais depressa do que Tobias esperava e ele cedesse.

Para minha surpresa, ele mudou de assunto. Embora nos negócios se comportasse como um alucinado, Tobias era um sujeito sensível. E me conhecia como a um irmão.

– O que aconteceu naquela sala, Alan? – disse ele.

Fiquei surpreso com a pergunta.

– Sobre o que você está falando?

– Nunca vi você tão impressionado com uma mulher.

Tobias sorriu.

– Concordo que a garota é bonita. Mas estava malvestida. Tem um jeito largado. Não faz seu gênero. Você só namora modelos como a Érica. Sofisticadas, bem-vestidas e sem nada na cabeça. Essa garota é o oposto de todas as mulheres que já vi com você.

– Por que acha que estou interessado em Anna?

– Ficou óbvio. Desde que ela entrou naquela sala, você não tirou os olhos dela – observou Tobias.

– E se for minha técnica infalível de advogado para constranger a outra parte? – argumentei.

Ele deu um sorriso. Daqueles íntimos. De amigo. De quem a gente não consegue esconder nada.

– Não vai querer me convencer disso, não é, Dr. Alan Perez? – brincou ele.

Toda vez que eu tentava disfarçar alguma coisa, Tobias me chamava pelo nome completo, com o título de “doutor”.

Não sabia o que responder. Fiquei tímido para falar da intensidade de meus sentimentos por aquela quase desconhecida, que, aliás, havia sido bastante dura comigo.

A garçonete apareceu e deixou à nossa frente duas xícaras de café que eu havia pedido antes. Eu e Tobias nos encaramos.

– Eu já disse, para mim você é um irmão, Alan.

– Você também é um irmão. Por isso estou aqui – falei, tentando mudar o rumo da conversa.

Mas ele prosseguiu, sério:

– Uma vez me disseram que na vida temos duas famílias. Aquela em que a gente nasce e aquela que escolhemos. Você e eu somos uma família, Alan. Nós nos escolhemos como irmãos.

Tobias raramente falava de maneira tão profunda. Eu não sabia o que responder.

– Às vezes não concordamos, como nesse caso da fazenda – continuou ele.
– Irmãos são assim mesmo, não têm a mesma opinião sobre tudo. Mas, Alan, eu conheço você. Vi como se comportou diante daquela garota. Foi estranho. Você disse que só se cruzaram na cidade. Foi só isso mesmo?

– Foi, sim, Tobias.

Como eu poderia contar tudo o que estava acontecendo? Dizer que estava confundindo sonho com realidade? Eu, sempre tão realista? Certamente ele pensaria que eu estava sofrendo de insanidade mental.

– O que achei mais estranho é que ela também teve uma reação forte a você.

Meu coração deu um salto. Tobias havia percebido tudo!

Ele continuou a falar, sem nem imaginar os sentimentos confusos que borbulhavam dentro de mim.

– Você estava hipnotizado por ela, Alan. E ela parecia ter horror a você. – Ele deu um sorrisinho sem graça, como se pedisse desculpas pelo que estava falando. – Sabe, Anna tem todos os motivos para não gostar de mim. Afinal, fui eu quem recebeu a herança a que ela acha ter direito. Mas foi de você que ela não gostou. Tem alguma ideia do motivo?

Senti um nó dentro de mim.

Precisava desabafar. Mesmo que Tobias me achasse maluco.

Amigos não são para isso? Até para compartilhar nossas loucuras?

– Bem... – titubeei. Mas, diante do olhar de Tobias, decidi ser sincero: – Vou contar tudo. Mas não pense que estou maluco.

Falei longamente sobre meus sonhos. Sobre a garota. Sobre a sensação que eu tinha quando olhava para a moça na fogueira, sendo consumida pelas chamas.

– Eu sei que é loucura, Tobias. Mas é ela, a mesma moça. Ainda que os traços não sejam exatamente iguais, eu a reconheci. Não me peça para explicar. Só acredite em mim, por favor. É ela, e eu não consigo encontrar uma razão para o que está acontecendo.

A resposta dele foi surpreendente:

– Não acho que você esteja maluco, Alan. Vamos à fazenda. Quero que você converse com Helena. Ela tem uma história a contar.

– Sobre o quê?

– Vidas passadas.



Enquanto Helena preparava o jantar, eu, ela e Tobias conversamos sobre assuntos referentes à herança. Contei como havia sido a reunião. Ela concordou comigo: era óbvio que permutar os imóveis seria a melhor solução. Mas estava ausente, pensativa. Percebi que, ao chegar, Tobias conversara com ela rapidamente, enquanto eu brincava com Alice.

Jantamos, trocando ideias sobre a melhor maneira de resolver o problema em que se transformara a herança, apesar da teimosia de meu amigo.

Assim que colocou a filha na cama, Helena voltou para a sala, serviu café e se acomodou em uma poltrona já bastante gasta pelo tempo.

– Eu queria saber mais sobre seu sonho, Alan – disse ela com delicadeza, porém sem dar margem a uma negativa.

Como eu imaginava, Tobias já havia contado a ela.

– É sempre o mesmo – falei, e depois narrei o sonho que se repetia com tanta frequência.

Em seguida falei sobre a forte impressão que Anna me causara.

– Sabe, Alan, a gente nunca conversou sobre esse assunto, mas acredito em reencarnação. Tenho certeza de que vivemos outras vidas e ainda voltaremos mais vezes.

Eu estava surpreso.

– Há muitas coisas que acontecem na vida da gente que só consigo explicar por meio da reencarnação – continuou ela.

– Por que nunca me falou sobre isso? – perguntei, pensando em como eu conhecia pouco a mulher do meu amigo.

– Acho que você esteve sempre tão ocupado em subir na vida, em viver seu sucesso profissional, que nunca tivemos a oportunidade de conversar sobre coisas espirituais. – Ela se levantou, serviu-se de mais uma xícara de café e continuou: – Não é uma crítica, Alan. É o seu momento. Nos últimos anos, você investiu muito no trabalho, é justo que colha os resultados. Mas talvez tenha chegado a hora de pensar também em outros aspectos da vida, naquilo que está além da matéria.

Tobias me deu uma leve pancada no ombro.

– Quando eu digo que sou seu irmão, Alan, não é da boca pra fora. Eu tenho certeza de que fomos irmãos em outras vidas.

Quase caí do sofá. O Tobias também acreditava em reencarnação? Só eu parecia um peixe fora d'água.

Claro que já conversara muitas vezes sobre o tema com diversas pessoas. Mas nunca me aprofundara. Conhecia o básico da teoria da reencarnação – de que após a morte voltamos em um novo corpo, para resgatar relacionamentos e situações não resolvidos na vida anterior. Mas era um conhecimento superficial. Quis saber, curioso:

– Tobias, você teve algum tipo de revelação sobre termos sido irmãos?

– É só um sentimento, Alan. Mas é poderoso.

– Eu sinto a mesma coisa, Tobias. Sua família é minha família, nunca tive dúvidas. Você já tentou saber mais sobre nosso encontro em vidas passadas?

– A reencarnação não é um brinquedo – interrompeu Helena. – Não acho certo tentarmos descobrir quem a gente foi só por curiosidade. É uma experiência intensa, cujo objetivo é dar um sentido à nossa vida atual.

– Já conheci várias pessoas que me falaram de suas vidas anteriores. A maioria tinha sido rainhas, reis, príncipes... Só de Maria Antonieta já conheci umas dez – falei, em tom de brincadeira, para descontrair a conversa.

No fundo, estava adorando conhecer aquele lado de Helena e de Tobias que durante anos nunca havia se revelado.

– São fantasias de pessoas que hoje vivem uma vida comum. Gostam de pensar que foram poderosas no passado – sorriu Helena. – A reencarnação é mais complexa. Você e Tobias, se não foram irmãos, foram ao menos muito ligados em uma vida anterior, nisso eu acredito. É um sentimento bom que existe entre vocês. Isso não quer dizer que tenham sido irmãos. Também podem ter sido inimigos. Qualquer que fosse o carma de vocês, o sentimento está resgatado. Não é preciso descobrir o que houve numa vida anterior, já que está tudo bem.

Ficamos conversando durante longo tempo sobre reencarnação, entre um café e outro. Uma frase de Helena ficou rondando minha cabeça enquanto estávamos ali, mais íntimos do que nunca em todos aqueles anos: “A morte não nos aniquila.”

– Alan, não é surpreendente que a moça que você vê nos sonhos tenha aparecido aqui, agora, no presente?

– Fiquei em estado de choque quando a vi hoje, depois do almoço. Eu estava disposto a ficar aqui na cidade e procurá-la. Descobrir quem ela era. Até que Anna entrou no escritório do Dr. Balthus.

Suspirei fundo. Os sentimentos, confusos. Mas havia um grande alívio em meu coração em poder falar sobre os sonhos que me atormentaram durante tantas noites, sobre a força do sentimento que eu tinha por aquela mulher. E sobre o encontro com Anna.

– Preciso descobrir o porquê do sonho e do encontro com ela – continuei.
– Mais importante ainda, Helena, preciso saber o motivo de ela me encarar com tanto pavor.

– Existe um mundo desconhecido, um mundo dentro de nós, Alan. Acho que a alma é como um território geográfico, um lugar por onde caminhamos ao longo da vida. Mas a alma é tão misteriosa quanto o fundo do mar! Sabia que conhecemos mais sobre o espaço do que sobre o oceano? A cada dia os pesquisadores se admiram com os seres que vivem nas profundezas das águas, surpreendentes, misteriosos. A alma é assim, também. Nossa vida terrena, a vida que vivemos aqui, apenas nos ajuda a fazer a viagem da alma. Cada acontecimento no dia a dia, cada ação e

reação, cada sentimento nos leva a dar mais um passo para esse território desconhecido. A maioria das pessoas não percebe isso. Escolhe caminhos fáceis, onde não vive desafios. Ao fim da vida, conhece muito pouco sobre a parte mais importante de si mesma. Outras escolhem caminhos perigosos. Caminham pela alma como alguém que anda pelas montanhas no escuro. Caem em seus próprios precipícios. São agarradas por demônios que vivem dentro de si mesmas. Porque você sabe, Alan, todos nós temos demônios aqui dentro, escondidos.

Eu a ouvia atentamente. Estava surpreso com a conversa. Helena continuou:

– Minha família nunca seguiu nenhuma religião. Eu nunca frequentei igrejas. Fui batizada, fiz primeira comunhão, como a maioria das crianças da minha geração. Conforme fui crescendo, comecei a achar que a vida devia ser mais do que aquilo que vivíamos todos os dias. Tinha de haver uma razão maior para a nossa existência. Não sei se você sabe, mas alguns anos antes de conhecer Tobias eu estava noiva, de casamento marcado.

Olhei para meu amigo. Ele nunca me dissera nada sobre a vida de Helena. Então tomei consciência de quanto eu estivera envolvido só com meu trabalho, em buscar ascensão social, na roda-viva em que se tornara meu dia a dia. Apesar de nossa intimidade, nunca falamos sobre assuntos profundos. Pensando bem, era a primeira vez que sentávamos assim, para ter esse tipo de conversa.

Aquela viagem estava sendo o despertar de um novo mundo para mim. Era incrível, mas eu não estava preocupado com o escritório, com o trabalho. Estava sentado em um lugar completamente estranho, com leões rugindo lá fora, sem me importar com nada.

Helena, noiva?

– Eu o amava – disse ela, pondo a mão sobre a do marido. – Tobias sabe disso.

Acenei com a cabeça. O que podia dizer? Continuava surpreso com o rumo da conversa. O tom de voz de Helena diminuiu. Tornou-se quase um sussurro.

– Menos de um mês antes de nosso casamento, eu e Jonas, meu noivo, sofremos um acidente de carro. – Até hoje não sei dizer como aconteceu. Estava chovendo, de repente o carro rodopiou na estrada. Capotou. Senti uma dor horrível. Perdi a consciência. Acordei no hospital.

Helena estava visivelmente emocionada. Levantou-se, foi até a mesinha de centro e pegou a jarra de água que estava na bandeja, junto com a garrafa de café. Com o olhar distante, como se estivesse revivendo tudo o que havia acontecido, colocou água em um copo de vidro antigo e tomou um longo gole.

Quando voltou a falar, percebi em sua voz a serenidade de sempre. A que havia me cativado desde quando conversara com ela pela primeira vez.

– Ou melhor, pensei ter acordado. Mas me vi fora do meu corpo, numa mesa de cirurgia, Alan. Eu podia observar os médicos trabalhando freneticamente em meu peito. Mais tarde soube que tive uma hemorragia na aorta. Olhava para meu corpo e era como se fosse o de outra pessoa. Lembro que de repente todos na sala se agitaram. A atenção voltada para o equipamento que monitorava meu coração. Vi que os batimentos foram diminuindo. A imagem que o aparelho mostrava se tornou apenas um traço. Eu sabia o que aquilo queria dizer. Estava morrendo. Indo. Senti uma paz imensa.

Eu não consegui articular uma palavra. Senti uma emoção desconhecida.

Helena continuou, acho que sem nem perceber o que acontecia comigo:

– Flutuei até o teto. Era uma sensação estranha, parecia que não tinha peso. Sabia que estava partindo, mas me sentia muito bem. Sei que hoje os médicos tentam explicar esse sentimento com reações químicas que ocorrem no cérebro na hora da morte. Alan, você não tem ideia do que é esse sentimento de paz. É uma sensação maravilhosa. Meu corpo atravessou o teto. Vi a cidade de cima. Era noite, e contemplei os edifícios iluminados. Flutuei em direção ao espaço. Não sentia dor, nada, nenhuma sensação física. Só paz. Vi um túnel de luz. Fui absorvida por ele. Havia algumas pessoas do outro lado. Pareciam me esperar. Uma mulher de branco estava

um pouco mais à frente. Emanava uma tranquilidade muito grande. Senti que ela me esperava. Meu corpo flutuou até ela.

Percebi que lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Helena. Nem eu nem Tobias abrimos a boca. Não nos mexemos. O silêncio só era quebrado pelo som dos pássaros noturnos. Ficamos assim durante um tempo que não sei precisar. Segundos? Minutos?

Helena deu um meio sorriso e enxugou o rosto. Parecia mais calma.

– Quando eu estava bem perto da mulher – continuou ela –, pronta para aceitar seu abraço, percebi um vulto ao lado dela. Era uma menina. Soube que era a filha que eu deveria ter. Se fosse embora naquele momento, estaria tudo bem, mas eu perderia a oportunidade de encontrar essa menina. Senti que ela precisava muito de mim. Muito. Não sei dizer como, mas soube. Se me deixasse absorver pela luz, aquela criança ficaria sem mim. Eu sabia que era de mim que ela precisava. Eu podia escolher entre partir e voltar. Então, pedi com todas as minhas forças para viver.

– Ainda bem – disse Tobias, sem esconder os olhos úmidos. Levantou-se e abraçou a mulher. – Eu também precisava de você.

– O que aconteceu depois, Helena? – perguntei, com a voz embargada.

– Tudo desapareceu no instante em que tomei a decisão: a mulher, o túnel de luz e a figura da menina. Eu estava de novo na sala de cirurgia. Ouvi alguém dizendo que meu coração voltara a bater. Tinha pulso. A sensação de paz absoluta havia desaparecido. Eu estava dentro do meu corpo novamente. A cirurgia ainda durou horas, e os médicos disseram que foi um milagre eu ter sobrevivido.

Tobias acariciou o braço da esposa. Um gesto simples, que trazia embutido todo seu amor por ela.

– Quando estava no hospital, me recuperando, pensei muito no que havia acontecido – disse Helena. – Decidi contar para o cirurgião. Eu tinha sido levada inconsciente para a sala de cirurgia, mas descrevi em detalhes o lugar, os móveis. Falei sobre a equipe que estava lá. Seus gestos. As palavras ditas durante a operação. E, principalmente, o momento em que o equipamento que monitorava meu coração mostrou apenas um traço. Era algo que eu não

tinha como saber. Poucos dias depois, ainda no hospital, fui procurada por um médico.

Ela se levantou, caminhou até a mesa em que havia deixado sua bolsa, remexeu dentro dela por alguns segundos e foi até a poltrona em que eu estava sentado. Estendeu-me um cartão.

Li o nome, surpreso.

– Dr. Nathanael Libeskind. Psiquiatra.

Percebendo minha expressão de espanto, ela explicou:

– Foi ele quem me procurou. Quando eu soube que era psiquiatra, tive medo de ele achar que eu estava sofrendo de algum transtorno psíquico. Minha experiência de quase morte tinha sido intensa, real. Jamais aceitaria que alguém dissesse que se tratava de uma doença. Mas o Dr. Libeskind acreditava em mim. Ele explicou que estava realizando uma pesquisa com pacientes que haviam “morrido” e “voltado” e que gostaria de saber mais detalhes do que tinha acontecido comigo. Contei do meu sentimento de paz, do túnel de luz. Ele me tranquilizou mais ainda: as outras descrições que ouvira eram semelhantes à minha. Só havia uma diferença. A menina que eu vira. Segundo me explicou, isso era bastante incomum. Ele acreditava que eu tinha uma missão a cumprir com essa criança. E que uma menina surgiria em minha vida. Pediu para que eu entrasse em contato com ele quando isso acontecesse. Bom, sobre a Alice você já sabe...

Tobias ajeitou os cabelos de Helena. Pude perceber como compartilhavam aquela experiência. E como eram cúmplices.

– Jonas morreu no acidente. Pensei que nunca mais fosse me apaixonar. Ter uma filha estava fora dos meus planos. Mas algum tempo depois conheci o Tobias. – Ela sorriu para o marido. – Nunca me esqueci da experiência que vivi, mas a importância foi diminuindo, conforme eu retomava meu dia a dia. – Olhou fixamente nos meus olhos e falou: – A vida é como uma paisagem, não acha, Alan? A gente vê o que está à frente, em primeiro plano. O que passou fica borrado, os detalhes se confundem, o sentimento perde a cor.

Eu não sabia o que falar. Aliás, desde que chegara a Holambra, parecia que havia perdido o dom de encontrar as palavras certas na hora certa. O que eu podia dizer a Helena? Sem dúvida havia uma razão para ela me contar a história de sua vida!

– Quando Alice nasceu – continuou ela –, voltei a pensar na minha experiência de quase morte. Na menina que vira no túnel de luz e que eu intuía que precisaria de mim. Pode ser surpreendente, Alan, mas nunca, em nenhum momento, lamentei a condição de Alice. Mas eu queria entender o que vi quando deixei meu corpo. Procurei o Dr. Libeskind. Ele me contou que trabalhava com terapia de vidas passadas, com regressão. Acreditava que havia uma conexão entre mim e Alice, vinda de outras existências.

– Você fez regressão? – perguntei, um pouco atônito com tudo o que tinha ouvido naquela noite.

– Não. Alice ainda era bebê e precisava de muita dedicação. Também nunca tive dúvidas de que voltei por causa dela. A missão que tenho nesta vida é cuidar de minha filha.

Tobias a abraçou.

– Nossa filha, Helena.

– Sabe, ser mãe de uma menina como Alice é viver um amor absoluto – disse ela. – E muitas vezes eu sinto que preciso mais de minha filha do que ela de mim. O amor de mãe é intenso, indescritível. E foi por meio dele que percorri o território da minha alma. Descobri minhas sombras, minhas fraquezas. Se a alma é mesmo um lugar desconhecido, esse amor é uma ferramenta para conhecê-la. É como se eu tirasse o mato e as pedras, plantasse flores e transformasse meu caminho em um jardim. O amor faz de nossa alma uma terra fértil.

Suas palavras me comoveram. Nunca imaginei que Helena houvesse vivido uma história tão bonita e que tivesse tantas coisas importantes para me dizer naquele momento de minha vida.

“Às vezes o que realmente importa está tão perto da gente e mesmo assim não conseguimos enxergar”, pensei.

– Por que me contou tudo isso, Helena? – perguntei, até meio tímido, já temendo pela resposta.

– Esse sonho que você tem e que se repete há tanto tempo deve ter a ver com suas vidas passadas, Alan. Quando você falava, tive certeza absoluta de que conheceu essa moça em outra época.

– O fato é que ela também me reconheceu.

– Parecia que ela tinha medo do Alan – explicou Tobias.

– Talvez ela tenha sofrido muito por sua causa.

– Impossível, Helena – retruquei. – No sonho eu prometo que a amarei para sempre.

– Acho que você deveria procurar o Dr. Libeskind – aconselhou-me ela.

– Nunca passou pela minha cabeça fazer regressão – falei.

– Pois eu acho que você e essa moça se conheceram em outra vida. Pense no que está acontecendo agora. Vocês se encontraram novamente, e o sentimento é tão forte que os dois se reconheceram.

– Será que ela tem o mesmo sonho que eu? – indaguei.

– Talvez não – respondeu Helena. – Pode ser só uma reação instintiva. Muitas vezes os sentimentos fortes não têm explicação. São na verdade memórias de outras vidas. Talvez isso esteja acontecendo com ela.

Guardei o cartão do médico na carteira.

– Vou pensar – disse.

Helena me convenceu com um argumento definitivo:

– Alan, você não teve um sonho. Teve um chamado.

Finalmente, ela tinha sido capaz de oferecer uma palavra para explicar exatamente o que eu sentia.

O sonho era um chamado.

Eu precisava voltar ao passado para entender o presente.

Acordei cedo. O dia amanheceu nublado e frio. Olhei pela janela do quarto e vi as flores de inverno no canteiro da avenida. Embora não fosse minha intenção inicial, achei melhor voltar para meu escritório. Fiz a mala, tomei um café rápido, algo raro na minha rotina de guloso, e fui ao escritório do Dr. Balthus. Pedi alguns dias para estudar a melhor maneira de resolver aquele impasse. Precisava formular uma proposta concreta para Anna e seu irmão, embora os dois não fossem o principal problema. Eu tinha certeza de que eles aceitariam trocar sua parte na herança pela fazenda.

O problema era convencer Tobias. Talvez a dureza da vida no campo e a firme decisão de Helena de não ficar com a propriedade o forçassem a mudar de ideia. De qualquer forma, era sua teimosia que eu precisava vencer para fechar o acordo.

Precisava, também, amadurecer os detalhes da proposta. Não queria entrar em conflito com Anna. Apesar de ela ter demonstrado o pavor que sentia por mim. Pavor que me atingia intimamente, que machucava minha alma.

De fato, a revolta de Anna em relação ao testamento era justa. Ela crescera naquela casa. Praticava no trapézio. Gostava dos leões. Estava muito claro para mim que o velho Ciccillo, ao fazer o testamento, queria controlar a vida dela e a do irmão. Todos nós queremos controlar a vida de quem amamos. Dizer o que é certo e o que é errado. Na maioria das vezes não funciona. Como nesse caso: o tio de Tobias queria que Anna e o irmão construíssem uma nova vida. Só que tudo o que eles desejavam era a antiga.

Na noite anterior, antes de voltar ao hotel, eu havia deixado um cheque com Helena, para as despesas com os leões. Mais uma vez pedi a Tobias que

pensasse bem a respeito da fazenda. Tinha esperança de que ele mudasse de ideia. Apesar de conhecer sua cabeça dura.

Quando saí da cidade, tive um sentimento de abandono. Ao passar pelo portal, tive a sensação de deixar parte de mim naquele lugar.

Peguei a estrada. O escritório me esperava. Ao chegar a São Paulo, fui direto para lá. Ficara apenas um dia fora, mas parecia ter sido uma eternidade. Havia vivido emoções intensas. Sentimentos nunca experimentados. Partilhara confissões. Conhecera outra faceta da vida de meus amigos. Algo que nunca havia passado pela minha cabeça.

Cheguei ao escritório a tempo de participar da reunião que fazíamos todas as manhãs para verificar o andamento de algumas causas.

Quando terminamos, avisei:

– Vou ter que voltar a Holambra daqui a alguns dias. Deixei algumas questões pendentes lá. Mas acho que isso não vai me tomar mais do que dois ou três dias.

Eu sabia que, se não quisesse, nem precisaria voltar. Poderia apenas redigir a proposta de permuta e convencer Tobias a aceitá-la, o que, ajudado por Helena, podia fazer por telefone. Os detalhes jurídicos, discutiria com o Dr. Balthus por e-mail. Ele mesmo poderia fazer a proposta aos irmãos, que certamente aceitariam. Mas é claro que eu não faria isso. Queria ver Anna novamente.

“Estou me comportando como um adolescente”, disse a mim mesmo. “Preciso voltar à vida real.”

Vida real! Érica! Meu celular desligado! Ela devia estar histérica.

Quando telefonei para ela, já esperava uma enxurrada de reclamações.

Para minha surpresa, ela ficou feliz ao ouvir minha voz.

– Ah, até que enfim você deu sinal de vida! – disse ela. – Alan, que bom que você voltou! Hoje é a estreia do musical. Você sabe que eu estou louca para ir, não é?

Eu nem me lembrava do musical. Mas deixei que ela pensasse que havia voltado por esse motivo. Érica gostava de sentir que dominava a situação.

Ficou tão feliz com meu retorno que nem reclamou por eu não ter atendido suas ligações. Que mal havia em deixá-la achar que estava com a razão?

Trabalhei o dia todo com muita disposição. Já anoitecia quando fui para casa. Precisava deixar a mala, tomar um banho rápido e ir buscar Érica para o compromisso daquela noite.

Comecei a pensar que minha vida era um eterno ir e vir. Todas as noites eu tinha um compromisso. De segunda a segunda. Estava sempre correndo de uma festa para outra, de um encontro para outro.

No caminho para o flat em que Érica morava, me dei conta de que preferia ter ficado em casa, fumando meu charuto, só de cueca. Mas foi um pensamento rápido. Expulsei-o de minha mente.

Érica estava mais elegante que nunca. Usava um vestido vermelho sangue, de renda, colado ao corpo. Bolsa e echarpe laranja. Uma combinação difícil, mas muito elegante. Érica tinha um bom gosto incrível.

Nossas poltronas ficavam bem no centro e perto do palco. O musical era ótimo. Os atores, fantásticos. O texto, engraçado. Parecia a noite perfeita, mas eu me sentia melancólico. Sem me divertir realmente. O que havia comigo?

Após o espetáculo houve um coquetel no hall do teatro. A aglomeração de pessoas, os beijinhos, os apertos de mão. Dois dias antes, eu responderia a todos com um sorriso. Trocaria cartões. Combinaria jantares que não aconteceriam. Naquela noite, estava sem vontade de conversar. Tudo ali soava falso demais. Algo em mim havia mudado. Para sempre.

Érica se divertia como de costume. Nem percebeu meu desinteresse. Meu desconforto. Nem prestava atenção em mim, na verdade. Saímos do coquetel e fomos jantar. Ela escolheu um restaurante japonês da moda. Lotado. Barulhento.

Érica falava pelos cotovelos. Nem parecia a mesma pessoa furiosa que eu deixara no flat na véspera de minha viagem. Enquanto contava sobre as compras que fizera naquele dia e sobre as que pretendia fazer, meus pensamentos estavam em Anna. Em seu olhar duro. Em seu pavor.

Fiquei em silêncio o tempo inteiro. Já estávamos quase terminando de comer quando Érica disse, quase em tom de acusação:

– Você está muito quieto. Aconteceu alguma coisa?

– Estou preocupado com um cliente – respondi de pronto.

O fato é que a conversa social no hall do teatro e agora o jantar haviam me deixado de mau humor.

– Não é nada com o Tobias, é? – quis saber Érica.

– E se fosse? – rebati, mais duro do que gostaria.

– Seria péssimo estragar a noite por causa dele. Aliás, você ainda não me contou como foi por lá.

– Você não estava interessada – respondi.

– Está sendo grosseiro, Alan. Não mereço isso – falou Érica, fazendo ar de vítima.

– Ele herdou uma bela fazenda – contei, mais delicadamente.

– Que bom. Assim você não precisa mais se preocupar com a vida dele.

Por um momento achei que poderia dividir minhas preocupações com Érica. Não era assim que acontecia com um casal?

– É, mas tem uma moça decidida a contestar o testamento. Acha que tem direito à fazenda – continuei.

– Alguma amante do falecido? – quis saber ela.

– Não, o tio de Tobias a criou. E ao irmão – falei em poucas palavras, já firmemente decidido a não lhe contar mais nada.

Quando acabamos de jantar, fomos ao apartamento de Érica. Mal entramos, nos beijamos longamente. Em minutos estávamos na cama. Foi tão bom como sempre. Acabei dormindo por lá. “Hoje não vou sonhar”, pensei.

Estava enganado.

Mais uma vez, sou eu e não sou eu. Uma catedral. Teto tão alto que me sinto insignificante diante da imensidão. Abóbada sustentada por arcos ogivais que dão leveza à construção. Longos vitrais filtram a luz do sol. Apesar deles, a catedral é escura. A rainha Agostina está mergulhada na sombra, vestida de púrpura – a cor dos monarcas. Na penumbra, percebo apenas a forma de seu rosto, a expressão sempre séria. A pequena coroa de ouro e diamantes presa no alto da cabeça. Seus olhos fixos lembram uma ave de rapina. Quem sou eu? A quem pertence o corpo em que estou mergulhado? Tento me reconhecer. Observo minhas mãos. Não são minhas, mas de outro homem. Dedos repletos de anéis. Procuro adivinhar minha identidade nesse mundo revivido pelo sonho. Percebo que uso trajes escuros de religioso. Sou um religioso, não há dúvida. Estou vestindo também uma capa grossa de veludo. Uma corrente grossa com um sólido crucifixo de ouro. Está claro! Tenho também poder e prestígio. Prova disso é que me fazem um sinal para ir ao altar. Eu me levanto. Vou para o altar.

Observo a igreja repleta. Junto ao trono da rainha, seu filho. Um menino, num pequeno trono de veludo aos pés dela. Logo atrás, uma fileira formada por cadeiras estreitas, forradas também de veludo, onde se acomodam os nobres e os cidadãos mais importantes. Mais ao fundo, não há cadeiras, nem sequer bancos. O povo esfarrapado e sujo senta-se no chão. A rainha e eu já combinamos o que dizer. Tivemos uma longa conversa no palácio, em suas acomodações privadas. Ela se levanta. Pede clemência a Cristo, Nosso Senhor. A seca já dura anos. Açoitado pela fome, o povo se revolta.

– As parreiras não produzem mais. Nem vinho temos. Por que estamos recebendo esse castigo? – diz um nobre.

– A falta de fé é punida por Deus – explico. – Nesta terra vive gente que tem trato com o demônio!

A rainha pede a ajuda da Igreja.

– O povo deste reino é bom, fiel a Deus. Eu rogo que nos ajude a extirpar o mal, que é como uma ferida que nos consome.

Eu proponho uma caça às bruxas.

– Lúcifer engana. Seduz. Vamos descobrir seus servos. Livrar esta terra do mal.

Inicio uma cruzada para identificarmos as bruxas. Cada um deverá denunciar a irmã, a mãe, a tia, a vizinha. Quem apontar uma bruxa será recompensado com a graça divina. Até um assassino será perdoado, se estiver a serviço de nossa causa. O denunciante também receberá uma moeda de prata, se a denúncia se provar verdadeira.

Quanto às bruxas, eu prometo: saberei obrigá-las a confessar suas feitiçarias. Os encontros com Lúcifer.

– A bruxa deita com o diabo! – exclamo, exaltado. – Sua sentença será a fogueira, para livrar a terra desse mal.

Os nobres fazem o sinal da cruz. O povo grita. Finalmente sabem para onde voltar sua fúria. As bruxas são as culpadas de toda a desgraça que acomete a terra.

Vou para a sacristia. Ouço passos.

A rainha entra. Com um gesto, ordena que suas aias esperem fora.

– O senhor falou muito bem – diz ela. – A rainha está feliz com suas palavras.

Sempre se refere a si mesma na terceira pessoa. Em seu rosto rígido quase surge um sorriso. Então, num impulso, ela estende a mão. Apoia-se em meu punho. Beija levemente meus lábios. Afasta-se em seguida. Surpresa com o próprio gesto. Retira-se apressada. Permaneço imóvel. A mão sobre a boca. Seu beijo me enoja.

Quando a rainha sai, as pessoas se avolumam na porta da sacristia. Ansiosas para denunciar até seus seres mais amados e receber a moeda de

prata. As lanças de dois soldados impedem a entrada de todas elas ao mesmo tempo. Recebo uma a uma.

Anoto nomes e os entrego a outros monges, que me auxiliam. Cada pessoa será interrogada. Para ajudá-las a falar, usaremos chicotes, lanças pontiagudas, chamadas sob seus pés. O que for necessário.

Sempre soube farejar uma bruxa. Assim, uma denúncia específica me interessa especialmente. Alguém fala de uma velha cigana. Diz que ela cura doenças com ervas, ferimentos com teias de aranha e remédios secretos, feitos com plantas colhidas nas matas. Não tenho dúvida. Trata-se de uma bruxa. Recebe a ajuda do demônio. Raciocino: se Deus envia uma enfermidade, Ele é quem deve decidir curá-la. O doente deve aceitar seu fardo para expiar seus pecados. Quanto mais dor, mais sofrimento ele tiver, mais perto estará do Reino Divino. Jó não aceitou todos os sofrimentos que Deus lhe impôs?

Costumo rezar noites inteiras deitado com os braços abertos em cruz em frente ao altar da catedral. Embaixo da roupa uso uma faixa com espinhos de ferro, que rasgam minha pele e provocam feridas. “A dor eleva a alma”, digo a mim mesmo. “Se essa bruxa cura doenças, vai contra a vontade do Altíssimo.”

E também, não nego, sei que a rainha ficará contente. Se eu acusasse a filha de um duque, poderia causar problemas. Mas perseguir uma cigana, velha ou não, é bem-visto por todo o povo do reino.

Resolvo partir pessoalmente em busca dela. A rainha me concede um destacamento de soldados. Preciso de proteção. O povo cigano vive em cavernas fincadas numa montanha nos arredores da cidade.

Subirei por caminhos íngremes, se necessário. Os soldados me ajudarão a reprimir qualquer sinal de rebelião.

Encontrar uma bruxa. Julgá-la. Queimá-la na fogueira. Essa é minha missão. É o ideal para o início de nossa cruzada pela fé. A morte de uma bruxa acalma o coração de um povo revoltado. Sei que, quando as chamas se elevam, muitas feiticeiras gritam pela ajuda dos demônios, seus cúmplices. Ao prendê-las na estaca, antes de acender a fogueira, é preciso colocar um

crucifixo sobre seus corações. Para impedir a entrada dos filhos de Lúcifer, capazes de lhes conceder poderes absolutos.



Partimos. Os soldados, a pé. Minha guarda pessoal, a cavalo. Eu, numa liteira carregada por quatro homens. As cortinas ocultam meu rosto.

Aos poucos nos aproximamos da região onde ficam as grutas. Ouço uma voz de mulher. Canta. É uma música estranha. Nem chega a ser uma canção. Mais parece um lamento. A voz presa a um único som. Quase um grito que se divide em várias notas. Mas não é exatamente triste. Mais parece uma celebração de sentimentos secretos, que vêm do mais profundo da alma. E me sinto surpreendentemente tocado por aquela voz, como se ela falasse com uma parte de mim que não conheço.

Afasto as cortinas com dois dedos. À direita do caminho, uma moça cuida de cabras. Cabelos longos, negros. Olhos verdes. Ao me ver, para de cantar. O som permanece suspenso entre nós. Espero que ela volte a cantar, ou que diga alguma coisa.

Ouço meu próprio grito:

– Anna! Anna!



Acordei assustado. Érica dormia ao meu lado. Levantei-me. Fui até a cozinha, caminhando na ponta dos pés para não fazer barulho. Bebi um copo de água gelada. Eu já sabia. Mais uma vez, não conseguiria dormir. Não faltava muito para amanhecer. Sentei-me no minúsculo terraço do flat, apesar do vento frio que batia ali. O inverno estava quase no fim, mas a temperatura das madrugadas ainda era baixa. Senti falta do charuto. Ele seria uma boa companhia até o dia clarear.

Respirei fundo. Talvez para tentar controlar as batidas do coração. Disparado.

Eu sonhara novamente. As mesmas pessoas de todos os sonhos. Mas agora em outra situação. Eu sabia: revivera o instante em que a vira pela primeira

vez. E se Helena realmente estivesse certa? E se o sonho fosse uma espécie de “recordação” de outra vida? Fazia sentido. Havia até mesmo uma estranha sincronia entre o sonho e a realidade. Na minha vida atual, eu acabara de conhecer Anna. Agora eu lembrava como a conhecera em outra vida. Mesmo adormecido, eu a chamara por seu nome atual. Sonho e realidade se confundiam. Eu precisava fazer alguma coisa. Sozinho, já não sabia como lidar com a situação.

Novamente, vi o dia clarear. Novamente, repensei minha vida. O que havia de errado com ela? Sempre me julguei no controle da situação, mesmo quando levava uma vida difícil. Tinha um objetivo: ser alguém. E havia chegado lá. Não precisava me preocupar com dinheiro. Estava bem de saúde. O que, então, estava acontecendo comigo? Que caminho eu havia tomado para que tudo mudasse tanto em minha vida?

Não podia ser só o sonho. E o encontro com Anna? Por que me abalara tanto? A urgência que eu sentia no peito em voltar a vê-la, em falar com ela, era um sentimento novo para mim.

Voltei para a cama. Tentei dormir. Impossível. Fechei os olhos. Quietamente. A imagem de Anna não me abandonava. Agora, ela se confundia com a moça que cuidava das cabras. Outra vez sonho e realidade juntos. Lembrei-me do olhar da moça na fogueira. Do olhar de Anna. Tão diferentes e tão iguais!

Consegui cochilar um pouco. Mas não descansei. O corpo todo estava tenso. Decidi me levantar.

Não demorou muito para Érica sair da cama. Decidimos tomar café em uma padaria que fica quase em frente ao flat. Sempre gostei de caminhar até lá com Érica, mas naquela manhã alguma coisa estava diferente. Percorri o trajeto calado. Deixei que Érica escolhesse a mesa. O sonho parecia tão real! Eu me sentia dividido entre dois mundos.

Quando cheguei à metade da minha omelete, Érica me perguntou, como quem não queria nada:

- Quem é Anna?
- Quem? - Fingi não entender.

– Você falou esse nome quando estava dormindo, Alan. Chamou por ela. Anna. Quem é?

Queria escapar da situação. Mesmo porque não saberia o que dizer. Mas eu conhecia Érica muito bem. Ela não me deixaria em paz enquanto eu não explicasse.

Resolvi dizer a verdade. Ou parte dela.

– É o nome da moça que está contestando o testamento de Tobias – informei.

– Você sonhou com ela? Foi por isso que gritou “Anna, Anna”? – perguntou ela, com grande irritação na voz.

A resposta foi falsa, o que fazer?

– Não – afirmei. – Aliás, se sonhei alguma coisa, nem me lembro.

– Essa Anna é bonita? – quis saber ela, tentando uma abordagem diferente.

– Érica, que interrogatório é esse, logo cedo? – Tentei parecer ofendido.

– Só me responda: ela é bonita? – insistiu.

– Ah... nem reparei – menti de novo.

– Alan, um homem sempre sabe se uma mulher é bonita ou não.

– Talvez seja. Mas se veste de maneira grosseira. Quase como um homem. Calça larga, camisa, casaco jogado sobre o corpo – respondi, entrando novamente no confortável terreno da verdade.

Mais aliviada, ela riu.

– Conheço o tipo.

– Pois é. Nada a ver, Érica – reforcei.

A crise de ciúme parecia ter passado.

– Nos vemos hoje à noite, Alan?

– Não sei. Talvez tenha um compromisso. Ainda preciso marcar. Não sei a que horas vai ser, nem quando vai terminar – expliquei.

– Talvez? Sua secretária não faz sua agenda? – Novas suspeitas surgiram em seus olhos.

– Por que tantas perguntas? – indaguei, já me sentindo no direito de ficar ofendido.

– Você está diferente desde que chegou. Alguma coisa aconteceu.

– Estou preocupado. Não costumo ficar fora do escritório. Estou preocupado de atrasar meu trabalho.

Finalmente eu encontrara uma maneira de não continuar mentindo e de abreviar o café da manhã.

– Vou passar em casa e correr para o escritório – informei. – Assim que tiver uma resposta sobre meu compromisso, ligo para você.

– Com quem é esse compromisso misterioso? – perguntou ela, suspeitando novamente de que alguma coisa estava errada.

– Um cliente. Com quem mais poderia ser? – respondi.

Antes que houvesse tempo de Érica dizer mais alguma coisa, peguei a comanda com nossa conta e me levantei.

– Termine seu suco com calma – falei. – O apressado aqui sou eu!

Tentei sorrir, mas percebi que o sorriso estava só em meus lábios. Em meus pensamentos estava o sonho. E Anna.

Despedi-me com um beijo, antes que fosse forçado a dizer outra mentira.

Não havia nenhum cliente.

Eu decidira consultar o Dr. Libeskind.

A alameda arborizada convidava os olhos a apreciar cada detalhe do lugar. Árvores centenárias se dobravam no alto. Flores caídas no chão formavam tapetes coloridos. Lembrei-me de Holambra. De Anna. Do sonho.

Eu havia mudado. Não, definitivamente eu não era mais o mesmo homem de dois dias atrás. Buscava respostas. Desejava soluções. Mas, mais do que tudo, queria desfazer o pavor que vira nos olhos de Anna. Imaginei se conseguiria.

Estacionei o carro em frente ao número indicado no cartão de visita. Desci.

A clínica ficava na zona oeste, num bairro antigo de São Paulo, no alto de uma ladeira. Admirei as casas de tijolinhos aparentes, um pouco acima do nível da rua, com pequenos jardins. Todas tinham um aspecto aconchegante. Convidativo. A impressão que me deram foi que, se eu batesse à porta de qualquer uma delas, seria chamado a entrar. Imaginei a mesa posta, bolinhos, doces, pão feito em casa... Meu lado guloso fazia minha imaginação voar. Podia até sentir o cheiro de bolo assando!

“Que lugar agradável”, pensei. Estava acostumado a consultar médicos em conjuntos comerciais de prédios modernos. Em contraponto, a clínica do Dr. Libeskind tinha uma aparência agradável, com a escadinha cercada por plantas que levava até a porta de madeira polida. Só havia conseguido a consulta por pura sorte. Tinha ligado para marcar quando estava voltando de Holambra para São Paulo. A agenda estava lotada. Insisti. A secretária disse que me ligaria se houvesse uma desistência. E a desistência aconteceu. Fiquei com o horário. No decorrer das consultas, eu descobriria que o Dr. Libeskind jamais deixava de atender alguém. Mesmo que precisasse acordar mais cedo ou sair mais tarde.

O Dr. Libeskind abriu a porta assim que toquei a campainha. Era um homem com pouco mais de cinquenta anos, um pouco acima do peso. Sorria. Camisa branca e jeans. Óculos de grau. Cabelos curtos levemente grisalhos. Imagem muito distante da que eu esperava. Percebi que usava um pequeno brinco de brilhante na orelha esquerda.

– Olá, sou o Dr. Libeskind – disse ele, estendendo a mão.

– Alan Perez, muito prazer – respondi ao cumprimento.

Estendi meu cartão. Ele leu rapidamente. Guardou-o no bolso.

Entramos numa saleta. Ele me indicou outra escada. Subimos até uma sala ampla mobiliada de maneira acolhedora. Havia sofás e poltronas, o que dava ao ambiente um ar informal. Uma mesa, com papéis e livros espalhados. Um divã, como eu esperava. Nunca fora a um psiquiatra ou analista antes, mas já ouvira falar que quase todos têm um divã no consultório. Havia uma parede de vidro que dava para um jardim colorido, repleto de flores.

Hesitei um instante.

O doutor fez um gesto com a mão:

– Sente-se onde preferir.

Resolvi me afundar numa poltrona de couro larga e confortável. Ele acomodou-se em outra, diante de mim.

– Minha secretária me disse que você foi indicado pela Helena.

Gostei de saber que ele se lembrava dela.

– Sim – respondi. – Eu a conheço desde que ela e Tobias começaram a namorar. Sou padrinho de casamento deles. – Estava sem jeito de abordar o assunto que me levava até ali. Resolvi falar de uma só vez: – Só recentemente ela me contou sobre o acidente. Sobre a experiência que teve quando estava inconsciente, sobre o túnel de luz.

O Dr. Libeskind sorriu.

– Quem passa por essa experiência não costuma comentar a respeito – disse ele.

– Por quê, se parece ser algo tão intenso? – perguntei, curioso.

– A pessoa fica com a sensação de que é quase um segredo – explicou. – Há certas coisas na vida sobre as quais a gente não deve falar muito, de qualquer

maneira. E muita gente não acredita que seja possível um contato com o outro lado da vida. Quem realmente passou pela experiência prefere ficar em paz, sem ter que polemizar ou ter que provar algo a alguém.

Concordei:

– Provavelmente foi esse o motivo pelo qual Helena nunca havia me falado a respeito. Nem Tobias, que sempre me conta tudo. Para ser sincero, nunca me interessei tão a fundo pelo assunto.

– Você tem religião? – quis saber o médico.

– Fui batizado na igreja católica – respondi. – Quando era menino, gostava muito de ir à missa. Ficava fascinado com os rituais em latim. Quis até entrar para o seminário.

– Mas não foi para o seminário. – Era mais uma afirmação do que uma pergunta.

– Minha mãe não me deixava nem falar no assunto. Não queria que eu me tornasse um religioso de jeito nenhum. Ela não gostava de ir à igreja. Sempre dizia que se sentia presa, sufocada, dentro da catedral de nossa cidade.

– Interessante – comentou ele.

– Não deixa de ser – concordei.

– É óbvio que Helena sentiu necessidade de falar sobre sua experiência com você. E lhe deu meu cartão. Qual foi o motivo? – perguntou o médico, chegando à questão principal.

– Eu não sei o que está acontecendo comigo – confessei.

Contei sobre meus sonhos. As noites maldormidas. A angústia ao acordar.

– É sempre o mesmo sonho? – quis saber ele.

– Até agora, sim. Exceto o último. Na noite passada sonhei não com a morte da jovem, mas com o momento em que a conheci. – Respirei fundo e confessei, quase num murmúrio: – Tenho medo de dormir. De reviver tudo mais uma vez.

O médico me observou em silêncio.

– Tem mais uma coisa – falei.

– Conte-me – ele falou, de maneira gentil.

– Eu conheci a moça que vejo nos sonhos.

Depois disso, despejei tudo. O encontro com Anna. Sua fuga. A segunda vez que a vi. O irmão, que nos meus sonhos era o rapaz que tentava salvá-la da fogueira.

– Sei que não faz sentido, doutor. Para falar a verdade, quando me detive nos traços dela, analisando os detalhes, concluí que há diferenças em relação à cigana do sonho. A semelhança absoluta foi só uma impressão inicial. Ao mesmo tempo, tenho certeza de que é a mesma pessoa. Sorri, sem jeito. – É um absurdo, não é? – perguntei.

Ele balançou a cabeça.

– Pelo contrário, é perfeitamente lógico.

Sua resposta me emocionou. Parecia absurdo, mas podia ser lógico?

– Como alguém que eu só conheço nos sonhos pode existir de verdade? – questionei.

– A vida é muito mais misteriosa do que a maioria das pessoas pensa, Alan. Para entender o que está vivendo sem se considerar louco, tem que se abrir para outras possibilidades.

Rapidamente, o Dr. Libeskind me contou sobre sua formação como psiquiatra. E sobre seu interesse por vidas passadas. Por hipnose terapêutica.

– Eu me espantava porque o tratamento convencional era completamente inútil em alguns casos. Em fobias, por exemplo. Parecia haver uma causa mais profunda, que eu não conseguia atingir. Depois que passei a trabalhar com hipnose terapêutica, percebi uma rápida evolução no estado dos pacientes, até chegar à cura.

O médico passou então a falar sobre sua descoberta da terapia de vidas passadas.

– Surgiu uma paciente que tinha horror de água. Era incapaz de entrar numa piscina. Até mesmo numa banheira. Chorava e tremia diante de um lago, por exemplo. Também tinha problemas respiratórios graves. De repente ficava sem ar. Sentia que ia morrer. Não havia nenhuma causa física, segundo os relatórios de seus médicos.

O doutor cruzou as pernas, lembrando-se daquele primeiro caso que havia mudado sua vida.

– Era uma artista plástica muito talentosa. Eu queria ajudá-la de qualquer maneira. Resolvi tentar um tratamento por hipnose. Conhece alguma coisa a respeito?

– Pouco – respondi.

– O paciente é induzido a uma sonolência que chamamos de estado hipnótico – explicou ele. – Ao contrário do que se pensa, a pessoa nessa situação, apesar de ficar bastante suscetível ao que o hipnotizador diz, é incapaz de fazer algo contra si própria ou contra seus princípios morais. Mas também não permanece em um estado de consciência ativo. Durante a hipnose, é possível reviver experiências do passado. Pessoalmente, eu acreditava que os problemas de minha paciente, inclusive os físicos, pudessem ser o resultado de um trauma de infância. Eu a coloquei em estado hipnótico e fiz com que regredisse até a infância.

Eu estava cada vez mais interessado. O doutor continuou:

– A paciente era muito sensível à hipnose. Lembrou-se de detalhes de suas festas de aniversário, quando menina. Da tristeza que sentiu quando seu cachorrinho morreu. Até dos bolos e dos presentes que ganhou.

Ele fez um longo silêncio, como se buscasse as palavras certas para descrever o que acontecera durante essa experiência.

– Nenhum desses acontecimentos remetia a seu problema. Como disse, era uma paciente fácil de hipnotizar, pois nem todos são. Pedi que voltasse ainda mais no tempo. Eu esperava descobrir algo surpreendente, talvez nos seus primeiros dias de vida. Isso por si só já seria uma vitória muito grande. Subitamente, ela retrocedeu ainda mais. Falou com outra voz. Rouca. Diferente. Também se expressava de maneira vulgar. Parecia, realmente, outra pessoa. Perguntei onde estava. Ela deu o nome de um povoado alemão que naquele momento não reconheci. Era o lugar mais próximo de onde vivia. Na verdade, ela morava em uma estalagem na estrada. Descreveu suas roupas e as pessoas que a cercavam. Suas referências pareciam muito antigas. Muitas delas, não consegui identificar. Então percebi que quem

estava lá, deitada no divã, não era minha paciente, mas outra pessoa. Perguntei quem era. Ela riu novamente, como se estivesse surpresa. Todos a conheciam na região, afinal. Era uma prostituta. Usava uma faixa amarela na roupa para se identificar.

Mais uma vez, o doutor fez uma pausa.

– O que aconteceu em seguida? – perguntei.

– Eu a despertei. Antes, fiz uma sugestão hipnótica para que não se lembrasse de nada do que me contara. Marcamos a próxima consulta e nos despedimos. Minha primeira providência foi tentar localizar o povoado a que ela se referiu. Não consegui. Mas isso não queria dizer nada. Podia ter desaparecido, ou se transformado em uma cidade com outro nome. O detalhe da faixa amarela que a identificava como prostituta me deixou intrigado. Podia ser um detalhe significativo. Pesquisei durante dias, em vão. Consultei, então, um amigo historiador. Ele ficou surpreso ao ouvir minha pergunta. Também não conhecia o assunto em profundidade, por ser algo muito específico. Mas já lera que em uma região que hoje pertence à Alemanha, no século XVI, as prostitutas usavam faixas amarelas para revelar sua profissão. Indicou-me um livro e eu confirmei a informação. Era verdade: as prostitutas daquela região usavam uma faixa amarela. Minha paciente, uma artista plástica, fornecera um dado que nem eu nem ela sabíamos. Um detalhe tão específico que até mesmo para um historiador como meu amigo era quase desconhecido.

Eu estava impressionado com o que ele acabara de me contar.

– Descobri que estava diante de um mundo novo, misterioso e surpreendente – continuou o psiquiatra. – Antes do início da sessão seguinte fiz novas perguntas à minha paciente. Será que tinha estudado história? Ela confirmou o que eu já sabia. Não tinha nenhum conhecimento específico a respeito do tema. Era uma artista plástica e se dedicava à pintura. Mais uma vez eu a submeti ao transe hipnótico. Novamente, ela se lembrou em detalhes da vida daquela mulher. Uma vida bem simples e sofrida. A alimentação era à base de cereal e muita cerveja, na época

considerada nutritiva. Era uma prostituta pobre, à mercê de homens brutos. Às vezes o sexo era pago apenas com um prato de comida.

– E a fobia de água, havia alguma explicação para isso? – perguntei.

O médico assentiu.

– Durante o transe hipnótico chegamos ao momento de sua morte nessa vida anterior – disse ele. – Uma noite, ela foi acusada de furtar moedas da bolsa de um de seus clientes. Era culpada, sem dúvida. O homem adormecera após o coito. Ela aproveitou a oportunidade para garantir alguns dias sem fome. Mas ele acordou e descobriu o que ela tinha feito. Foi pega quando saía da hospedaria para se esconder no bosque mais próximo até que o viajante fosse embora. Encontraram as moedas presas num saquinho entre seus seios. Não houve pedido de perdão capaz de salvá-la. Foi amarrada e levada a um castelo próximo. O nobre local concordou com a execução. Foi atirada do alto da torre. Caiu nas águas do fosso, presa pelas cordas. Sem nem ao menos conseguir se debater ou tentar se salvar. Morreu afogada.

– Que horrível! – Não consegui controlar o tom da minha voz. Quase gritei.

– Muitos de nós tiveram vidas sofridas no passado. Talvez a maioria – explicou o Dr. Libeskind. – É por isso que temos tantos medos, tantas reações inexplicáveis, até doenças.

– E sua paciente, o que aconteceu com ela?

– Dessa vez, enquanto ela ainda estava no transe, orientei-a a se lembrar de tudo ao despertar. Eu estava preparado para que acordasse aterrorizada. Mas o surpreendente aconteceu. Sentia-se, de fato, muito melhor. As recordações de uma vida anterior a libertaram na atual. Durante as sessões seguintes, a falta de ar foi desaparecendo. O medo da água, também. – O doutor sorriu. – Hoje, por incrível que pareça, ela já até aprendeu a nadar.

– Doutor, não pode ser só imaginação? – quis saber.

– Minha suposição foi essa, de que se tratava só de imaginação. Mas havia a faixa amarela. Um detalhe quase esquecido na história, mas vivo em sua lembrança. Depois desse caso, passei a estudar vidas passadas. A pesquisar

experiências de quase morte. Comecei a me interessar pelo outro lado da vida. Particularmente, acredito que esse tipo de terapia não só é importante para curar problemas individuais como no futuro nos fará recuperar antigos conhecimentos, hoje perdidos.

– Sobre o meu caso... No sonho, eu prometo amá-la para sempre. É estranho, porque nunca me apaixonei de verdade – comentei.

– Você já pensou que pode estar preso a essa promessa feita em outra vida? Talvez por isso seja incapaz de se abrir para um amor – observou o Dr. Libeskind.

– E se for só imaginação minha? – perguntei, ainda buscando uma explicação racional para o que estava vivendo.

– Vamos tentar a hipnose e avaliar – sugeriu ele.

Eu queria descobrir. Mais do que isso. Eu precisava. Precisava ser franco com o psiquiatra. Abrir meu coração. Minha mente. Minha alma. Me despir da vergonha que tinha de falar sobre meus sentimentos.

– Desde que encontrei aquela moça, Anna, não paro de pensar nela. Nem um instante. A reação dela diante de mim foi muito ruim. Foi de horror, de nojo. Mas, quando me lembro dela, meu coração dispara.

Pigarreei. Novamente pensei em meus charutos. Seria bom dar uma baforada, relaxar. Criei coragem e falei:

– Ontem, quando encontrei minha namorada, senti que estava fora do meu lugar. Uma solidão imensa. Eu não queria estar ali. Era como se eu falasse e não houvesse eco. Na verdade, antes de viajar para Holambra, planejava me casar com ela. A gente se diverte, se dá muito bem na cama. Imaginava que poderíamos viver bem.

Encarei o Dr. Libeskind. Disse:

– Não queria admitir nem pra mim mesmo, mas junto com Érica senti que faltava alguma coisa.

– O quê, exatamente?

– Eu queria estar com Anna, não com Érica – confessei.

– Pelo que entendi, você transportou o amor da outra vida para a atual.

– Exatamente, doutor.

– Faz sentido...

– Como assim? – surpreendi-me.

– Você prometeu amá-la para sempre. Foram palavras vivas, intensas, que atravessaram a eternidade. Sua alma quer cumprir a promessa – explicou o psiquiatra. – Alan, existe uma coisa que já constatei com inúmeros pacientes. Os laços de amor são mais fortes que o tempo.

Se até aquele momento eu tinha dúvidas, as palavras do Dr. Libeskind acabaram com elas.

Queria decifrar aquele mistério.

E pedi que ele me hipnotizasse.

Deitei-me no divã. Ele me induziu a um relaxamento. Pouco a pouco, sua voz tornou-se mais distante. Minhas pálpebras tremeram, como se tocadas por uma leve carga de eletricidade. Em instantes, ficaram pesadas. E eu me senti afundando num mundo escuro.

– Alan, você vai recuar alguns anos... – disse o médico.

Eu estava na faculdade de direito. Revi as paredes antigas do edifício do largo São Francisco, em São Paulo. Recebi a notícia da morte do meu pai. Uma colega de classe me abraçava. Eu chorava, pensando que não o encontrava havia vários anos e que agora nunca mais o veria.

Estimulado pelo Dr. Libeskind, recuei para mais longe.

Era meu aniversário de doze anos. Minha avó servia um bolo recém-assado na mesa da cozinha. Só eu, ela, minha irmã, Luana, e mamãe, incomodada com a pequena celebração. Eu queria soprar uma velinha. Não havia.

– Isso tudo é bobagem – disse minha mãe.

Doía. Nos aniversários de minha irmã havia bolos com cobertura cor-de-rosa e rosinhas de glacê. Eu também não costumava ganhar presentes e, dessa vez, não seria diferente. Minha avó achou uma vela comum. Colocou no meio do bolo. As três cantaram um parabéns chocho. Foi um aniversário sem alegria. Como todos. Senti vontade de chorar. De perguntar o que nunca tive coragem: “Mamãe, por que você não gosta de mim?”

Voltei ainda mais longe no passado. Tinha seis anos. Meu pai ia embora. Antes de partir, ele descansou a mala no chão e me abraçou. “Seja forte. Cuide da sua mãe e da sua irmã. Agora você é o homem da casa.”

Eu não consegui chorar. Senti apenas uma angústia imensa invadindo meu peito.

A voz do Dr. Libeskind veio de longe, muito longe.

– Agora você vai voltar ainda mais no tempo, Alan. Para uma época muito anterior a seu nascimento, na qual você tinha outro nome. A época em que você encontrou Anna pela primeira vez.

Meu cérebro mergulhou ainda mais profundamente na escuridão. Eu não sentia meu corpo. Fiquei um longo tempo sentindo-me protegido num casulo. Não havia imagens. Só uma paz imensa.

Em seguida, ouvi barulho. Gritos. Eu estava no meio de uma luta.

Os ciganos tentavam salvar seus pertences. Os soldados esvaziavam as grutas onde se alojavam em Granada. Atiravam fora camas, colchões, panelas, garrafas, roupas.

– Achem a velha bruxa! – eu comandava.

Ela gritou quando foi arrastada até mim. Debatia-se nas mãos dos soldados. Era uma mulher magra. Ossos aparentes. Cabelos grisalhos compridos e desgrenhados. Ergui a cruz.

– Ajoelhe-se! – ordenei.

Ela se debateu ainda mais. Tentou fugir. Um soldado a esbofeteou. Dois monges entraram na gruta.

– Busquem as provas – determinei.

Havia feixes de ervas secas. Frascos com líquidos viscosos. Uma serpente conservada dentro de um vidro. Um dos monges estendeu um livro com garranchos e desenhos primitivos. Folheei as páginas rapidamente.

– São as receitas de suas feitiçarias!

Deixamos as grutas. A bruxa foi amarrada atrás de um cavalo. Quando estávamos prontos para partir, alguém correu até nós.

– Amarantha! Amarantha!

Era a garota que eu vira cuidando das cabras. Atirou-se a meus pés. Suplicou em um dialeto desconhecido. Não precisava conhecer as palavras para entender: pedia que eu soltasse a velha. Por um instante, senti vontade de dizer que sim. Em seguida me afastei, não queria ser importunado. Os pertences dos ciganos foram atirados numa pilha. Incendiados. Partimos. A bruxa amarrada à sela do cavalo pelos pulsos. Ela urrava de dor.

A imagem se desfez. Novamente me vi cercado pela escuridão.

Pouco depois, me vi numa sala mergulhada na penumbra, iluminada por poucas velas. A velha estava presa numa mesa com roldanas. Joguei água benta sobre ela, para evitar que o demônio entrasse em seu corpo e lhe desse forças para nos enfrentar. Em torno de mim, alguns monges invocavam o Altíssimo. Ergui a cruz.

– Confessa seus pecados? Teve coito com o demônio?

A mulher negou, aos gritos.

Dei ordem para que as roldanas fossem movidas. Os lados da mesa se afastaram, esticando o corpo da mulher. Ela gritou ainda mais alto, mas não me preocupei. As paredes grossas impediriam que o som ecoasse fora dali. Mais uma vez perguntei. Novamente ela negou. Esticamos ainda mais seu corpo, a ponto de braços e pernas quase serem arrancados.

Despertei em seguida, com o espírito tumultuado pela situação.

Agora eu tinha consciência de quem fora naquela vida anterior.

Eu era o inquisidor. Responsável pela caça às bruxas. Eu fazia com que elas confessassem seus tratos com o demônio.

Também reconhecera a mulher torturada, que renascera nos dias de hoje com outra identidade.

Era minha mãe.

Trancado em meu apartamento, não atendi aos inúmeros telefonemas de Érica. Depois da experiência de regressão, das revelações que tivera e das verdades que bateram em mim como o vento que açoita as árvores, queria ficar sozinho.

Nunca tive uma boa relação com minha mãe. Ela também não gostava de mim, eu sabia disso desde criança. Impossível encontrar explicação para esse desamor, pois as mães sempre amam os filhos. Eu nunca entendera nossa relação difícil. Intimamente, vivia uma sensação de culpa, como se a falta de amor fosse causada por mim. Depois de passar pela regressão, percorri o caminho todo, de volta para o apartamento, repetindo, surpreso: “Não tem nada a ver com alguma coisa que eu tenha feito na infância.”

Agora entendia. Ela nunca havia me amado. Desde meu nascimento.

Minha mãe, minha vítima. Eu a torturara na vida anterior. Ela me odiou desde o instante em que me sentiu em sua barriga, porque sua alma reconheceu a minha.

Dizem que o amor da mãe é tão importante para o filho como o leite para o recém-nascido. O bebê mal alimentado cresce fraco. Tem sequelas que dificilmente conseguirá superar. A falta de amor produz resultado semelhante no campo dos sentimentos. Meu coração cresceu raquítico. Assim como a criança desnutrida que jamais será atleta, nunca me senti capaz de gestos de paixão.

Sempre soube, pelos comentários da família e mesmo pelos dela: mamãe não queria me ter. Recém-casada, não pretendia ter filhos tão cedo. Quando descobriu que estava grávida, sua reação foi de desespero. Desgosto. Não tinha coragem de fazer um aborto, nem meu pai permitiria. Nasci como um intruso. Não como um filho desejado. Para minha mãe eu era apenas a

consequência de um descuido. Para piorar a situação, teve uma gravidez difícil. Enjoos, náuseas. Dores. Mamãe não costumava ir à igreja. Minha avó a levou para conversar com o padre, tamanho o desconforto que ela sentia. Segundo vovó, ela chegou a excluir:

– Sinto como se tivesse um monstro dentro de mim! Que bebê é este que estou gerando?

O padre tentou acalmá-la:

– Para muitas mulheres, a maternidade é dolorosa. São somente problemas físicos, que você vai superar. Quando seu filho nascer, tudo vai dar certo.

Aconselhada por uma amiga, minha mãe optou pelo parto natural. Arrependeu-se. Por pouco não morreu de hemorragia durante meu nascimento. Preso pelo cordão umbilical, quase sufiquei. Ela sangrava, sem reagir a nenhum medicamento. Só conseguiram salvá-la quando já estava quase morta. Mal consegui me segurar quando me levaram para ela, vermelho e enrugado. Não senti amor, mas alívio porque finalmente eu estava fora de seu corpo.

Engordou durante a gravidez. Nunca consegui voltar ao que era. Os seios cresceram demais. Sua medida aumentou três números. Ela me culpava por isso. Comentava com as amigas: “Antes de ele nascer, eu era linda. Mas agora...”

Nunca terminava a frase. Incapaz de dizer claramente que eu era um incômodo. Sua vida sexual com meu pai se deteriorou. Ele era um homem de boa aparência. Atraía as mulheres. Chegava em casa tarde, sempre com uma boa desculpa. Mamãe fingia acreditar. Enquanto meu pai comia o jantar requentado, ela me recriminava também pelo descaso do marido:

– A culpa é do bebê.

Ano a ano, o afastamento aumentou. Para salvar o casamento, mamãe fez o que muitas mulheres fazem: engravidou novamente. Papai desejava uma menina. Ficou feliz com a possibilidade de ter uma princesinha em casa. Foi uma gravidez tranquila. Os nove meses passaram facilmente. Mamãe não teve problemas, náuseas ou incômodos como aconteceu na minha vez. Só houve um imprevisto. Luana nasceu de sete meses. Passou algum tempo na

incubadora, até que seus órgãos se formassem completamente. Quando saiu do hospital, ainda era muito frágil. Adoecia com frequência. Um golpe de ar e vinha a febre. Hospital. Dali em diante, fui praticamente esquecido. Mamãe se dedicou inteiramente à minha irmã. Se eu pedia atenção, era logo advertido. “Sem manha! Sua irmã precisa de mim”, dizia minha mãe.

Morava naquela casa, mas não me sentia como um filho, e sim como um objeto abandonado num canto. Minha irmã cresceu. Tornou-se uma menina bem bonita. Mamãe orgulhava-se: “É graças a mim que está viva. Fui eu que a coloquei no mundo.”

Mas dificilmente filhos salvam casamentos em crise. Logo depois que Luana fez dois anos, papai decidiu separar-se. Ele disse que não nos deixaria sem dinheiro. Fez um acordo amigável: colocou a casa no nome de mamãe e disse que daria uma pensão para sustentar a família.

Lembro que, quando ele partiu, mamãe chorou. Eu não, porque havia aprendido que homem não chora. Mas estava desesperado. Mamãe nem sequer olhou para mim. Tive de suportar a perda de meu pai sem um gesto de carinho, sem minha mãe para compartilhar a dor.

Nunca me faltou comida. Nem cadernos e livros escolares. Mas os pequenos gestos de carinho do cotidiano, esses não tive. Bolos de aniversário eram feitos pela minha avó. Eu não podia chamar os amigos. Não tinha cachorro-quente. Nem pipoca. Nem alegria. Alegria! Sim, principalmente a alegria contagiante de pai, mãe e amigos cantando parabéns.

Na época de cursar a faculdade, vim estudar em São Paulo. No primeiro ano, vi mamãe só em alguns fins de semana e no Natal. Após a morte de meu pai, menos ainda. Fui obrigado a trabalhar mais, para ajudar em seu sustento e no de minha irmã. Mesmo agora, depois de adulto, é difícil me aproximar de mamãe. Ela ainda me critica o tempo todo. Procura e aponta meus defeitos. Sempre pensei que houvesse feito alguma coisa para não ser amado. Eu me sentia um estorvo. Com minha irmã, ela nunca levantava a voz. Comigo, sempre. Eu já tinha me tornado um advogado formado, de sucesso, reconhecido. Diante de minha mãe eu sempre pareci um menino

prestes a chorar. Fiz de tudo para ter o amor dela. Nunca consegui. Engoli esse sentimento de rejeição e passei a trabalhar mais e mais, para ter mais dinheiro e mais sucesso. Quem sabe assim ela ficaria orgulhosa de mim. Nada!

Rememorei todos esses sentimentos e impressões sozinho em meu apartamento, após a sessão de hipnose. Pensei na regressão, tão absurdamente real. Era capaz de descrever a sala de torturas. Os monges. Sentir o cheiro de sangue e excrementos enquanto esticava o corpo da mulher.

Havia pequenos detalhes da personalidade de minha mãe que combinavam com sua existência anterior como curandeira. Sempre fazia remédios caseiros. Conhecia chás para todo tipo de doença. Não gostava de igreja porque, segundo suas palavras, “não suportava o cheiro de vela”.

Segundo o Dr. Libeskind, havia um motivo para voltarmos como mãe e filho. “Talvez seja possível resgatar a dor da outra vida. Construir uma nova relação, superar a antiga mágoa”, disse ele pouco antes de eu me despedir.

Suas palavras não me confortaram. “Com toda a honestidade, eu seria capaz de perdoar alguém que me torturou, nesta ou em outra vida?”, perguntei a mim mesmo.

Como começar a reaproximação com minha mãe? “Eu fui o inquisidor e você a bruxa”, era isso que eu diria? Ainda mais a ela, que nunca demonstrara o menor interesse por reencarnação?

“A nossa relação estava condenada desde que nasci”, pensei. “Se não havia possibilidade de resgate, por que voltamos como mãe e filho?”

Tinha certeza: as próximas sessões com o Dr. Libeskind seriam a chave que abriria as portas do meu passado.

A regressão fez minha vontade de rever Anna aumentar ainda mais. Queria me encontrar com ela. Conversar. Precisava saber se ela também me conhecia de seus sonhos. Se havia me reconhecido. “Sim, ela pode ter a resposta para minhas dúvidas”, concluí.

Não seria difícil. Eu ainda precisava apresentar minha proposta de conciliação sobre o testamento.

Passava das oito da noite. Liguei para Tobias e pedi que marcasse uma reunião com o Dr. Balthus para o sábado. Anna e o irmão deveriam estar presentes.

Sentei-me na frente do computador. Passei a madrugada redigindo a proposta que, eu acreditava, seria boa para todos os lados. O celular ainda tocou várias vezes. Érica. Não atendi. Seria impossível falar com ela sem deixar transparecer meus sentimentos. Só pensava em Anna. A questão judicial tinha se tornado um pretexto para vê-la.

Eu estava apaixonado.

A sexta-feira chegou ensolarada. Abri a persiana. Lá fora, tudo parecia igual. Só eu me sentia diferente. Fiquei ali, parado, pensando em tudo o que acontecera em minha vida naquela semana. Parecia que um século havia passado. Anna! Anna! Como explicar que eu estava apaixonado por uma mulher que mal conhecia? Ela surgira para desarrumar meu mundo tão bem pensado, tão minuciosamente programado. Primeiro em sonhos. Depois na vida real.

“Amanhã vou vê-la. Quero falar com ela de qualquer maneira. Preciso saber o que ela sente. Se ela também já me viu em sonhos.”

Com esse pensamento, fui tomar meu prolongado banho matinal. A água escorrendo pelo corpo trazia alívio para uma noite maldormida. Eu precisava estar descansado para colocar em dia o trabalho acumulado.

Cumpri meu ritual da manhã. Enquanto comia minha omelete, senti uma ponta de remorso: não fora nem uma vez sequer à academia. O peso na consciência durou apenas até eu dar outra garfada. Com tantas coisas acontecendo, como eu poderia ir malhar? Anna e os sonhos estavam tirando a paz que eu conquistara nos últimos anos.

Depois de me trocar, peguei a pasta com o laptop e fui para o escritório. Era cedo. Apenas Mírian, minha secretária, já estava lá. Ela me serviu um café amargo, como gosto, e disse:

– O senhor tem trabalhado muito. Está com um ar cansado. Acho que precisa tirar umas férias, Dr. Alan. Não me lembro de já ter visto o senhor sair para relaxar. Está sempre viajando a trabalho e ainda leva processos para casa...

Sorri, um pouco contrariado pela sua interferência em minha vida, mas satisfeito ao ver que Mírian se preocupava comigo. Já fazia cinco anos que

ela trabalhava no escritório, e me conhecia muito bem. Não se importava com meu jeito seco, sempre direto, de pedir as coisas.

– Estou bem, obrigado. Só precisava mesmo de um café. – Quando ela já estava saindo da sala, falei, sorrindo: – Não estou para ninguém, Mírian.

Ela sorriu de volta. Já havia entendido meu recado. Eu não estava para Érica. Eu sabia que precisava resolver a situação com ela. Não podia continuar fugindo. Mas também sabia que não era o melhor momento. Não estava disposto a enfrentar uma cena de ciúme, ou qualquer outro tipo de situação constrangedora. Depois que voltasse de Holambra eu conversaria com ela.

O dia voou. Já era noite quando deixei o escritório. Havia uma pilha de recados de Érica. Fui para casa. No dia seguinte, bem cedo, iria para Holambra.



Início da tarde. Eu, Tobias, Helena e o Dr. Balthus esperávamos na sala de reuniões de seu escritório. Ainda não tinha explicado minha ideia para Tobias. Sabia que ele não queria abrir mão da fazenda. Eu contava com Helena para acabar com sua teimosia.

Ouvimos os gritos animados de Alice brincando com Bertha, a secretária do Dr. Balthus, do outro lado da porta. Em pleno sábado, ela estava ali, como fiel escudeira de seu chefe.

Também ouvimos quando Anna e Thiago chegaram. Instantes depois, entraram na sala.

Mais uma vez, senti o impacto da presença dela. Novamente, percebi quanto ela se sentia desconfortável perto de mim. Desviou os olhos quando a encarei. E se sentou o mais longe possível de mim.

Fui direto ao que interessava.

– Nós temos uma proposta para vocês – falei. – Preparei um acordo que, do meu ponto de vista, é o mais lógico a fazer.

Tobias e Helena me observaram, curiosos.

– Examinei a questão sob todos os ângulos – expliquei. – Anna, você e seu irmão querem voltar à fazenda. Aliás, posso chamá-la de você?

Ela apenas assentiu com um movimento de cabeça, porém seu olhar duro e fixo mostrava que não queria nenhum tipo de aproximação.

Engoli em seco. Se eu não considerasse minha proposta muito interessante, teria desistido naquele momento.

– Segundo entendi, vocês viveram durante anos na fazenda, junto com o tio de Tobias – continuei. – Praticamente como filhos. Lá estão suas lembranças. Da outra vez que estive aqui na cidade, fui até o galpão. Vi a lona do circo guardada. Os figurinos. Os trapézios. Pelo que explicaram, você e o Thiago ainda treinam lá.

Pela primeira vez, Anna me olhou de maneira menos dura. Havia certa curiosidade em seu semblante.

– Parece que você compreendeu nosso ponto de vista – respondeu ela. – É uma surpresa, sabe?

– Meu desejo é evitar um processo, não prejudicar nenhuma das partes – falei. – Se houver um consenso, será melhor para todos. Muito melhor do que enfrentar uma batalha judicial.

– Concordo – Helena se manifestou, com uma expressão de alívio.

Ela não queria um processo. Aliás, não queria nem a fazenda.

– Também entendi que vocês dois têm um apego especial pelo casal de leões – prossegui.

– King e Gina – observou Thiago. – Para nós, são melhores que muita gente.

– Eu já disse, mas não custa repetir – completou Anna. – Eles estão conosco desde que nasceram.

– Não é só isso – acrescentou Thiago. – Lá também está meu trabalho. Eu era responsável pela fabricação dos queijos. É só isso que sei fazer, além de voar no trapézio. Queijos. Não aguento morar na cidade. Estou acostumado a viver num espaço livre. Não gosto desse amontoado de casas.

A negociação estava bem encaminhada. Como eu pensava, tudo só dependeria de Tobias para dar certo. Fui além:

– Conversei com o Dr. Balthus. Ele me explicou que a casa e o ponto comercial que vocês herdaram têm valor semelhante ao da fazenda. Proponho que vendam os dois. E comprem a fazenda do Tobias. Podemos estipular um valor de mercado.

Anna sorriu. Era a primeira vez que eu a via sorrir. Meu coração acelerou. Senti que iria flutuar ali na sala. Ficava mais bonita sorrindo! Por um breve instante vi uma certa suavidade em seus olhos.

– Ou, se o Tobias preferir, ele fica com a casa e o ponto comercial – falei, mais animado ainda. – Depois ele pode decidir o que fazer com eles. Basta assinarem um acordo.

Helena também sorria. Mas Tobias se levantou, furioso.

– Não aceito – decretou.

– Tobias, é uma excelente ideia. Podemos alugar o ponto comercial e a casa para garantirmos uma renda – argumentou Helena. – Ou vender tudo e começar um negócio.

– Eu quero cuidar dos leões – insistiu ele. – Até aprendi a dar carne para eles na jaula!

– Que loucura é essa, Tobias? – perguntei, percebendo que minha pior previsão se tornava realidade.

– Meu tio, que nem conheci, confiou em mim. Tenho que fazer o que ele pediu.

– Você tem ideia do que está dizendo, Tobias? – rebati. – Um leão consome no mínimo cinco quilos de carne por dia. Pode comer até trinta. Multiplique isso por dois. Onde vai arrumar dinheiro para comprar tanta carne?

– Andei investigando. Descobri que queijo artesanal dá muito dinheiro.

– Chega! – gritou Helena, completamente fora de si. – Você vai cuidar das cabras? Vai tirar o leite?

– Sou um bom vendedor. Posso arrumar clientes – insistiu ele.

– E eu faço os queijos? Ah, muito obrigada, mas dispense, Tobias. A Alice precisa de mim. De nós. E os leões? Você pretende pentear a juba do macho e colocar uma fita na cabeça da fêmea? – disse, cada vez mais exasperada.

Nunca tinha visto Helena exaltada daquela maneira. Sempre fora cordata, sempre colocara panos quentes nos desmandos de Tobias.

– Não aceito nenhum tipo de acordo. A fazenda é minha. Está no testamento!

– Mas Tobias... – tentei dizer.

– Alan, sei muito bem por que veio com essa proposta! Você quer proteger a Anna – acusou ele.

Fiquei vermelho. E me senti pessoalmente traído. Tobias fora longe demais.

– Você está confundindo tudo, Tobias – respondi o mais firme que pude. – Minha proposta beneficia você e sua família. Além do mais, as despesas dos dois animais vão ficar por conta de Anna e Thiago.

Anna me lançou um olhar agradecido.

– Gostei da proposta – afirmou ela. – Mas sei que não depende só de nós dois.

O Dr. Balthus levantou-se. Estava visivelmente nervoso.

– Eu sei que o senhor teve a melhor das intenções, Dr. Perez.

– Me chame de Alan, por favor – falei.

– Mas acho que temos que considerar a vontade do morto – continuou ele, ignorando meu comentário. – Ele não queria nem Anna nem o irmão na fazenda. Por isso a deixou para o sobrinho.

Anna o interrompeu, com a voz alterada:

– Nós nunca deveríamos ter saído da fazenda quando o senhor pediu, Dr. Balthus. Mas o senhor nos convenceu que desse jeito seria melhor para negociar. Se nós tivéssemos insistido em ficar lá, agora esse intruso e a família dele não estariam instalados na nossa casa. O senhor nos fez cair numa armadilha.

Anna se levantou. Seu tom de voz soava ameaçador. O Dr. Balthus afastou um pouco a cadeira em que estava. Remexeu-se. Desconfortável.

O ambiente foi tomado por um silêncio constrangedor. Eu queria fazer alguma coisa para acalmar Anna. Mas o quê, diante da teimosia de Tobias?

– Meu amigo Ciccillo tinha motivos para fazer esse testamento – falou o Dr. Balthus, quebrando o silêncio.

Anna interrompeu o advogado. Percebi seu rosto empalidecer.

– Eu e o Thiago amávamos o tio Ciccillo como a um pai! – exclamou ela. – Ainda não consegui aceitar o fato de não ter nos deixado a fazenda, em vez da casa e do ponto comercial, apesar de entender sua intenção.

Senti um tom de lamento em sua voz. Ela parecia prestes a cair no choro.

O velho suspirou. Tirou os óculos. Limpou-os com um lenço. Notei seus olhos umedecidos.

– O Ciccillo nunca quis magoá-la, Anna. Nem a você, Thiago. Ele sentia-se muito culpado em relação a vocês dois – disse o Dr. Balthus.

– Culpado? – surpreendeu-se Anna.

– Quando parou de viajar com o circo, o Ciccillo pensou que seria só por algum tempo – prosseguiu o advogado. – Que mais tarde o circo voltaria a fazer sucesso. Por isso guardou todos os equipamentos naquele galpão.

– Era nosso plano – concordou Anna. – Eu e o Thiago continuamos treinando nosso número no trapézio. Seria o mais espetacular de todos os tempos. Ajudamos o tio Ciccillo a criar os leões. Quem sabe ele poderia voltar a ser domador? Se ele não tivesse ficado tão doente, talvez já estivéssemos na estrada de novo.

– Anna, o Ciccillo sabia que o circo jamais voltaria a funcionar – afirmou Balthus.

– Mas ele dizia... – começou a contestar, admirada.

– Ele sempre amou o circo. É claro que sonhava ver a lona erguida novamente. Desfile pelas ruas com todos os artistas, anunciando a chegada numa cidade. Entrar no picadeiro com seus leões – disse o advogado. – Mas os anos foram passando e ele descobriu que o mundo do circo havia acabado. O circo que o fascinara a ponto de fugir de casa para ir embora com ele não existia mais.

Anna e Thiago estavam de olhos fixos no Dr. Balthus. Compenetrados.

– Além do mais, Ciccillo estava velho para pegar a estrada novamente – continuou ele. – E se sentia culpado. Achava que tinha feito vocês terem esperanças de voltar com o circo. Quis libertá-los desse sonho.

– Como assim, nos libertar? – indagou Anna.

– Eu o ajudei a redigir o testamento – esclareceu o Dr. Balthus. – Ciccillo acreditava que, se vocês herdassem a fazenda, continuariam presos a esse sonho. Se ficassem com os leões, a lona guardada, os figurinos, os trapézios. Achou que com os imóveis da cidade sua sobrevivência estaria garantida até encontrarem novos caminhos.

Ele hesitou, como se procurasse as palavras certas. Enfim falou, num tom mais baixo. Quase íntimo.

– Ele queria que você se casasse, Anna.

– Não tenho a menor intenção de me casar – respondeu ela.

– Talvez não seja a hora certa, mas todo mundo um dia encontra um amor.

– Agradeço o conselho. Mas viemos falar sobre o testamento, não sobre minha vida pessoal. Ainda acho injusto tio Ciccillo não ter deixado a fazenda para nós.

– Eu também – completou Thiago.

– Ele queria que vocês tivessem liberdade para começar uma vida nova, Anna – insistiu o advogado.

– Mas o que eu e o Thiago queremos não conta? – rebateu ela.

Decidi me manifestar. Senti que era a hora de Anna perceber que eu não estava contra ela. Que não era seu inimigo.

– Foi muito bom esclarecer os desejos do falecido, Dr. Balthus. Mas, veja, como todo pai, Ciccillo se preocupava com o futuro dos filhos. Pois era como ele considerava Anna e Thiago, não é?

O advogado fez um gesto de cabeça, concordando. Os irmãos olharam para mim, sem entender aonde eu queria chegar.

– Ele cometeu um erro idêntico ao de muitos pais – continuei. – Quis moldar o destino dos dois.

Não olhei para Anna, apesar de sentir o olhar dela em mim. Tive medo. Medo de não ver mais aquele raio de suavidade que percebera minutos antes.

– Cada um tem o direito de escolher a própria vida – prossegui. – E a escolha dos dois é ficar na fazenda, cuidando dos leões...

– Por mim, nós montaríamos o circo de novo – disse Anna.

– Pode ser que consiga ou não, Anna – respondi. – Mas o fato é que nenhum de vocês dois quer se afastar da fazenda. Das lembranças do circo. Dos leões. Por outro lado, o Tobias e a Helena não entendem nada de criação de cabras, de fabricação de queijos e muito menos de animais selvagens. É lógico que façam a troca.

– Não posso proibi-los de tentar ficar com a fazenda. Só quis expor o que estava na cabeça do Ciccillo – argumentou o Dr. Balthus.

– Eu nunca vou esquecer o bem que ele nos fez. Mas tenho o direito de escolher minha vida, como ele disse – respondeu Anna, lançando um olhar em minha direção.

– Ainda assim, tenho motivos para não concordar com a troca – falou Tobias.

– Você está completamente maluco – disse Helena, quase pulando da cadeira. – Vamos fazer o acordo e voltar para São Paulo amanhã. Quando eles venderem os imóveis, pagam a fazenda. Está resolvido.

– Helena – murmurou Tobias –, esta é nossa chance de assentar em um lugar, com uma renda garantida. Não é isso que você sempre quis? Você vivia me falando para eu criar juízo e arrumar um emprego fixo. – Ele olhou para mim e me acusou: – Você também, Alan!

– Você pode ficar com a casa e o ponto comercial – lembrei. – Da mesma forma, vai se fixar em um lugar e receber algum dinheiro para reorganizar sua vida. De mais a mais, essa cidade tão tranquila fará muito bem a Alice.

Anna nos fez um sinal.

– Posso fazer uma sugestão? – perguntou ela.

– Será muito bem-vinda – respondi.

– Acho que o Tobias precisa ver se vai se dar bem com a rotina da fazenda. E se vocês continuassem lá por mais um tempo? Eu e meu irmão já estávamos decididos a vender a casa e o ponto comercial, se não ficássemos com a fazenda. – Olhou diretamente para Helena e falou: – Se vocês não se importarem, eu e Thiago nos instalamos no galpão, junto com as coisas do circo. Dá para a gente se acomodar por lá. Se o Tobias não se acostumar, nós compramos a fazenda.

Anna era muito sagaz, pensei. Talvez já tivesse percebido a pouca habilidade de Tobias com as coisas do campo. E sua proposta era uma forma de ela estar de novo no lugar que tanto amava.

– Não tenho nada contra – respondeu Helena.

Pelo olhar que lançou ao marido, estava prestes a jogá-lo aos leões:

– Você não dá mais palpite, Tobias. Assunto encerrado. Vamos seguir a sugestão de Anna.

– Mas este é um acordo informal – falou o Dr. Balthus, com a testa franzida. – Não podemos colocar isso no papel. – Virou-se para Anna e Thiago e continuou: – Vocês sabem o risco que correm ao voltar para a fazenda? Se amanhã o Tobias decidir que vocês devem sair, vocês vão ter que sair.

Percebi que ele frisou o “vão ter”. Era verdade. Mas os irmãos estavam determinados.

Mais do que isso.

Pareciam ter certeza de que o Tobias não aguentaria aquela vida por muito tempo.

Tentei pôr panos quentes.

– É um acordo de cavalheiros, Dr. Balthus – expliquei. – Além disso, Anna e Thiago conhecem a rotina da fazenda. Eles poderão orientar Tobias no dia a dia.

– Eu volto a cuidar das cabras e a fabricar os queijos – disse Thiago.

– Eu cuido do King e da Gina. Tenho certeza de que eles estão sofrendo longe de mim e do Thiago – concluiu Anna.

A minuta que eu havia feito, com um possível acordo, foi devolvida. Sem assinatura.

Mas, apesar de tudo, eu me sentia aliviado. Tinha certeza de que, passado algum tempo, Tobias acabaria aceitando vender a fazenda e indo embora de lá.

Se todos os casos judiciais fossem tão fáceis de ser resolvidos, eu seria um homem feliz!

– Só tem um problema – prosseguiu Anna.

O Dr. Balthus ergueu uma sobrancelha.

O alívio que eu estava sentindo começou a evaporar.

– Eu e meu irmão usamos quase todo o dinheiro que o tio Ciccillo deixou na conta desde que viemos para a cidade. Não era muito. Precisamos nos manter, até vendermos os imóveis. E os queijos. Faço questão de ajudar nas despesas da casa – explicou Anna. – Mas... não temos como pagar a carne para alimentar os leões.

– Nem nós! – disse Helena, nervosa.

Houve um silêncio. O Dr. Balthus olhou para longe, como se o assunto não tivesse nada a ver com ele. Suspirei.

– Está certo. Eu sustento os leões – falei, concordando com o inevitável.

Entardecia. Anna e Thiago haviam acabado de levar para a fazenda seus poucos pertences que estavam na casa da cidade. Helena os ajudou a arrumar alguns colchões no galpão. Colocou os chuveiros da casa à disposição. Só Tobias estava emburrado, já que, obviamente, ninguém acreditava em sua vocação para se tornar um grande fazendeiro.

Eu quis fugir daquela movimentação, do mau humor de meu amigo e do olhar de Anna. Decidido, caminhei até o riacho mais adiante, separado dos fundos da casa por um pequeno trecho de mata. Sentei-me na margem. O acordo estava feito. Era temporário, sem assinatura. Mas estava feito. Quando, em sã consciência, eu, como advogado, aceitaria os termos propostos por Anna?

Desde que a encontrara, meus sentimentos viviam em turbilhão. A companhia de Érica já não me bastava. Meus charutos estavam esquecidos. A vida social me parecia fútil demais. Até os telefonemas que eu dava para minha mãe e minha irmã se tornaram mais escassos.

Pior do que isso. Agora eu já podia voltar para São Paulo. Minha presença ali não era mais necessária. Queria falar com Anna. Mas não sabia o que dizer. Sentia algum progresso na atitude dela em relação a mim. No final da reunião, parecia menos tensa diante da minha presença.

“Ainda preciso entender sua dureza”, pensei.

Estava convencido: acontecera algo de muito grave entre nós em uma vida passada. Mas o quê?

Ouvi um ruído. Alguém caminhava em minha direção, entre as árvores. Virei-me e fiquei surpreso.

Era Anna.

Quando me viu, ela deu um passo para trás. Certamente não esperava me encontrar.

– Por favor, fique – pedi.

Levantei-me, mas não me aproximei.

Ela me olhou, cautelosa.

– Quero falar com você – falei, de maneira branda, temendo que ela fugisse de mim outra vez.

– Comigo? – perguntou ela, surpresa.

– Só preciso que me responda a uma pergunta. Você me reconheceu? – perguntei rápido, antes que desistisse.

Sua expressão era de pura surpresa.

– De onde? – disse ela, depois balançou a cabeça, em negativa. – Tenho certeza de que nunca nos vimos antes.

Busquei as palavras com cuidado. Era cedo para falar sobre vidas passadas. Optei pelo caminho mais simples.

– Você age como se me conhecesse. Na primeira vez que me viu, saiu correndo. Na cidade, lembra?

Anna respirou fundo.

– Foi um impulso. Desculpe.

Ela começou a se afastar. Eu a impedi, dessa vez com um gesto.

– A gente precisa conversar – falei, num sussurro.

Ela parou, curiosa.

– Quero muito entender sua reação – continuei.

– E eu, a sua – respondeu ela.

– A minha? – perguntei, surpreso.

– Naquele dia você me perseguiu. Por quê?

Fiquei sem jeito.

– Mas você desapareceu – disse eu. – Fugiu de mim.

– Pensei que fosse um maluco...

– E agora, você mudou de opinião?

– Foi por sua causa que chegamos a um acordo, mesmo que seja prévio. O seu amigo é teimoso, não é? Você ajudou muito. E a mulher dele também, é

claro.

– Quando o Tobias bota alguma coisa na cabeça, vai até o fim, mesmo sabendo que está caminhando para um precipício – falei, tentando diminuir a tensão que havia entre nós.

– Você nem parecia ser advogado só dele. Também defendeu a mim e meu irmão.

– acredite, Anna. Fiz o melhor para o Tobias. Ele jamais conseguirá levar adiante esta fazenda – respondi, confessando a verdade. – Só que... eu também queria o melhor para você.

– Eu tive essa impressão. Não entendi por quê.

Hesitei. Minha garganta travou. Fiquei alguns instantes em silêncio. Depois disse, simplesmente:

– Porque gosto de você. – Levantei-me e dei um passo na direção dela. – Talvez seja cedo, mas preciso dizer. Eu te amo.

Esperei a reação dela. Por um instante, pareceu apenas surpresa. Depois seu rosto se transfigurou.

– Nunca mais diga isso! – Seu tom era áspero.

– Estou apenas sendo sincero – insisti.

– Como pode me amar se só nos encontramos três vezes na vida? – perguntou, quase fora de controle. Quando continuou, sua voz ainda estava alterada: – Você age como se me conhecesse, mas tenho certeza de que nunca o vi antes. Nunca! – exclamou. – Já que insiste, vou falar a verdade. Desde a primeira vez que nos vimos, eu senti medo, horror de você. Tive a sensação de que me faria mal.

– Nunca! Não, isso nunca!

Eu sabia que estava fazendo um papel ridículo. Mas era a chance que eu tinha. Não podia perdê-la.

– Meu corpo treme quando você chega perto de mim – continuou Anna. – Sinto que algo horrível pode acontecer. Essa sensação de medo se amenizou um pouco, porque de fato você ajudou a mim e a meu irmão. Mas o sentimento continua aqui, dentro de mim, vivo. – Os olhos verdes me

fixaram. – Você falou em amor e me fez sentir pior ainda. Dói mais. Vinda de você, essa palavra amor se transforma em ameaça.

– Existe uma explicação. Se me der a chance... – tentei dizer.

– Seja qual for, não quero ouvir – retrucou Anna com determinação. – Vivo de acordo com meus sentimentos. Meu coração é igual ao da leoa que está na jaula. Eu amo e odeio com a mesma intensidade. Sou generosa e feroz. Não busco explicações para minhas emoções. Já me disseram que devia ser mais racional. Não concordo. Pensar demais sobre um assunto esfria o coração. Nunca mais diga que me ama, por favor! Ouvir isso desperta em mim o pior dos sentimentos. Fique longe de mim!

Afastou-se. E me deixou na mais absoluta solidão.

A primeira estrela se acendeu no céu.

Mas não era a estrela da esperança.



No sábado à noite, voltei a São Paulo. Preferi não ficar em Holambra. Depois da resposta de Anna, o melhor a fazer era me afastar. Quem sabe, com o tempo, ela me deixasse falar sobre meus sonhos, sobre o que eu havia descoberto na regressão com o Dr. Libeskind. Sobre nossas vidas passadas.

Cheguei em casa e desabei na cama. Todo o meu corpo doía. Parecia ter levado uma surra. Simplesmente não sabia como lidar com meus sentimentos nem com a rejeição de Anna.

Nunca tinha amado de verdade, nunca! Até encontrar Anna!

Sempre acreditei que a dificuldade de me apaixonar era fruto da falta do amor de minha mãe. Um amigo psicólogo até me disse, certa vez: “Aprender a amar é como aprender a escrever. Quem não vive o amor na infância torna-se um analfabeto no amor.”

Sucesso com as mulheres, eu fazia muito. Muitas delas já tinham entrado e saído da minha vida. Encontrar companhia sempre fora fácil. Nunca ficava sozinho, em qualquer lugar a que fosse. Mas não havia amor. Pelo menos não do tipo que meus amigos diziam sentir.

Claro, pensava em me casar um dia. Talvez porque eu acreditasse na fórmula da felicidade e casar fosse mais uma parte dela. Embora estivesse descobrindo agora que a felicidade não tem fórmula.

Traçara minha vida como se pudesse comandá-la. E até poucos dias atrás eu estava no controle. Fazia tudo o que queria. Via o escritório progredir. A conta bancária engordar. Recebia o reconhecimento dos colegas de profissão.

Eu planejava tudo o que fazia. E nada saía do rumo programado. Nem um milímetro.

Até encontrar Anna. O que sentia por ela era completamente novo para mim.

Ali, jogado na cama, tive certeza de que não era possível escrever o futuro. Determiná-lo.

A vida sempre pode surpreender. Modificar rumos. Corrigir rotas. Mostrar, mesmo por linhas tortas, que nem sempre o que se persegue traz felicidade.

Talvez o sonho tenha me dado a consciência de que minha felicidade não estava no sucesso profissional. Nem no meu relacionamento com Érica. Ou na vida social.

Pela primeira vez me perguntei onde guardara meus sentimentos mais profundos. Em que momento excluía o amor de meu projeto de vida.

Pensei no sonho, nas minhas palavras: “Eu te amarei para sempre.”

Agora eu sabia! Aquelas palavras, ditas a uma condenada prestes a morrer na fogueira, haviam fechado meu coração. Eu me mantinha fiel à promessa.

Era como se uma voz interior exigisse que eu não me entregasse a ninguém. Não estabelecesse compromissos.

Levantei. Lavei o rosto. Fui para a cozinha. Tomei longos goles de água. Nunca havia feito declarações de amor a ninguém. Isso não estava no meu planejamento. Meus relacionamentos eram líquidos como água, escorriam pela minha vida sem deixar marcas.

Fui até a sala. Abri a caixa de madeira entalhada à mão. Peguei um charuto. Sentei na varanda. Lá estava eu de novo. Olhando a escuridão da noite. Pela

primeira vez questionava meu estilo de vida.

Minha mente fervilhava. Detalhes que haviam passado despercebidos agora pareciam florescer.

Muitas vezes eu me perguntara por que não conseguia ser como os outros. Amar uma mulher. Casar. Ter filhos. Uma família.

Estava convencido de que amor e casamento não necessariamente andavam juntos. “É até mais confortável. Quem não ama não chora, não sofre”, pensava.

Cheguei a ser chamado de cínico. Meus amigos diziam que eu procurava uma esposa como quem procura uma funcionária para a empresa. De certa forma, eu concordava. Para meu projeto de vida, eu sabia bem o que queria. Uma mulher bonita. Elegante. Vistosa. Não esperava muito mais que isso. Como eu disse, quando conheci Érica, achei que ela preenchia todos os requisitos. Sim, seria a mulher ideal para um advogado bem-sucedido como eu. Pensava no casamento com Érica como uma agradável união de interesses.

Meus sócios aconselhavam: “Case com ela.”

Mas minha voz interior gritava: “Não! Não!”

Érica mandava indiretas. Pressionava. Eu hesitava.

Até que algo estranho aconteceu.

Desde que começara a pensar concretamente na possibilidade de me casar com Érica, o sonho se repetia com mais intensidade. Minha alma insistia na promessa. “Eu te amarei para sempre.”

Era um aviso para eu continuar livre.

Tudo tinha se tornado tão claro agora que conhecera Anna. Era por ela que eu esperava todo o tempo! Era Anna que guardava a chave do meu coração!

Pode parecer que enlouqueci. Se me contassem, não acreditaria. Mas aconteceu comigo. A promessa feita numa vida passada era real. Eu amava Anna. Bastou vê-la para meu amor renascer, tão forte como em outra existência. Amava agora como amei séculos atrás.

A vida passa, mas o sentimento é eterno.

Até a sessão com o Dr. Libeskind, nunca havia pensado profundamente em reencarnação. Mas a intensidade da minha experiência me convenceu do contrário. Anna ocupava todos os meus pensamentos. Descobri que não era incapaz de amar. Minhas emoções estavam guardadas, à espera desse reencontro.

Terminei meu charuto. O céu já estava começando a se tingir de vermelho. Mais um dia iria começar. Tudo igual. Só eu não me sentia da mesma maneira.

Quando entrei na sala ainda na penumbra, decidi que o melhor a fazer seria marcar outra consulta com o Dr. Libeskind. Fazer outra regressão. Descobrir por que Anna sentia aquele horror em relação a mim.

Tinha certeza de que ela trouxera esse sentimento de outra vida. Eu precisava descobrir o que havia acontecido. Era a única chance que tinha de chegar mais perto dela.

Também queria saber mais sobre minha relação com minha mãe. Agora era capaz de entender sua falta de amor por mim. Era uma chaga deixada pela vida anterior. Como criar uma ponte entre nossos sentimentos?

Fiquei o domingo todo em casa. Celular no modo silencioso. Computador desligado. Desconectado do mundo. Apesar de já ser quase primavera, o tempo estava bastante frio. Passei horas vendo televisão e fazendo visitas regulares à geladeira.

Podia imaginar a fúria de Érica por não ter conseguido falar comigo. Ainda bem que ela nem sequer sabia que eu estava de volta, ou teria ido diretamente à minha casa. Eu precisava de paz. Da paz que só a solidão podia me trazer.

As horas voaram. O sol começou a se pôr. As luzes da rua se acenderam. Meus pensamentos fixavam-se em Anna. Como lhe explicar tudo o que eu descobrira? Como dizer quem eu fora em outra vida? Ela iria acreditar em mim? Será que eu teria chance de dizer que meu amor atravessara vidas, forte como nunca, até reencontrá-la nesta encarnação?

Passava pouco das nove quando fui para a cama. Queria dormir. Tentar relaxar. Na manhã seguinte marcaria a consulta com o Dr. Libeskind. Precisava fazer outra regressão. Entender a mim mesmo e aos sentimentos que me deixavam devastado.

O sono veio rápido. A noite foi sem sonhos. Como se houvesse uma trégua. Uma pausa. Apesar disso, acordei com a sensação de ter ouvido Anna me dizer, de maneira rude: “Fique longe de mim.”

Nem o banho longo e quente conseguiu acalmar meu coração. Muitas coisas estavam suspensas em minha vida.

Até o café da manhã, sempre um momento de puro prazer, foi tomado automaticamente. Minha cabeça estava longe. Precisava encontrar um jeito de contar minha experiência de regressão para Anna.

Foi com esse pensamento que me dirigi ao escritório.

Quando cheguei, Mírian fez um sinal para que eu ficasse em silêncio.

– Tem gente esperando – cochichou.

Ela me puxou até o hall de entrada.

– É algum cliente? – perguntei. – Se for, deve ser muito urgente para a pessoa vir tão cedo, sem marcar horário.

– Pelo jeito é urgente, sim – disse ela. – Mas não é nenhum cliente. É a Érica.

– Aqui? – indaguei, surpreso.

– Ela chegou pouco depois de mim. Fez questão de esperar na sua sala. Está muito nervosa.

“Deve estar furiosa”, calculei. “Não atendi a nenhuma de suas ligações. Não dei notícias...” Ela tinha me ligado muitas vezes. “Foi uma atitude péssima”, reconheci para mim mesmo.

Mírian preocupou-se.

– Fiz mal em deixá-la esperar? – falou. – Podia ter dito que o senhor ia passar o dia todo fora numa reunião. Mas não sabia se era para inventar alguma desculpa.

– Não, não. Fez bem – afirmei, tranquilizando-a.

Respirei fundo e entrei na sala. Érica estava sentada em minha cadeira. Detestei, não gosto que se apropriem do meu lugar. Fui obrigado a me acomodar na frente dela, como se ela fosse a dona do espaço e eu, o cliente.

– Que surpresa! – disse eu, tentando disfarçar.

– Surpresa estou eu, Alan. Você passou o fim de semana todo sem me ligar. Tentei falar com você várias vezes. Você não atendeu – disparou ela em tom de acusação, parecendo que ia espumar pela boca.

– Tive problemas na viagem – expliquei.

– Nem respondeu aos recados que deixei no celular – continuou, como se não tivesse ouvido o que eu acabara de dizer.

– Desculpe, fiquei absorvido demais pelo trabalho.

– Tínhamos um jantar no sábado. Um almoço no domingo. Eu me arrumei que nem uma idiota. Fiquei esperando, coisa que não suporto. Você não ligou nem para dar uma desculpa. Eu merecia uma explicação.

A verdade é que eu me esquecera dos compromissos. Mas isso não era justificativa nem para mim mesmo. Érica sempre arrumava alguma coisa para fazer. O fato é que não tive a menor vontade de falar com ela. Estava fugindo e sabia disso. Busquei a explicação mais simples.

– Fui a Holambra, tratar da herança do Tobias – falei.

– Não acredito que você me deixou plantada para cuidar das coisas do Tobias – respondeu ela, irritada. – Eu já não gostava dele. Agora detesto. Mas você não foi nada legal, Alan. Podia ter me avisado.

Inventei uma nova desculpa.

– Estava na fazenda – disse eu. – O celular não pegava.

– Você acha que eu caio nessa?

Érica pegou uma folha de papel e rasgou em tiras, lentamente. Estava realmente muito nervosa. Eu queria evitar a crise, é claro. Mas também mentia por gentileza. Ganhava tempo. Sim, já estava decidido a me separar de Érica. Se amava Anna, era impossível continuar com Érica. Mas não podia ser daquele jeito.

Em alguns momentos da vida, evito a verdade para não machucar. Uma conversa sobre separação deve ser íntima. Suave, se possível. Não ali no escritório, durante uma discussão. Era importante ter uma conversa franca. Olho no olho. Achei melhor marcar um encontro.

– Érica, eu passo na sua casa à noite – falei. – Vamos sair para jantar e conversar. Só nós dois. Agora tenho que trabalhar.

O verbo “conversar” pode ser assustador dependendo do momento em que é dito. Ela se encolheu.

– Conversar sobre o quê? – perguntou.

– Ah... sei lá, falar com mais calma – respondi, tentando amenizar. – Estamos combinados?

– Hoje é o coquetel de inauguração daquela loja nova no shopping. A gente pode ir e jantar depois – propôs ela, parecendo voltar ao normal.

– Será que ao menos uma vez na vida você não pode deixar de comparecer a um evento social? – disse eu, explodindo. – Estou cansado. Exausto. Vamos sair direto para jantar. Eu e você.

O telefone da minha sala tocou. Ela atendeu, o que me irritou ainda mais. Em seguida me entregou o aparelho e informou:

– Sua secretária.

Atendi.

– Algum problema, Mírian?

– Eu liguei para o senhor ter uma desculpa para interromper a conversa, se achar melhor – explicou ela – Pode dizer que um cliente está desfazendo um negócio milionário e pediu uma reunião com urgência porque a outra parte entrou com um processo de perdas e danos. Use essa desculpa se achar necessário.

Mírian era esperta. Tinha notado a irritação de Érica. Sabia que eu precisava encerrar a conversa.

– Sim – respondi calmamente. – Diga a ele que pode vir. Pegue a pasta do processo. Obrigado.

Desliguei.

– Surgiu um assunto urgente – falei para Érica. – Um cliente que está desfazendo um negócio recebeu uma intimação da outra parte. É um processo de perdas e danos. Precisamos ter uma reunião imediatamente – menti, aproveitando a ideia de minha fiel escudeira.

– A sua secretária realmente é muito boa – comentou Érica, levantando-se.

– Por que diz isso?

– Não sou burra, Alan. Vi muito bem os olhinhos dela me encarando quando entrei. Ela armou essa desculpa para você se livrar de mim. Mas, ouça, eu não sou descartável. Alguém que você usa e joga fora. – A raiva tinha voltado em seus gestos e no tom de voz.

Minha única alternativa era jurar que estava dizendo a verdade.

– Se quiser, pode esperar o cliente chegar. Eu o apresento a você – disse eu.

– Eu vim aqui porque você desapareceu o fim de semana inteiro. Coisa que nunca fez! Você se comportou de uma maneira horrível comigo. Acho bom termos uma conversa, como você quer. Depois, espero que mude de atitude. Eu não sou mulher para ficar jogada num canto, sem nem um telefonema – disse ela, taxativa.

– Então, tudo certo para o jantar hoje à noite? – perguntei, tentando me livrar da conversa.

– Tudo certo.

Ela me encarou, registrando cada músculo do meu rosto.

Sorri. Eu não a amava. Mas não queria fazê-la sofrer.

Érica me beijou rapidamente nos lábios. Experimentei uma sensação estranha. Seu beijo me recordou um outro. Não conseguia identificar de onde vinha a lembrança. Estava conectada com algum acontecimento... mas qual? Balancei a cabeça.

Érica saiu. Pedi que Mírian marcasse a consulta com o Dr. Libeskind para o final da tarde. Faltaria mais uma vez à academia. Mas eu precisava fazer outra regressão. Preencher as lacunas do quebra-cabeça da minha vida anterior.

Depois, iria para casa. Tomar um banho, relaxar. O jantar com Érica seria mais tarde. Eu precisava estar bem. A ideia de nos casarmos não fazia mais sentido. Seria uma conversa difícil. Mas decente.

Só que esse jantar nunca aconteceu.

Antes de ir à consulta com o Dr. Libeskind, resolvi fazer uma pesquisa sobre hipnose terapêutica e regressão. Não duvidava da experiência que havia tido. Meu lado racional, porém, não excluía a possibilidade de ter vivido uma fantasia. Nunca fui à Espanha. Mas a internet poderia me ajudar a verificar minhas lembranças. A moradia dos ciganos, por exemplo, me intrigava. Vi, durante a regressão, que eles viviam em grutas. Mas ciganos são um povo nômade. O que sabia era que eles moravam em barracas, mudando de lugar de tempos em tempos.

Havia uma evidência que comprovava minha regressão. Em Granada, os ciganos moram, há séculos, em grutas. Descobri também que o Reino de Granada realmente existiu. A Espanha atual só nasceu no final do século XV, com o casamento entre a rainha Isabel de Castela e o rei Fernando de Aragão. Apesar de unidos, os reinos espanhóis mantiveram em parte sua independência. O espanhol moderno na verdade é o castelhano. A língua do Reino de Castela, adotada pela Espanha unificada.

Era lógico que eu estranhasse a língua falada em meus sonhos e também durante a regressão. Não consegui informações detalhadas. Mas em Granada possivelmente falava-se um idioma diferente do castelhano propriamente dito. Séculos atrás, mesmo o espanhol em si seria muito diferente do de hoje em dia.



E quanto à Inquisição?

A caça às bruxas e aos heréticos aconteceu em toda a Espanha. No Reino de Granada, foi intensa. Mulheres acusadas de bruxaria eram presas. Confessavam o pacto com o demônio sob tortura. Era o método usual. A

mesa que “esticava” o corpo até romper os tendões, arrebentar os ossos, realmente existira. Havia outras práticas igualmente terríveis. Como o afogamento: enfiava-se a cabeça da torturada na água e, quando ela estava quase morta, a cabeça era erguida. Ao recuperar o ar, era afogada novamente. E assim por diante, dias inteiros, se a acusada resistisse. A imaginação do homem nunca teve limites para a crueldade. O interrogatório era feito pelo “oficial da Inquisição”. Um religioso. Como eu me identifiquei na outra vida.

Durante a Inquisição, a tortura era o procedimento habitual. Questionado sobre os métodos da Igreja, que se arriscava a matar inocentes, um papa disse, certa vez: “Matem todos. Deus escolherá os seus.”

Os dados históricos fortaleceram os episódios que vivi na regressão.



Quando cheguei ao consultório do Dr. Libeskind, me sentia confiante. Tinha certeza de que ele poderia me ajudar.

Como da primeira vez, ele me recebeu pessoalmente. Depois que nos cumprimentamos, nos dirigimos para a sala em que ele atendia. Iniciamos a sessão com uma conversa.

Narrei meu encontro com Anna e depois pedi:

– Quero descobrir por que ela tem tanto horror a mim. Preciso saber o que aconteceu entre nós na outra vida.

– É impossível determinar o que você vai reviver – explicou o psiquiatra. – A sequência dos acontecimentos é determinada por sua alma. Mas, antes, vamos falar também sobre a sessão anterior. Você reconheceu sua mãe como a cigana acusada de bruxaria. Pensou a respeito?

– Sim...

– Agora, Alan, você tem mais elementos para refletir sobre a relação entre vocês dois.

– Se eu a torturei em outra vida, ela tem motivos para não gostar de mim.

– Quando renasceu, ela trouxe a memória desses sentimentos – concordou o médico.

– Uma vez minha tia comentou que, quando minha mãe estava grávida, dizia sentir que carregava um inimigo dentro dela – falei. – Só não compreendo por que voltamos como mãe e filho.

– Porque precisam lutar por essa relação. Superar a dor. O ódio.

– E se for impossível? – argumentei.

– O resgate ficará para outra vida – respondeu ele. – Mas vocês terem voltado como mãe e filho é uma grande oportunidade para construir uma relação de amor. – Ele ficou pensativo por um momento e aconselhou: – Se você conseguir dizer à sua mãe que a ama, terá dado um grande passo.

– Mas não consigo superar o sentimento de rejeição que ela provocou em mim. Mesmo que fosse capaz de dizer que a amo, seriam palavras ocas.

O Dr. Libeskind permaneceu em silêncio por um instante, avaliando o que eu dissera.

– Alan, a vida sempre dá oportunidades para o amor se expressar – falou ele. – Lembre-se disso. E agora, vamos começar a regressão?

Mais uma vez, me deitei no divã.

– Suas pálpebras estão pesadas – disse o médico.

Meu corpo transformou-se em chumbo. Afundei num tempo escuro.

Estava novamente na sala de tortura.

A velha gritava palavras incompreensíveis. Ergui a cruz.

– Confesse! Teve trato sexual com o demônio?

Ela se agitou, negando.

– Arranquem as unhas dessa mulher! – ordenei.

Um dos monges segurou seu pé esquerdo. Outro pegou o alicate em brasa. Arrancou a unha do dedão. Ouvi um longo grito de agonia.

A bruxa desmaiou.

Atiramos um balde de água em seu rosto, para acordá-la. Abriu os olhos. Estremecia. Mais uma vez, ergui a cruz.

– Confesse!

Ela ofegava. Assim são as bruxas, as que têm trato com o demônio. Negam. O demônio lhes dá força para resistir. Mas a força da cruz é invencível. Ela confessaria.

Deixei a sala de tortura.

Atravessei um túnel que saía do subsolo das masmorras e levava diretamente à igreja. Deitei-me, com os braços abertos em cruz, diante do altar. Pedi forças ao Altíssimo para vencer a bruxa.

Rezei por muito tempo. Caí num estado entre sono e vigília. Acordei com o som de guizos. Alguém entrara na igreja. Saí do transe. Ergui-me, indignado.

Era ela, a cigana de olhos verdes.

Atirou-se aos meus pés. Falava rapidamente. Não pude compreender o que dizia. Ergui a mão, pedindo silêncio.

– Respeite o templo.

Seus olhos verdes me atraíam, tive a sensação de estar pecando. Virei-me de costas para não vê-la. Fui para a sacristia. Queria ficar longe dela. Durante minha vida no convento, nunca convivera com mulheres. Lembrava-me vagamente da minha infância num castelo. Meu irmão mais velho herdaria as terras, o castelo e o título de meu pai, o conde. Escolheram-me para a vida religiosa. Glorificar a Deus e honrar a família. A única mulher que conhecia de perto era minha mãe, a condessa, com suas roupas escuras e pesadas. Na vida religiosa, aprendera sobre as tentações. Sabia resistir a elas. O beijo da rainha queimara meus lábios, me provocara horror.

Mas com aquela moça eu me sentia diferente.

Minha mão tremeu quando acendi uma vela. A luz desenhou minha sombra na parede. Alta e esguia. Não havia mais ninguém na sacristia.

Então a chama desenhou outra sombra. O corpo de uma mulher de cabelos longos, cacheados. Saia rodada. Ela.

A pedido de meus superiores, eu havia deixado o claustro para viver na corte. Junto à rainha, que tinha um parentesco distante com minha família.

As mulheres não me impressionavam. Os vestidos pesados, as saias amplas que, de acordo com o que eu sabia, só tiravam para se deitar. Nunca se despiam completamente. Dormiam com as saias de baixo. Pouco se banhavam. Eu acreditava que isso era o certo. O banho induz à luxúria. Nas

raras vezes em que as mulheres tomavam banho, vestiam camisolões. Mal tocavam os próprios corpos. Mas, mesmo cobertas de essências aromáticas, as damas da corte exalavam um cheiro desagradável.

Porém na presença da cigana senti um perfume delicado. Uma essência de flores. Ela se atirou novamente a meus pés, abraçando meus tornozelos e chorando.

– O que quer? – perguntei.

Ela fez um esforço e se expressou na língua da corte.

Queria que eu soltasse a velha bruxa.

Quis saber se ela era parente da mulher. Por sua resposta, compreendi que entre seu povo todos eram como uma família. A bruxa era uma curandeira. Muitos dependiam de seus chás, remédios e ervas. Mas para ela a velha era também alguém especial. Sua melhor amiga, como se fosse a própria mãe.

Suas palavras tocaram meu coração como uma brisa suave.

Nunca havia mandado libertar uma suspeita antes da confissão. Todas admitiam a culpa diante da tortura.

E, quando confessavam, as escravas do demônio deviam ser queimadas vivas.

A própria prisão significava, assim, uma sentença de morte.

Era preciso livrar a terra da maldição. Da seca.

– A falta de chuva é um castigo – disse eu. – Culpa da bruxa que coloca a todos em pecado por ter trato com o demônio.

– Se há alguma bruxa, não é ela! – argumentou a moça.

Por um momento pensei se aquela mulher não tinha razão. A velha fora submetida às piores torturas e ainda não confessara. Seria uma prova de inocência?

Mergulhei em seus olhos verdes. Um sentimento novo tomou conta de mim. Tive vontade de cantar, sorrir e dançar. Estender minha mão e tocar as dela. Cheguei a abrir os dedos para tocar os dela. Contive meu gesto.

Então, sem pensar na consequência de meus atos, decidi pelo inacreditável.

– Vou fazer o que você pede. Vou soltar a mulher – prometi.

Em seguida expliquei que não seria uma tarefa fácil. Ela devia me esperar na saída da cidade, à noite, com uma carroça. Eu iria com poucos homens de confiança.

– Leve a mulher para longe daqui assim que eu a entregar a você.

Quando me perguntassem sobre a velha, o que eu faria?

Diria que ela tinha fugido pela janela, voando, ajudada por Satanás. Ou que desaparecera transformada em fumaça, nos braços do demônio. Não fariam muitas perguntas, de qualquer maneira. Eu era o inquisidor-mor. Tinha sangue nobre. O escudo da minha família me protegia, sempre. E o poder da Igreja.

Também poderia dizer, mais simplesmente, que a bruxa continuava presa. Jogada num calabouço profundo, até confessar. Muito mais tarde, mandaria que atirassem um saco de ossos no rio dizendo que eram os dela.

E, assim, combinei com a moça:

– Na noite alta.

Ainda com os olhos assustados, ela fez que sim. Nem parecia acreditar nas minhas palavras. Mas, aos poucos, sua expressão tornou-se suave.

Fez um gesto que nunca esqueci, e que foi minha perdição definitiva.

Ergueu a mão e tocou minha face levemente com os dedos.

Agradeceu.

– Tem em mim uma amiga.

– Qual é o seu nome? – perguntei.

– Samya.

E foi embora.

Permaneci imóvel.

Meu rosto queimava. Nunca fora tocado por uma mulher daquele jeito tão gentil. O beijo da rainha fora árido, seco. Eu não conhecia a palavra certa para definir o gesto da jovem. Mas já conhecia seu significado: carinho. Doía tanto receber um carinho! Fiquei tonto. Perturbado, quase caí no chão, tão confusas eram minhas emoções.

O carinho é milagroso.

Cristo morreu na cruz. Eu conhecia todas as etapas da Paixão. O caminho de Nosso Salvador com a coroa de espinhos. O sangue gotejando da testa. Muitas vezes, nas madrugadas, me flagelava, batia em mim mesmo com um chicote de três pontas, para sofrer como Ele sofreu.

Agora eu via Maria com o filho no colo, quando fora retirado da cruz. Sua dor, seu desespero. Ao mesmo tempo, seu imenso amor pelo filho. Era isso, carinho. O carinho que a religião não me ensinara, mas que um simples gesto me fizera conhecer.

Pensei em rezar a noite toda. Pedir forças para compreender o sentimento que aquele toque provocara em mim. Era impossível. Precisava buscar a acusada. Preparar sua partida, com a ajuda dos monges mais fiéis.

Apressei-me. Devia agir com rapidez. Talvez não fosse realmente uma bruxa. Já tinha quase certeza de que não era. O plano estava claro em minha cabeça. Ela seria enrolada em mantas. Colocada em uma das carroças à minha disposição. Sairíamos na noite fechada. Ninguém deveria vê-la.

Nós nos encontraríamos além das portas da cidade. Eu entregaria a mulher para a cigana. Voltaria com minha carroça já vazia o mais rapidamente possível. Precisava chegar aos muros antes que fechassem as portas da cidade. De qualquer maneira, não tinha medo. Na minha posição, poderia mandar abrirem as portas se me atrasasse. Chegar antes era apenas mais uma medida de cautela, para evitar a curiosidade sobre minha rápida viagem.

Entrei na sala de tortura.

Senti o silêncio. Os monges estavam de pé, juntos, reunidos em um canto. Só uma vela iluminava a cabeça da mulher.

Continuava caída na mesa. O corpo contorcido. Morta.

Seria impossível cumprir o que havia prometido.

Sai do transe hipnótico com o coração disparado.

– Eu não cumpri minha promessa. Era impossível!

Calmamente, o Dr. Libeskind ofereceu-me um copo com água.

– Eu sei. Ouvi tudo o que você disse durante a regressão.

– Mas até agora não entendi por que no meu sonho é ela que está sendo queimada como bruxa! A moça!

– Tudo indica que seu processo de regressão está se dando por etapas, na ordem dos acontecimentos. Está revivendo sua vida passada do jeito que ela aconteceu.

– Doutor, precisamos marcar outra sessão com urgência. Amanhã, se for possível.

Ele abriu a agenda.

– Vamos ver um horário...

Enquanto ele verificava, liguei o celular. Havia vários recados de minha irmã na caixa de mensagens. Pedia que eu retornasse o mais depressa possível. Devia ser algo grave. Luana quase nunca ligava. Quanto mais deixar recados na caixa postal! Pedi licença ao médico. Telefonei para ela.

Luana foi rápida.

– Alan, você precisa vir para cá imediatamente – falou. – Mamãe não está nada bem.

– O que houve? Um acidente?

– Não. Ela não vinha se sentindo bem fazia algum tempo. Dores nas costas. Não parecia nada grave. Ontem ela passou mal e a levei ao pronto-socorro. Fizeram uma tomografia. Descobriram um tumor. Ela foi submetida a uma cirurgia ontem mesmo. O estado dela é grave, Alan.

– Grave como?

– É melhor a gente conversar aqui. Estou no hospital com ela. Quando você chegar, a gente se fala.

– Está bem – respondi.

– Alan, não quero deixar você nervoso, mas... é muito importante que você venha logo. Pode ser a última chance de você ver nossa mãe viva.

Desliguei. Expliquei a situação ao Dr. Libeskind.

– Quando puder, me ligue – disse ele. – Vamos arranjar um horário de qualquer jeito. Vá ver sua mãe, isso é o mais importante.

Concordei.

– Alan, não é surpreendente que você tenha revivido a morte da velha cigana justamente quando sua mãe ficou doente? – perguntou o doutor. – Existe uma conexão. Sei que é inexplicável, mas existe.

– Pensei a mesma coisa – falei. – Existe uma conexão, sim.

– Talvez seja uma oportunidade de resgatar o relacionamento com sua mãe.

– Não tenho ideia de como isso pode ser feito, doutor – respondi, e percebi a amargura em minha voz.

– Você possui uma grande riqueza interior, Alan. Deixe sua alma falar. Na hora certa, saberá o que fazer.

Saí do consultório e dei uma passada rápida em casa. Coloquei algumas roupas na mala. Mandeí um e-mail para meus sócios explicando a situação e outro para Mírian, que se encarregaria de repassar os principais telefonemas e clientes aos outros advogados do escritório.

Ia ligar para Érica, mas no último instante desisti. Ela ficaria furiosa quando eu desmarcasse o jantar. Talvez nem acreditasse que minha mãe estava mesmo doente. Mandeí uma mensagem de texto. Disse simplesmente que precisava viajar com urgência, por causa de um problema de família. Mais uma vez, adiei nossa conversa sem deixar claro o motivo.

Já conhecia os horários de voos. O próximo partiria somente no dia seguinte. De carro, chegaria em quatro ou cinco horas. Conhecia bem aquele trajeto. Quantos sonhos eu acalentara percorrendo aquela estrada... Quantas expectativas... Quantas frustrações! Muitas vezes, ao visitar minha mãe,

sonhava em encontrá-la de braços abertos, na varanda de casa, esperando por mim. Um sorriso no rosto. Ouvir um simples “Como foi a viagem, meu filho?”. Mas, na casa em que havia nascido e crescido, nunca recebi um abraço de boas-vindas. Nenhum aconchego. Nunca senti nenhum carinho no tom com que ela dizia “Meu filho”.

Parti. Eu sabia, no fundo do coração, que estava percorrendo aquele caminho para a despedida final.

Enquanto dirigia, consultava o relógio do carro. Os quilômetros corriam junto com os minutos. Meu coração batia tão acelerado que se confundia com o velocímetro.

A vida estava me testando, eu sabia. Tudo o que eu havia feito até aquele momento, tudo por que lutara me parecia tão sem valor! No íntimo, eu queria afeto, amor. Queria ser amado. Nunca demonstrara, é verdade. A falta de amor deixara meu coração blindado. Nada fora capaz de remover o escudo de proteção que eu criara em torno de mim. Nada... Até conhecer Anna.

O som do celular tirou-me do devaneio. Érica! Não atendi. Foram várias as chamadas. Ignorei todas elas.

Era óbvio que eu estava evitando uma conversa dolorosa com Érica. E me sentia mal por isso. A frase de um amigo, quando se separou da mulher, veio à minha cabeça: “É melhor um fim triste do que uma tristeza sem fim.” Mais do que nunca, naquele momento eu entendia o verdadeiro significado do que ele havia me dito. Ficar com Érica seria uma tristeza sem fim. Eu precisava pôr um ponto final na situação. Estava mais do que na hora de exorcizar meus fantasmas. Resolver as pendências que fora deixando ao longo da vida, sem nem sequer perceber.

Enquanto dirigia, ia revivendo minha infância, o dia em que deixei minha casa para buscar a sonhada realização. A separação de meus pais. O novo casamento de meu pai. A amargura que tomou conta de minha mãe e que nunca mais a deixou. A falta de intimidade nas conversas. As críticas implícitas em seu olhar. Éramos mãe e filho. Havia o laço. Não a intimidade.

Em geral mãe e filho possuem uma ligação muito forte, mesmo que discutam, briguem ou vivam afastados um do outro, como foi meu caso. No fundo, eu esperava mais. Só não sabia disso até poucos dias atrás. Ali, na estrada quase vazia, onde as luzes dos poucos carros que cruzavam com o meu eram minha única companhia, me dei conta de quanta alegria verdadeira faltava em minha vida. Quantas gargalhadas eu dera? Onde eu buscara apoio nos momentos difíceis? Quem me confortara? Por quem eu vivia? Verdadeiramente, para quê?

Suspirei profundamente. Eu havia lutado para ser alguém. Mas qual era o significado de “ser alguém”, se meu coração era vazio de amor?

Foi com esse pensamento que cheguei.

Peguei a avenida em direção ao centro. Sabia exatamente onde ficava o hospital. Quando cheguei lá, desci do carro e tentei recompor minhas emoções.

“Homem não chora.” Eu já não tinha tanta certeza disso...

Caminhei um tanto afobado até a recepção. Me identifiquei para a recepcionista. Subi. Uma agonia tomou conta de mim. Entrei sem bater. Minha irmã se levantou da poltrona em que estava e me abraçou.

– Que bom que está aqui, Alan. Mamãe está dormindo. Melhor não acordá-la.

Cheguei perto da cabeceira da cama. Passei a mão pela testa pálida. Olhos fechados. Incrivelmente magra. O soro ligado. O oxigênio para ajudar na respiração. Era impressionante como ali, naquele momento, se parecia com a mulher torturada que eu vira na minha regressão. O mesmo rosto sofrido. Os tropeços por que passara na vida estavam ali, registrados em cada ruga. Senti meus olhos umedecerem. Era a primeira vez que eu a via tão frágil. Sem a defesa bruta que a acompanhara a vida toda. Sem o ar de reprovação que não saía de sua face. Tive vontade de abraçá-la. De dizer quanto eu desejava seu carinho. Seu sorriso. Ser o motivo de seu orgulho.

Sem nem imaginar o que se passava por minha cabeça, Luana me puxou pela mão.

– Vamos conversar lá fora, para ela não acordar.

Sáímos. Sentamos na sala ao lado do quarto.

– Como foi que tudo aconteceu? – perguntei.

– Há alguns meses, ela começou a se queixar de dores nas costas – disse Luana. – Pensou que fosse a coluna. Não quis ir ao médico. Depois, veio a dificuldade para respirar. Mamãe disse que não era nada. Tomou alguns remédios que ela mesma fez. Com ervas. Não parecia grave.

– Mamãe sempre foi muito forte – comentei.

– Anteontem ela acordou com mais dificuldade para respirar. No fim da tarde, depois de muita resistência da parte dela, eu a trouxe ao pronto-socorro e fizeram a tomografia.

– Foi quando descobriram o tumor – falei, mais para mim mesmo do que para Luana.

Ela assentiu com a cabeça.

– A partir daí vieram a internação, a cirurgia de emergência e o diagnóstico: câncer. O tumor já tomou todo o tórax. É tão grande que pressiona os pulmões. Por isso ela sente falta de ar.

Ouvir a verdade foi um choque, mesmo que, no íntimo, eu já soubesse.

– Por que não me avisou?

– Alan, nem os médicos tinham noção da gravidade. Estavam tão otimistas! Pensamos que ainda teria alguma chance com o tratamento de quimioterapia mas... parece que não haverá tempo. – Luana segurou uma de minhas mãos. – Quisemos preservar você. Tem uma vida tão corrida... E já ajuda tanto! O que seria dela sem o plano de saúde que você paga?

O comentário de Luana me trouxe certo conforto. “Pelo menos eu pude fazer alguma coisa”, pensei.

– Se tivesse ligado antes, quando ela começou a ter dificuldade para respirar, eu teria vindo, você sabe disso – insisti.

Lágrimas correram pelo rosto de Luana.

– Eu... eu sentia que, se ligasse para você, teria de aceitar que o final havia chegado. Que mamãe vai partir. Por isso só tive coragem de ligar hoje à tarde. E só consegui falar com você no início da noite.

– Tive reuniões o dia todo. Deixei o celular desligado. Depois, tive uma consulta.

– Está doente? – perguntou minha irmã, preocupada.

– Não, não. Só rotina, mesmo.

Não dei mais detalhes. Quis voltar para o quarto.

Novamente fixei o olhar no rosto de minha mãe. Tudo o que eu vivera na regressão voltou com uma força assombrosa. A mulher torturada não saía da minha cabeça. Assim como as palavras do Dr. Libeskind: “Se você conseguir dizer à sua mãe que a ama, terá dado um grande passo.”

– Vá para minha casa. Volte amanhã cedo – falou Luana. – Não adianta ficar aqui. Os médicos aplicaram um sedativo leve nela, para passar o desconforto que ela estava sentindo. Vá descansar um pouco. É melhor.

Eu não queria ir. Precisava falar com minha mãe. Dizer as coisas que durante tantos anos ficaram presas em minha garganta. Sabia que aquele era o momento.

Mas Luana não deu trégua.

– Você dirigiu durante horas. Amanhã estará bem para falar com ela.

Novamente olhei para o rosto de minha mãe. Queria fixar seus traços na memória.

– Amanhã cedo estarei aqui – disse à minha irmã.

O ar parecia faltar em meus pulmões também. Precisava entender a revolução interna que estava vivendo.

Deixei o hospital sem olhar para trás. Talvez, se olhasse, não conseguisse sair.

Quando cheguei à casa de Luana, meu cunhado estava à minha espera. Conversamos pouco. A pouca intimidade fazia as palavras faltarem. Dormi algumas horas no sofá da sala. Sem sonhos. Durante a noite, acordei várias vezes, sobressaltado, pensando em mamãe.

Levantei bem cedo. Ricardo deixou meus dois sobrinhos na casa da mãe dele. Foi trabalhar. Voltei sozinho para o hospital.

Mamãe estava apoiada em travesseiros. A cama, inclinada. Seus ossos pareciam querer saltar sob a pele. Luana, sentada no sofá destinado a

acompanhantes, aparentava um visível cansaço.

– Olá, mamãe – falei.

Ela me olhou. Expressão exausta. Falou, quase sem som:

– Alan.

Queria tanto que ela entendesse o que eu sabia... Mas como explicar que nós dois tínhamos um carma? Que agora eu havia entendido tudo? Que queria falar coisas lindas? Dizer que a amava?

Não consegui articular uma palavra. Ela continuou em silêncio. Nos olhamos longamente.

Luana interrompeu o momento.

– Alan, vou para casa tomar um banho, trocar de roupa – disse ela. – Você fica com a mamãe?

– Claro – respondi.

Minha irmã saiu. Aquela poderia ser minha chance. Mas minha garganta estava travada. Ali, mamãe e eu, sem trocar uma palavra. E eu sem saber se haveria outra oportunidade de dizer o que não fora dito a vida toda.

Quando ela cerrou os olhos, não sei se para descansar ou se para fugir do meu olhar, sentei-me na poltrona.

De vez em quando, perguntava:

– Precisa de alguma coisa, mamãe?

Ela meneava a cabeça, em negativa.

As enfermeiras entravam e saíam para conferir o soro, o oxigênio. Tomar seu pulso. Trocávamos frases banais: “Bom dia”, “Boa tarde”, “Está tudo bem”, “Sua mãe é muito forte”.

Sozinhos, continuávamos em silêncio.

A vontade de falar martelava na minha cabeça. Como encontrar as palavras certas se nunca, em nossas vidas, soube dizê-las?

Conversei com a médica rapidamente, no corredor.

– Como a doença evoluiu tão depressa? – quis saber.

– Em alguns casos é assim – respondeu ela. – O câncer pode demorar anos para se manifestar. Mas, quando diagnosticado, muitas vezes já é tarde demais.

Voltei para o quarto. Para aquele espaço repleto de um silêncio doloroso. De sentimentos nunca expressados.

Pouco depois do meio-dia, uma enfermeira entrou, sorriu para minha mãe como se ela fosse um bebê e falou:

– E agora é hora de deixar você mais bonita. Vamos lá?

Mamãe apontou para mim.

– Quero que ele saia – murmurou ela.

– Não quer que eu fique aqui, mãe? – perguntei.

Ela balançou a cabeça. Preferia mesmo que eu saísse.

A enfermeira foi gentil.

– Vou higienizar e trocar sua mãe – explicou-me ela.

Entendi. Ela ainda queria preservar sua dignidade.

– Volto em quanto tempo? – falei.

– Meia hora, quarenta minutos – disse a enfermeira.

– Então vou aproveitar para comer um sanduíche – informei, saindo do quarto.



Preferi não ficar no hospital. Queria andar um pouco, sair daquela atmosfera. Fui até uma lanchonete logo adiante, na esquina. Comi um cheese-salada. Era meu sanduíche predileto no início da adolescência, quando ainda morava com minha mãe. Depois tomei um milk-shake. O cardápio ditado pela memória me ajudou a me sentir melhor. Como se o paladar fizesse o tempo retroceder.

“Estou perdendo a mesma pessoa duas vezes ao mesmo tempo. Na regressão e agora, nesta vida. O pior é que ainda não sei dizer as palavras certas.”

Terminei o lanche. Paguei. Resolvi dar uma volta no quarteirão.

De repente deparei com uma casa simpática, com uma placa na frente. Era uma loja. Não sabia de quê. Ainda era cedo para voltar ao hospital. Entrei por curiosidade. Senti um aroma delicado de incenso. Nas prateleiras,

espalhavam-se anjos, sinos, objetos artesanais variados. Movido pela intuição, decidi comprar um presente para mamãe.

Percorri as prateleiras com os olhos. Nada me interessava. Prestes a sair, vi quando a luz refletiu sobre algo muito pequeno. Um coração de cristal.

Soube imediatamente que era o presente que eu estava buscando.

Voltei ao hospital.

Mamãe estava sozinha. Os cabelos, penteados. Roupa limpa. Os lençóis também haviam sido trocados. Ela parecia até melhor. Sentei-me a seu lado.

– Trouxe um presente para a senhora, mamãe.

Ela me olhou, curiosa.

Abri o pacotinho. Segurei o objeto com os dedos.

– Um coração de cristal, mamãe. Meu coração.

Então nos olhamos por um instante que pareceu um século.

Seus dedos se fecharam sobre o pequeno presente.

Em seguida, ela levou a mão ao próprio peito.



Minha mãe morreu dois dias depois.

Eu e Luana nos alternamos a seu lado o tempo inteiro.

Durante nossa permanência ali no hospital, Luana comentou:

– Sabe, Alan, a mamãe não larga aquele coraçõzinho que você deu.

Fiquei profundamente emocionado.

Quando a respiração dela começou a falhar definitivamente, era o turno da minha irmã e eu estava fora do hospital. Me chamaram com urgência. Cheguei a tempo de vê-la ainda de olhos abertos. Viva. Luana continha o choro. Eram os instantes finais.

Mamãe me encarou, a expressão suave. Havia uma luz diferente em seus olhos. A mesma luz que relaxava seus músculos. Que a tornava quase bela, apesar da doença. E a luz chegava até mim.

O coração de cristal estava na palma de sua mão. Mais uma vez, ela fechou os dedos em torno dele e colocou a mão sobre o peito. Pus minha mão sobre a dela. Disse, com o coração disparado:

– Eu te amo, mamãe. Eu te amo.

Mas ela já não podia me ouvir.

Foi enterrada com o coração de cristal apertado em sua mão. Meu e dela. Nosso. Gosto de me lembrar disso.

Nós nunca encontramos as palavras certas. Passamos a vida trocando mágoas. Só no momento da morte conseguimos agir de forma diferente.

Mamãe partiu aceitando meu amor. E me oferecendo o seu.

Um gesto vale mil palavras. O coração de cristal disse tudo o que não sabíamos falar um ao outro.

Com a morte de minha mãe, descobri que o tempo é uma falsa medida. A dor de uma vida inteira pode ser superada pela beleza de um instante. Pelo brilho de um sentimento.

Eu sempre tive medo de amar. Temia ser rejeitado e sofrer. Descobri na morte de mamãe que o amor tem um encanto especial, que regenera os sentimentos.

O cristal reflete os raios luminosos do sol.

O amor é um coração de cristal.

Desde que tinha viajado para ver minha mãe, falei muito pouco com Érica. Atendi apenas a alguns de seus telefonemas. Ela pareceu compreensiva. Até se ofereceu para ir me encontrar. Não aceitei. Era o meu momento. A hora de acertar algumas contas com os sentimentos do passado. De curar feridas.

Muita coisa havia mudado em minha vida desde que fora a Holambra. Érica talvez não tivesse percebido isso. Eu, sim.

Queria me separar dela com dignidade. Mas protelava a conversa definitiva. Não me sentia em condições emocionais com a doença e a morte de mamãe. E também com as descobertas sobre minha vida passada.

Comecei a perceber que Érica também desempenhava um papel naquela época. Quanto mais consciência eu tomava dos fatos de minha outra vida, mais sentia que devia me afastar dela. Era uma intuição, como se Érica representasse um perigo, embora eu não conseguisse ainda entender por quê.

Errei, é claro. Deveria ter voltado logo a São Paulo, sentado com ela e, olhos nos olhos, dizer que gostava de outra. Rompido o relacionamento. Mas quem consegue ser tão objetivo nesse tipo de situação?

Depois da morte de mamãe, nas raras vezes em que nos falávamos, Érica insistia que eu voltasse. Ainda fiquei alguns dias na casa de minha irmã, cuidando das tarefas difíceis e dolorosas, mas obrigatórias, depois da perda de um ente querido. Separar as roupas, as fotografias, as recordações. Não haveria briga por dinheiro: abri mão da minha parte na casa. Mas contratei um advogado local para cuidar do inventário. Também falamos longamente sobre mamãe.

– Ela sentia muito orgulho de você – disse minha irmã, uma tarde, quando separávamos alguns cartões que ela guardara.

Contive a emoção ao ouvir essas palavras de minha irmã. Como era importante para mim saber disso. Luana nem imaginava a importância do que dissera.

Quando tudo já estava resolvido, decidi ir à fazenda, em Holambra. Precisava do aconchego da amizade de Tobias e Helena. Quando telefonei contando o que tinha ocorrido, ela não hesitou:

– Venha passar uns dias aqui com a gente.

Liguei para Érica. Avisei que ficaria mais alguns dias fora.

– Vai para onde? – perguntou ela, com grande irritação na voz.

Quando contei que estava indo para a fazenda, ela emudeceu. Cheguei a pensar que a ligação caíra. Quando voltou a falar, sua voz era outra. Ríspida.

– Não consigo entender. Você tem o escritório. Eu estou aqui.

– Já avisei no escritório. E Tobias é como um irmão para mim. Você sabe disso – expliquei.

– Eu sou sua namorada. Isso não tem nenhum valor?

– Érica, não quero discutir agora. Só estou precisando de um pouco de paz.

– Estou de saco cheio de suas desculpas, Alan – disse ela, desligando o telefone na minha cara.

Tentei ligar de volta. Deixei chamar várias vezes, mas ela não atendeu.

Mesmo assim, fui para a fazenda. Confesso que também queria me aproximar de Anna. Ainda não sabia o que fazer. Mas tinha certeza de que poderia superar a barreira que havia entre nós. Como acontecera entre mim e mamãe.

Cheguei bem no meio da tarde. Quando ouviu o barulho do carro, Helena correu para a porta. E me recebeu com um abraço demorado.

– Entre, Alan.

Depois, me abraçou novamente.

– Como você está?

– Na medida do possível, bem. É difícil. A gente sempre precisa de um tempo para superar uma perda...

Notei que as mãos dela estavam cheias de farinha. Àquela altura, minha roupa também. Quando viu o que tinha feito, Helena ficou nervosa.

– Está todo sujo – disse ela. – Eu estava fazendo pão. Venha comigo à cozinha.

Eu a acompanhei. Trocamos mais algumas palavras sobre mamãe, enquanto ela socava a massa com uma fúria inesperada. Percebi que havia algo errado.

– Algum problema? – perguntei.

– Alan, viver numa fazenda não é tão simples como todo mundo acredita – respondeu Helena. – O mato cresce mais depressa que minhas unhas. O Tobias é imprestável para qualquer atividade prática. Outro dia tentou ordenhar as cabras e levou um coice. Quase teve o nariz arrebitado. Tenho saudade da minha casa. Dos meus móveis. Da minha vida no bairro.

Apesar da minha tristeza, sorri.

– Eu não esperava outra coisa. – Enquanto ela continuava socando a massa como um boxeador no ringue, falei: – Helena, como está seu apartamento lá em São Paulo? Com tudo o que tem acontecido, nem me ocorreu perguntar...

Ela sorriu, com a expressão mais suave.

– O Tobias queria entregar o apartamento – contou-me. – Mas eu o ameacei. Disse que soltaria os leões e o deixaria trancado fora da casa.

O sorriso se transformou em riso.

– Claro que ele desistiu, Alan. Conheço meu marido. A vida no campo não é para ele.

Helena tinha dado a deixa que eu esperava. Meu coração bateu mais depressa. Tomei coragem e indaguei:

– Falando em leões, e Anna e o irmão? Vocês estão se dando bem com eles?

– É uma sorte ter o Thiago. O rapaz que nos ajudava foi embora, como havia avisado que faria. Então o Thiago está dando um jeito no mato sozinho. Pelo menos em volta da casa está tudo limpo. Ele também fez alguns queijos, que você vai experimentar hoje à noite.

– E... a Anna?

Helena sorriu.

– É dela que você quer realmente saber, não é?

Ela atirou a massa no mármore e jogou mais farinha por cima. Voltou a socá-la e começou a falar:

– Às vezes ela parece uma garota crescida. Outras, uma fera enjaulada. Ainda não consegui entendê-la. Existe algo que a perturba. Não sei o que é.

Um sino tocou. Helena correu para fora, nervosa.

– Não saia de casa agora, Alan – avisou. – Por nada neste mundo.

Ouvi enquanto chamava no jardim.

– Tobias! Tobias! Entre e tranque tudo!

Que novidade era aquela? Ouvi meu amigo bater as portas uma atrás da outra.

– Não se esqueça de colocar as trancas – pediu Helena. – Feche as janelas também, Tobias, as janelas também!

O barulho aumentou.

– E a Alice? Cadê a Alice? – gritou ela.

– Estava comigo no jardim – ouvi Tobias responder.

– Vá buscá-la, agora!

Ele passou por mim correndo.

– Alan, depois falo com você.

Saiu desesperado pela porta de trás.

O sino tocou mais uma vez.

– Tobias, depressa! Ela já deu o segundo toque! – gritou Helena.

Ele entrou na casa com Alice pela mão. Fechou cuidadosamente a porta da cozinha. Helena abraçou a filha.

– Ainda bem – falou ela.

– Eu estava com a Anna, mãe – informou a menina.

– Não se preocupe, Helena – disse Tobias. – A Anna sempre vê onde a Alice está antes de tocar a terceira badalada.

Eu estava morrendo de curiosidade. O que significava tudo aquilo?

– Podem me explicar o que está acontecendo?

– Ah, Alan! – suspirou Helena – Você não tem ideia!

Finalmente, Tobias me deu o abraço de pêsames.

– Sinto muito pela sua mãe – falou ele.

O sino tocou outra vez.

Helena nos interrompeu:

– Tobias, tem certeza de que todas as janelas estão fechadas?

– Tenho, foi só no primeiro dia que esqueci uma janela aberta. Agora já me acostumei.

– Façam o favor de me explicar o que está acontecendo! – insisti.

– Venha ver você mesmo – disse Tobias, me conduzindo até a sala.

– Vou só terminar a massa e deixar crescendo e já vou pra lá também – avisou Helena.

Ouvi um som. Selvagem mas também... doce? Um rugido pode ser gentil?

Cuidadosamente, Tobias afastou a cortina de uma das janelas que davam para os fundos da casa.

– Veja, Alan.

Nunca vou esquecer o que vi.

Os leões estavam soltos. Vestida com roupas grossas e luvas de couro, Anna brincava com eles. Como se fossem bichinhos delicados. King e Gina corriam animados. Ela pegava em seus focinhos. Abraçava-os. Houve um momento em que caiu no chão e King pulou para cima dela.

– Ele vai matá-la! – gritei.

– Não vai, não – afirmou Tobias. – É incrível. Só acredito porque já vi. Os leões são seus animais de estimação.

Thiago chegou com bifes crus espetados em varas. Agora ele erguia o bife e chamava: “Vem, vem!”

O leão obedeceu como um cachorrinho.

A brincadeira durou um bom tempo. Finalmente, Anna conduziu os leões à jaula. E passou o trinco. Sem dificuldade alguma.

Eu estava francamente espantado.

– Tobias, você sabe que pode acontecer uma tragédia, não sabe?

– Quando Anna e o irmão avisaram que precisavam soltar os leões todos os dias, tive a mesma reação que você, Alan – explicou ele. – Mas ela garantiu que não havia perigo. Pelo que vi até agora, realmente não há. Nós combinamos tudo direitinho. Anna toca o sino três vezes antes de soltar os leões. O primeiro e o segundo toques são só para nos prepararmos. O horário é sempre o mesmo.

– Você não imagina meu nervosismo – comentou Helena. – Não é fácil passar por essa situação! Às vezes eu acho que ela é completamente maluca.

– Mas você sabe que maluca a Anna não é – rebateu Tobias. – Ela e Thiago se dão bem com os leões. Anna deu mamadeira para eles, quando nasceram. E cuida dos dois desde então.

Eu estava encantado. Poderia haver mulher mais surpreendente?

– Veja a expressão do Alan, Tobias. Está achando tudo maravilhoso – comentou Helena.

– E não é? – respondi.

– Alan, você tem consciência de que está apaixonado por uma mulher completamente diferente de você? – disse ela.

Eu não queria discutir meus sentimentos.

– Helena, vamos deixar essa conversa para depois – pedi. – Preciso falar com Anna.

– Deve estar tomando banho – falou Helena. – Aquelas roupas que ela usa cheiram a leão. Ela diz que assim eles a reconhecem também pelo cheiro. – Riu. – Então é melhor você esperar.

Helena sentou-se. Parecia mais calma, agora que os leões estavam presos.

– Não sei o que seria de nós se a Anna e o Thiago não estivessem aqui. Não estou acostumada com esse tipo de vida. Leões brincando no meu quintal?

– Mas você também permitiu que ela soltasse os animais? – perguntei.

– Ela disse que eles precisam brincar. Que sofrem muito quando estão confinados – explicou.

– Como está sendo a convivência de vocês com os dois? – perguntei.

– Nós nos damos bem. O Thiago é divertido, sempre brinca com a Alice. Ela o adora, sabe? – contou Helena. – Só que os dois têm seu modo de ser.

Digo isso por você, Alan. Seria capaz de viver com alguém completamente diferente de você?

Novamente as mesmas palavras: “completamente diferente”.

Fiquei pensativo por alguns instantes, então falei:

– Sabe, Helena, segui sua recomendação e estou fazendo regressões com o Dr. Libeskind, como você indicou. Estou mudando bastante.

Ela sorriu.

– Conseguiu decifrar o sonho? Entender esse estranho encontro com Anna? – perguntou.

– Ele me fez entender muita coisa a respeito da minha vida. Inclusive sobre o relacionamento com minha mãe.

Helena tocou minha mão suavemente.

– Você sabe que eu e o Tobias lamentamos muito sua perda – disse ela. – Às vezes é difícil encontrar palavras que saiam do usual. Mas estamos com você para o que der e vier, Alan.

– Eu sei – respondi, esforçando-me para conter a emoção.

Ficamos mais algum tempo em silêncio. Finalmente, contei sobre minhas experiências nas sessões com o Dr. Libeskind.

– Não acreditava em vidas passadas até aquele dia em que conversamos – comentei. – Fiquei muito impressionado com o que você me disse sobre sua experiência de quase morte. E o Dr. Libeskind também me convenceu. Durante as regressões descobri muito sobre meus sentimentos. Até mesmo sobre minha mãe. Foi muito importante. Antes de ela morrer, consegui criar uma relação afetiva com ela. Ainda tive tempo.

– É lindo ouvir você dizer isso, Alan – falou Helena quase num sussurro.

– Eu conheço muito pouco sobre os mistérios de outras vidas – continuei.

– Mas entendo que minha mãe e eu nos escolhemos, de alguma maneira. Não sei como acontece. Só tenho certeza que acontece. Éramos muito diferentes um do outro. Mas também éramos mãe e filho. Isso significa muito.

– Entendo você, Alan. Está descobrindo novos sentimentos, não é verdade?

– comentou Tobias.

– Pois é. Uma pessoa pode ser completamente diferente dos pais, dos irmãos, e mesmo assim amar cada um deles de um jeito muito especial. O amor entre um homem e uma mulher também não pode ser assim? Quando a gente ama alguém, não precisa pedir o currículo da pessoa nem fazer um teste de afinidade. Percebi que o amor constrói uma ponte entre duas pessoas. Mesmo que uma não tenha nada a ver com a outra do ponto de vista lógico, racional, objetivo.

– Alan, você está mudando mesmo! – disse Tobias, admirado.

Helena sorriu.

– Você está descobrindo o que é o amor, Alan?

Fiquei sem graça. Ainda não estava acostumado a deixar minhas emoções aflorarem. Passara a vida sufocando cada um dos sentimentos. Nunca deixava ninguém perceber o que eu estava sentindo. Criara um muro de proteção ao meu redor. Forte. Impossível de ser violado.

Com sua sensibilidade, Helena tirou o foco da conversa de mim:

– Posso dizer por mim mesma. Sempre fui tão ajuizada, tão certinha... Mas amo o Tobias profundamente.

– Eu não sou ajuizado? – espantou-se ele.

– Não, não é. Mas isso não tem a menor importância – respondeu ela, rindo.

Abraçou o marido. Beijaram-se. Eles se amavam, apesar das diferenças.

Levantei-me do sofá.

– Acho que preciso tomar um banho.

– Vou pegar uma toalha para você. Leve sua mala para o quarto – disse Helena, saindo rapidamente da sala.

Tobias bateu a mão na cabeça.

– Ops, quase me esqueci.

– Que foi? – quis saber.

– Antes de você chegar, Érica ligou várias vezes para meu celular. Queria o endereço da fazenda.

– Eu disse para ela que estava vindo pra cá. Mas a gente brigou e ela bateu o telefone na minha cara.

– Você ainda não tinha chegado. Quando eu falei que você ainda estava a caminho, ela pensou que fosse mentira. Até discutimos. Ela estava muito nervosa.

– Ela é assim – expliquei. – Às vezes perde o controle.

– Eu expliquei a ela como chegar até aqui.

– Tobias, ela está vindo para cá?

Era a última coisa que eu queria. Encontrar com Érica na fazenda. E Anna?

– Não, acho que não. Durante o telefonema ela foi se acalmando. Pediu para você ligar quando chegasse.

– Vou ligar amanhã. Preciso me sentir bem, porque vai ser um telefonema difícil. Decidi terminar com ela. E acho que ela já entendeu isso.

– Eu tinha certeza, Alan.

– Mas não quero terminar pelo telefone. Assim que voltar para São Paulo, resolvo tudo.

Mais uma vez adiei o que não podia ser adiado. Imaginei Érica sozinha no flat, com a raiva se acumulando. Pensei só em mim, sem perceber que, para ela, a situação se tornava insuportável.



Anoiteceu. Caminhei até o galpão onde Anna e Thiago estavam instalados. De longe, ouvi uma música. Circense! Fui me aproximando com curiosidade. A porta estava encostada. Bati de leve. Ninguém respondeu.

A luz saía pela fresta.

Empurrei a porta lentamente. Era realmente pesada. A chave, grande, presa na enorme fechadura de ferro, continuava do lado de fora. Sorri, pensando: “Se ela não tranca nem os leões com chave, por que trancaria a porta?”

Percebi um movimento lá dentro. Ergui a cabeça para ver o que era.

Anna voava no trapézio.

Vestia apenas um maiô de lantejoulas.

Atirava-se no ar, prendia-se ao trapézio com as pernas.

Thiago estava no trapézio oposto. Deu um voo e estendeu as mãos. Anna se jogou.

Por um instante, ela ficou solta no ar. Depois ele a segurou firmemente. Em seguida, Thiago tomou novo impulso. E soltou Anna.

Ela girou sobre si mesma duas vezes, em dois incríveis saltos mortais. Novamente, em perfeita sincronia, pegou nas mãos do irmão. Quando estavam no centro do espaço, ele a soltou. Anna caiu na rede, dando dois saltos.

Aplaudi.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ela, surpresa.

– Ah, eu vim ver o Tobias e a Helena e... bem... – respondi.

Na verdade, não sabia o que dizer. Anna pulou da rede para o chão. Thiago desceu do trapézio e fez o mesmo. Ficou ao lado dela.

– Eu não sabia que estavam treinando. Fiquei fascinado. Desculpem.

– Só me surpreendi porque faz tempo que não temos plateia – explicou Anna, mais suavemente do que de costume. – Sinto muito pela sua perda. A Helena me contou sobre a morte de sua mãe. E que você estava vindo para a fazenda.

Fiz que sim com a cabeça. No seu olhar, já não via pavor.

Um tanto sem jeito, pedi:

– Podemos conversar, Anna?

Por alguns segundos pensei que ela fosse recusar. Para minha surpresa, porém, disse:

– Só um minuto, vou me arrumar. Pode esperar lá fora.

Afastei-me. Parei perto de uma árvore. Meu coração batia forte. Dali a pouco, ouvi os passos leves sobre a grama.

Pela primeira vez Anna não vestia calça nem camisa largas, mas um robe de seda sobre o maiô de lantejoulas.

– Por que está olhando tão fixamente para mim? – perguntou.

– Eu não sabia que tinha pernas – brinquei, mais para esconder meu embaraço.

Ela sorriu.

– Esse robe era do circo. Como você está?

– É difícil lidar com a perda. Além do mais, eu e minha mãe tínhamos muito para nos dizer. Não houve tempo...

Era incrível como perto de Anna sentia vontade de dizer coisas que não costumava falar.

Ela assentiu.

– Eu também tive esse sentimento quando minha mãe morreu – afirmou. – Apesar de ainda ser criança, eu tinha tantas coisas para dizer a ela... Coisas bobas, sabe? Coisas que uma filha diz à mãe... – Fez um longo silêncio e completou: – Queria ter tido mais tempo. Mas talvez, por mais tempo que a gente tenha, nunca seja o suficiente. Com tio Ciccillo também foi assim. Eu e o Thiago vivemos muitos anos com ele. E ainda sinto que ele se foi cedo demais.

– Também acredito que sempre é cedo demais. Sabe, Anna, tenho vivido dias muito conturbados. Desde que vim a Holambra, minha vida mudou muito.

Percebi, por sua expressão, que aquele era um assunto que não a agradava. Parecia sair do confortável terreno dos sentimentos que tínhamos em relação aos outros. Anna parecia não querer falar nada que tivesse a ver com ela. Assim como eu, parecia ter fechado seu coração para o amor.

Tanto que ela tentou mudar rapidamente o rumo da conversa:

– Eu ainda não agradei a você.

– Pelo quê? – perguntei.

– Você depositou o dinheiro para alimentar os leões. Ainda bem!

– Sempre cumpro minhas promessas, Anna.

Novamente seu semblante se fechou, como se eu tivesse dito algo que a incomodasse.

O olhar que me lançou era duro. Realmente, não havia o pavor que eu vira das primeiras vezes. Mas havia distanciamento.

– Eu sei que nos conhecemos pouco – falou. – Que você me ajudou. Mas às vezes acho que não fala a verdade. Que não cumpre suas promessas, realmente. Desculpe a franqueza, eu não devia falar assim. Até porque até

agora você sempre cumpriu o que prometeu. – Fez um curto silêncio, como se buscasse dentro dela o que dizer. E prosseguiu: – Não consigo entender...

– E se eu responder que a entendo muito mais do que você pensa?

– Como assim?

Ainda não era hora de falar a Anna sobre a regressão, do que acontecera em outra vida. Então simplesmente indaguei:

– Você nunca teve um sonho estranho? Ou uma sensação inexplicável?

Ela me olhou com desconfiança. Novamente, achei que fosse me julgar louco e fugir de mim outra vez. Emendei:

– Quero dizer... você às vezes não tem a impressão de que já viveu alguma situação de seus sonhos?

Anna fixou os olhos novamente nos meus e disse, séria:

– Às vezes, sim. Tio Ciccillo sempre dizia que era porque havíamos mudado de cidade muitas vezes, e eu confundia as coisas. – Levou a mão ao rosto, para tirar alguns fios de cabelo que caíam sobre os olhos. – Mas sei que não era isso.

– O que você acha que é, então?

– Não sei, mas tenho um medo inexplicável de fogo. Quando viajávamos com o circo, muitas vezes a gente acampava. Fazíamos uma fogueira. Todos ficavam sentados em volta dela. Alguém tocava violão. Outro cantava. Eu olhava as chamas e tinha pavor! Mesmo nas noites frias, ficava bem longe. Quase sempre eu via imagens nas labaredas.

Senti meu corpo estremecer. Então ela também recebia sinais de sua outra vida! Tentei controlar o tom de minha voz, as palavras. Já era um bom progresso conversar com Anna. Não podia fazê-la sentir medo de mim.

– Imagens? – perguntei.

– Eu via meu rosto entre as chamas. Meus cabelos, queimando. Sei que é ilusão. Uma fantasia criada pela minha cabeça.

Tive vontade de explicar tudo. Mas achei cedo para falar sobre o que estava descobrindo e no qual nós dois estávamos envolvidos. Perguntei, simplesmente:

– E eu?... Você teve a sensação de que me conhecia antes?

– Eu já tinha visto seu rosto, Alan. Quer dizer, não o seu exatamente. Mas de um homem que, não entendo por que motivo, sei que é você.

– Meu rosto?

– Quando você me perguntou pela primeira vez, não tive coragem de contar, Alan, mas eu já tinha visto seu rosto, sim.

– Onde?

– Entre as chamas. Desde que eu era menina, toda vez que estava diante de uma fogueira grande, com labaredas altas, eu via sua face. Não exatamente igual, mas de um homem mais moreno. Quando a gente se encontrou em Holambra, na rua, a primeira vez... eu senti que você e ele eram a mesma pessoa. Fugi por impulso, porque sempre tive medo do seu rosto.

– Como eu sabia que você era você – falei.

Quase ri de mim mesmo. A frase parecia desconexa. Sem sentido.

Mas ela entendeu.

– Também já tinha me visto? – indagou.

– Eu a vejo em meus sonhos, Anna – confessei.

Nos olhamos profundamente.

– E nesses sonhos eu prometo amar você para sempre – completei.

Anna fechou o rosto. Naquele momento, senti que meus sonhos de um futuro a seu lado eram pura ilusão. Uma onda de medo cresceu em meu peito. E se eu contasse tudo para ela?

– Eu sinto que você pode me fazer mal, muito mal – afirmou ela mais uma vez.

– Anna, nós nos conhecemos em outra vida – disparei.

Meu coração batia ansioso. Será que ela acreditaria em mim? Por um momento, tentei ser racional. Que razão eu teria para mentir, principalmente depois de tê-la ajudado a voltar para a fazenda? Para King e Gina? Para o trapézio?

A reação dela foi de surpresa:

– Outra vida?

– Acha que é loucura? – indaguei.

– Só penso que é... surpreendente você me falar desse assunto. O que acha que aconteceu entre nós em outra vida?

– Ainda não sei de tudo. Mas vou descobrir – prometi.

– Seja o que for, Alan, a vida que temos é esta, agora. E nesta vida eu tenho muito medo de você!

Sem dizer mais uma palavra, ela voltou para o galpão. Naquele momento, era a mesma Anna que eu encontrara pela primeira vez em Holambra. Até a rapidez com que se afastou de mim era igual.

Permaneci ali, arrasado. Sozinho com as estrelas.

— *Oferecer o coração de cristal* à sua mãe teve um sentido simbólico. Bastou esse gesto para vocês reconstruírem sua relação afetiva. Você ofereceu seu amor. E ela aceitou. Sem necessidade de palavras. Sua mãe não partiu desta vida vendo você como inimigo. Não mais. Nem você a deixou ir embora sem dizer que gostava dela profundamente. Conseguiram superar a dor e o ódio herdados de suas vidas passadas – disse o Dr. Libeskind.

– E quanto a Anna? O senhor acha que vou conseguir superar a barreira entre nós? – perguntei.

– O que você chama de barreira?

– Eu e Anna nos encontramos novamente – expliquei. – Sinto que ela está mais próxima de mim. Mas ainda se protege por trás de um escudo emocional. Minha sensação é de que será difícil resolver nossa situação com palavras. Mesmo porque Anna não é racional, lógica. Age de acordo com as emoções, com as intuições.

– Acha que, se descobrir um objeto simbólico para lhe oferecer, Anna mudará em relação a você? Como sua mãe com o coração de cristal? – perguntou ele.

– Exatamente.

O doutor sorriu, compreensivo.

– Alan, não há fórmulas para lidar com os sentimentos. Amar não é como matemática, onde dois mais dois são quatro. Com sua mãe você construiu a ponte com um objeto simbólico, com Anna será diferente.

Olhei para o Dr. Libeskind sem saber o que dizer.

– Você descobriu um caminho para chegar à sua mãe, e foi muito bom. Com Anna, talvez não seja a mesma coisa. Cada ser humano é único.

Permaneci em silêncio, absorvendo suas palavras.

Eu tinha acordado de madrugada. Fora para o consultório direto da fazenda. Na noite anterior, ligara para o celular do Dr. Libeskind e pedira uma consulta de urgência. Apesar de estar com a agenda cheia, ele concordou em me receber bem cedo, antes do horário habitual em que começava a atender os pacientes.

– Doutor, só vou saber como agir em relação a Anna quando descobrir tudo o que aconteceu.

Ele concordou.

Deitei no divã. E ele me hipnotizou.

Mais uma vez, voltei no tempo, séculos atrás.



Disfarçado sob o capuz do hábito religioso, eu dirigia uma carroça. Dois monges me acompanhavam, a cavalo. Como combinado, outra carroça se aproximou, conduzida por um rapaz de cabelos claros. Junto a ele, a moça. Samya.

Ao me ver, ela saltou rapidamente.

– Amarantha! Ela está aí? Amarantha, fale comigo.

Também desci.

– Não, ela não está.

Samya parou, admirada.

– Mas... e sua palavra? Prometeu trazê-la.

Respirei fundo. Só me restava dizer a verdade.

– Ela morreu – informei.

Samya tremeu. Ainda perguntou, com a voz dolorida, como se quisesse ter certeza:

– Morreu?

– Assim que nos falamos, fui até onde ela estava. Mas era tarde. Sinto muito.

– Mentira. Sente coisa nenhuma! – gritou ela.

– Ouça, eu nem deveria ter vindo. Mas quis dar a notícia pessoalmente. E me arrisquei para vir até aqui.

– Mentira! – acusou Samya.

– Eu ia cumprir minha promessa. Acredite – pedi.

Ela chorava.

Estendi meus braços, num gesto que, como religioso, era proibido de fazer. Samya aceitou meu abraço sem pensar. Chorou com a cabeça apoiada em meu peito.

– Acredite em mim – tornei a dizer.

Então eu a abracei ainda mais fortemente. Os monges que estavam comigo viam tudo. Mas já não me importava. Sentia que éramos somente eu e ela, no mundo inteiro. Movido por um sentimento que desconhecia, eu a beijei nos lábios.

Durante o beijo, me senti envolvido pelo universo.

Apenas por um breve instante, ela correspondeu. Senti sua boca úmida, o corpo colado ao meu. Mas em seguida se afastou, furiosa.

– Agora sei o que quer – disparou ela. – Nunca pensou em cumprir a promessa.

Caminhou em direção à carroça que a levava até ali. Percebi que ia partir, que dali em diante ficaria longe de mim. Fui atrás dela. Propus o que um religioso jamais pode dizer a uma mulher:

– Abandono tudo, se quiser. Esqueço meu dever para com a rainha. Esqueço meu sangue, minha linhagem. Deixo a Igreja. Vou viver com seu povo. Em pecado mortal.

Ela me encarou, surpresa. O rapaz na carroça a chamou com um gesto:

– Vamos embora, Samya.

– Ainda não – respondeu ela, firme. Em seguida, me atacou com palavras duras: – Você matou a melhor mulher deste mundo. Ela cuidou de mim quando eu era pequena, como se fosse minha mãe de sangue. Morreu nas suas mãos, e eu nunca vou me esquecer disso.

– Não! Não! Nas minhas mãos, nunca! – gritei, tentando me defender.

– Se foi pelas suas próprias mãos ou pela de seus inquisidores, para mim é a mesma coisa. Você é o inquisidor-mor. Todos sabem que os acusados são torturados para confessar. Se falam, é por não suportarem mais a dor.

– Não! O demônio as instrui a mentir – rebati. – O demônio as instrui. A dor obriga a verdade a se impor.

– Tem coragem de falar de amor? Você acha que eu seria capaz de aceitar um homem que tortura e mata em nome de Deus? – acusou Samya.

– Você está ofendendo o Altíssimo – rebati.

– O Deus em que acredito cai com a chuva. Ilumina com o sol. Está presente no vento. Faz a terra germinar.

Naquele instante, acreditei em seu Deus, tão mais suave que o meu.

– Se eu abandonar meu Deus pelo seu, você me aceita como homem? – perguntei.

Ela me encarou, surpresa.

– Só sei que quero ficar perto de você – continuei. – Para sempre.

Tentei abraçá-la novamente. Ela me empurrou.

– Fique comigo! – implorei.

Tentei puxá-la.

Ela aproximou a mão da boleia da carroça. Pegou um chicote.

– Saia daqui! – gritou.

E me golpeou no rosto.

Caí no chão. Os monges, que estavam um pouco distantes, correram para me acudir. Não fizeram comentários sobre o beijo. Pelo contrário, estavam preocupados comigo.

Ouvi a carroça dela se afastar.

– Senhor, vamos atrás dessa mulher que o atacou – disse um deles.

Não respondi. Só fiz um sinal para ficarem onde estavam. Eu chorava com o rosto seco, sem lágrimas.

“Isso não vai ficar assim”, decidi. “Vou me vingar.”



A rainha Agostina me recebeu, impaciente.

– A velha bruxa morreu?

– Sem confessar – respondi.

– Decerto exageraram nas torturas – comentou ela, tamborilando os dedos.

– Só o habitual, alteza – falei, defendendo-me.

– O povo espera por uma bruxa, senhor inquisidor – frisou a rainha.

– Talvez a seca não esteja sendo provocada por bruxaria, mas pela vontade do Senhor – murmurei.

– Por que Deus seria tão cruel conosco se não fosse por causa das bruxas que desafiam Sua lei? Já arrancamos esta terra das mãos dos árabes em nome da verdadeira fé.

– Os desígnios de Deus são insondáveis – argumentei.

– Eu insisto, senhor inquisidor. Precisamos de uma bruxa – decretou a rainha.

Ela se aproximou de uma janela estreita em seu castelo de pedra. Contemplou o amontoado de residências miseráveis junto aos muros.

– O povo está exaltado. Quando queimarmos uma bruxa, se acalmará. Verá que cuidamos dele – disse ela, e depois fixou os olhos em mim. – Temos que encontrar outra bruxa.

Quando eu ia responder, ela tocou minha mão suavemente.

– Sou uma mulher viúva. Nós podemos ser bons amigos, senhor inquisidor. É um homem jovem. Nunca acreditei que o hábito de monge eliminasse seu desejo.

Permaneci imóvel.

– Meu filho é uma criança. – continuou a rainha – Reino em seu nome, não posso me casar novamente. Nem quero. Seria o mesmo que entregar a coroa de meu filho a outro rei. Mas eu e o senhor, juntos, podemos governar este reino. Preciso de um homem que me aconselhe.

Começou a sorrir, o que era raro.

– E preciso de alguém que me aqueça na ausência do rei.

Retirei a mão.

– É pecado – falei.

– Essa marca de chicote em seu rosto não é também indício de um pecado?
– disse ela em tom de acusação.

– Foi um acidente, majestade – respondi, simplesmente.

Saí com passadas firmes.

A rainha me convidara para um futuro de glórias. E me oferecera seu corpo. Mas à noite, em minha cela, não era nela que eu pensava. Fechava os olhos e via a moça de olhos verdes. Queria vê-la. “Estava disposto a largar tudo”, dizia a mim mesmo, “mas ela não me quis!” Sentia ódio.

Ajoelhei-me. Rezei.

– Senhor, quero me libertar desse sentimento.

Palavras ocas. Meu coração gritava por ela.

Mas, à medida que a noite passava, tomei consciência. Eu estava seduzido pelo demônio. Aquela moça fora o instrumento diabólico para me afastar da Fé. Para que eu desejasse romper com meus votos. Abandonar minha rainha. Minha linhagem. Meu dever. Seu nome era Tentação.

Era ela a bruxa.



A gruta estava bem perto. Os soldados que me acompanhavam seguiam em silêncio, para não alertar os ciganos. Ouvimos um burburinho, como se muita gente falasse ao mesmo tempo. De perto, percebemos que havia um casal. Era uma cerimônia de casamento. De Samya com o rapaz de cabelos claros.

Diante de nossa chegada, todos silenciaram. Não houve tempo para fuga.

Os soldados da rainha jogaram os cavalos em cima dos ciganos. Aos gritos, eles tentavam salvar bebês, crianças, mulheres. Uma menina foi pisoteada pelos cascos. Não me importei.

O rapaz puxava Samya pela mão. Corriam.

Apontei na direção deles:

– Para lá.

Esporeei meu cavalo.

Seguido por alguns soldados, eu mesmo a persegui. Por pouco não se salvou. Só a capturei no limiar da floresta. Entre as árvores, seria mais difícil caçá-la.

Ergui a cruz.

– Está presa, bruxa.

Ela cuspiu, mas não conseguiu atingir meu rosto. Senti desprezo em seu olhar. Ali, subjugada, cercada, ainda mantinha o ar altivo, de quem nada teme. De quem está pronta para enfrentar tudo e todos.



Presidi a primeira seção de tortura.

– Tirem a roupa dessa mulher!

Ela gritou quando os monges rasgaram seus trajes de casamento.

Iniciamos com o ferro em brasa. Ergui a primeira barra, ainda vermelha pelo fogo.

– Confessa que está a serviço do demônio?

Samya me encarou firmemente. Manteve-se em silêncio.

O ferro em brasa foi cravado em seu braço.

Samya urrou.

Eu a machuquei novamente. E de novo, e de novo.

Mesmo assim, ela não confessou.

Seu olhar doía em mim.

Mandei prendê-la no calabouço.

Os outros inquisidores estranharam. Nunca uma sessão de tortura fora tão curta. Mas ninguém me desobedecia. Samya foi vestida com a bata de tecido grosseiro, disforme, malfeita, destinada às feiticeiras. Jogada num buraco no chão, coberto por uma grade.

Voltei para meus aposentos.

Sofria.

Lembrei-me das palavras de Nosso Salvador: “Ama o próximo como a ti mesmo.”

Envolvido com a perseguição a bruxas e demônios, nunca me fixara nessas palavras. Pela primeira vez fui acometido por uma dúvida atroz sobre meu entendimento da vida religiosa.

Uma verdade caiu sobre mim como um raio. Aquela moça não era bruxa. Eu sabia. Tudo o que eu havia feito fora motivado pelo ódio. Pela raiva da chicotada. Principalmente, porque ela não me quis. Agora, estava arrependido.

“Devo salvá-la.”

As principais construções do reino eram ligadas por pátios e túneis. Tanto o castelo da rainha como aquela em que eu morava. Também a igreja e o prédio da Inquisição. Tal arquitetura era fruto dos tempos de resistência aos árabes, da guerra que durara tanto, em que um túnel era uma rota de fuga. Ainda era madrugada. Desci as escadarias. Atravessei o caminho subterrâneo que levava à prisão.

O carcereiro me recebeu respeitosamente.

– Eminência.

Pedi-lhe que abrisse a cela onde a bruxa fora colocada. Sem fazer perguntas, ele obedeceu. E a retirou de lá, como eu mandara.

Fraca. Machucada.

Ao me ver, sua expressão foi de horror. Ela começou a tremer. Afastou o corpo como quem quer fugir. O carcereiro a manteve sob controle.

– Solte-a – ordenei. – Nos leve a uma sala vazia.

O homem estranhou, mas obedeceu. Ela foi obrigada a nos acompanhar, apavorada, nos olhos a expressão de um animal que foi capturado.

O carcereiro nos ofereceu o melhor que havia: um aposento usado para os guardas dormirem. Nessa noite, estava vazio, talvez porque todos estivessem vigiando as portas do castelo e da prisão, para impedir um eventual ataque dos ciganos. No chão, havia palha, que fazia as vezes de colchão. Uma mesa, duas cadeiras, um jarro de água. Fechei a porta. Ficamos sozinhos.

Eu lhe ofereci água. Ela bebeu vários copos. Um seguido do outro. Então, eu falei:

– Vim salvá-la.

– Salvar-me? Você mesmo me prendeu! Me torturou! – surpreendeu-se.

– Errei – admiti.

– Sabe que não sou uma bruxa – afirmou Samya.

Mesmo presa, ferida, em situação lastimável, continuava orgulhosa:

– Sempre soube – confessei. – Peço perdão.

Ela ainda não acreditava em mim.

– Amanhã vai me torturar de novo? – perguntou, desconfiada. – Me condenar?

– Pelo contrário, vou salvá-la, já disse.

Ela me olhou, incrédula.

– Também prometeu salvar Amarantha.

– Ela morreu antes que eu pudesse cumprir minha palavra – afirmei mais uma vez. Foi difícil encontrar as palavras certas, mas prossegui: – Entenda, eu nunca senti o que está aqui, no meu coração. Quero voltar atrás. Libertá-la. Se permitir, quero ir embora. Ao seu lado.

– E se eu não quiser? – indagou.

Reuni o máximo de generosidade de que me sentia capaz.

– Fico aqui, sozinho.

Samya ficou pensativa. Sua expressão tornou-se mais delicada.

– Eu estava me casando com aquele rapaz, o Jorsca, quando você me prendeu – disse ela.

– Eu sei – respondi, sentindo o coração dilacerado.

– É um casamento arranjado desde que éramos crianças. Foi Amarantha quem arranjou. Quando Jorsca soube da morte dela, decidiu que deveríamos nos casar imediatamente. Meu sentimento por ele é de irmã. Por você, não.

– Não entendi o que quis dizer.

Quando vi a expressão dela, meus olhos se arregalaram, surpresos.

– Ou entendi...? – gaguejei.

– Você chegou com a tempestade nos olhos. Eu me assustei. Como alguém se assusta diante de uma onda mais forte no mar. Também duvidei quando disse que me amava. Você não faz parte do meu povo. É um inimigo.

Continuei calado. Ela se aproximou. Movimentos lentos, devido à dor causada pela tortura.

– Desde aquela noite, sinto a mesma tempestade dentro de mim. Você me machucou, me torturou, mas mesmo assim... mesmo assim eu entendo quando diz que é capaz de largar tudo para ir embora comigo. Eu também deixaria tudo... por você.

Meu coração saltou no peito.

– Quando amanhecer, vamos embora, nós dois – prometi.

– Por que não agora, para aproveitar a escuridão da noite?

– Porque o carcereiro acabaria suspeitando. Amanhã bem cedo eu a tiro daqui. Assumo a responsabilidade. Digo que a levarei à sala de tortura. Este castelo tem túneis que conheço bem. Antes de partirmos, passo em meus aposentos para pegar o que possuo em ouro. Em pedras preciosas. Vamos para longe, onde ninguém saberá quem somos.

Nossos corpos estavam muito próximos um do outro.

Eu a beijei.

Atirei meu manto sobre a palha.

E nos deitamos, nossos corpos juntos como um homem e uma mulher.



Ao amanhecer, examinei o corredor.

Vazio. O carcereiro com certeza dormia em algum lugar. Samya vestiu a bata. Fiz sinal para partirmos.

Caminhamos lentamente até a entrada do túnel que levava às minhas acomodações. Estava escuro. Samya apertou minha mão.

– Ninguém costuma passar por aqui – falei, para acalmá-la. – Desça a escadaria e me espere. Vou pegar tudo o que tenho de valor. Volto depressa.

Subitamente, várias mãos me agarraram. Minha boca foi tapada. Samya gritou. Nesse instante, recebi uma pancada na cabeça. O mundo desapareceu.

Acordei nos aposentos da rainha. O barbeiro-cirurgião aplicava uma compressa em minha cabeça. Sua Majestade fez um gesto. Ele saiu.

– O carcereiro percebeu que o senhor se comportava de modo suspeito. Avisou o capitão da guarda na primeira hora da manhã. Acertou em sua

desconfiança. Ia ajudar a bruxa a fugir! – gritou a rainha, em tom acusatório.

– Ela não é uma bruxa – afirmei.

A rainha me encarou, furiosa.

– Só uma bruxa consegue enfeitiçar um homem da Igreja – falou.

Eu tentava encontrar argumentos para me defender e salvar Samya, mas não conseguia pensar em nada. A rainha continuou:

– O senhor não me quis como eu desejava. Eu respeitei. Acreditei que fosse uma questão de fé – disse ela, a voz tremendo de raiva. – Agora sei que aquela moça tem parte com o demônio. Ela o tentou. O senhor, por cometer tal pecado, poderia ser queimado vivo.

A rainha queria se vingar de minha rejeição.

– Mas o senhor prestou bons serviços à corte – falou. – Ainda me prestará muitos outros. Resolvi não denunciá-lo.

Quando eu ia começar a falar, ela me impediu com um sinal.

– A bruxa será queimada, é claro – continuou.

– Senhora, ela não confessou – informei.

– Quer melhor prova de trato com o demônio do que seduzir um religioso?

– insistiu a rainha, mais uma vez com a voz cheia de ódio.



Ainda consegui vê-la uma vez mais. Alguns amigos conseguiram me levar até a cela onde Samya aguardava a execução. Fora submetida a torturas horríveis.

Impossível falar o que havia para ser dito.

Antes que eu abrisse a boca, Samya me acusou:

– Foi uma armadilha. Você mentiu. Queria apenas passar a noite comigo.

– Não, por favor, acredite em mim – implorei.

Dois monges vieram buscá-la para uma nova sessão de tortura. Eu queria explicar o que havia acontecido. Mas não houve tempo. Enquanto era arrastada para fora, ela falou, com ódio:

– Eu o amaldiçoo. Nunca será feliz. Nem nesta nem em outra vida!



Os acontecimentos seguintes foram idênticos aos do sonho. Eu vi quando Samya foi levada à fogueira. Quando as chamas lamberam seus cabelos. Quis me levantar, fazer uma loucura. Tentar resgatá-la. Mas a mão do capitão da guarda em meu ombro impediu que eu agisse. Agora eu entendia o sorriso de vitória da rainha Agostina, que via em todos os meus sonhos. Não queimava a bruxa, mas a rival.

Mais uma vez, repeti minha promessa:

– Eu te amarei para sempre!

Ao despertar da sessão de hipnose, tinha a impressão de ter passado um longo tempo no divã. O Dr. Libeskind explicou:

– Quando estamos adormecidos ou em estado hipnótico, a sensação de passagem do tempo é completamente diferente da que temos quando estamos despertos. Tudo o que você viu pode ter durado meses na vida de séculos atrás. Mas, em estado hipnótico, uma sessão foi suficiente para você reviver essa história.

Agora eu entendia as conexões entre presente e passado. Compreendia o medo que Anna sentia de mim. Por que achava que eu poderia fazer mal a ela.

– O rapaz com quem ela ia se casar voltou como seu irmão – falei.

– Pelo que você contou do sonho, ela disse que tinha um amor fraternal por ele. Esse sentimento só se intensificou ao renascerem.

– E a rainha? Sinto que também tem uma conexão com minha vida atual.

– Na hora certa você vai descobrir. Já possuí todos os dados, Alan. Agora, precisa de algum tempo para entender tudo o que lembrou.

Refleti, desanimado:

– Ela morreu pensando que a enganei. Que a enviei para a fogueira. Não há como desfazer esse sentimento.

– A vida é mutável. Sempre podemos fazer dela algo melhor – aconselhou o doutor. – Quando menos esperamos, as soluções se apresentam. Se ela o amou antes, por que esse sentimento não pode reviver?

Era minha esperança.

– Agora você deve meditar sobre tudo o que descobriu – comentou o Dr. Libeskind. – É melhor não marcarmos outra sessão por enquanto. Você precisa absorver suas vivências.

Agradei a ele, que me acompanhou até a porta do consultório. Depois de um aceno, caminhei até meu carro, que tinha estacionado mais para baixo na rua. As flores nos quintais das casas, os gramados, os vasos nas janelas fizeram com que eu me lembrasse de Holambra. Da primeira vez que estive lá. Do encontro com Anna. E de como minha vida mudara tanto em tão pouco tempo.

Tantos acontecimentos. Dolorosos. Grandiosos. Incompreensíveis. Tantas descobertas!

Enquanto dirigia para casa, tive certeza de que até aquele momento eu apenas levava a vida. Não vivera. Quantos amigos de verdade eu tinha? Com quem eu podia contar para me fazer companhia em um passeio simples, sem glamour? Apenas pelo prazer de estar ao meu lado? Sim, a maioria das pessoas se aproximava do Dr. Perez, o famoso advogado. E o Alan? Quem de fato se preocupava com o Alan? Tobias e Helena?

Era hora de tomar o leme da minha vida. Viver de verdade. Todos os sentimentos que eu havia descoberto. Me atirar de cabeça neles!

Como eu já havia informado a meus sócios que tiraria alguns dias para descansar, não precisaria me preocupar com o escritório. Minha mente estava um caos. Era hora de cuidar de mim. De fazer aquilo que eu realmente queria.

Quando cheguei à porta do meu prédio, já sabia qual a primeira coisa a fazer: tomar um banho longo, relaxante. Em seguida, fazer uma omelete.

Saí do elevador arrastando a mala e carregando a pasta. Comecei a procurar as chaves. Mas não precisei usá-las. A porta estava apenas encostada.

“Será que a empregada esqueceu de bater a porta quando saiu?”, pensei.

Quando entrei no apartamento, levei um susto. Parecia que um furacão havia passado por ali.

Estava tudo destruído.

Objetos quebrados. Telas cortadas de alto a baixo.

No quarto era pior.

Minhas roupas em tiras. Meus ternos, camisas e gravatas todos cortados. Meticulosamente. Só havia uma possibilidade.

Érica!

Só ela, além de mim e da empregada, tinha a chave do apartamento. Era óbvio que a destruição fora obra dela. Chocado, tentei coordenar as ideias. Já sabia das suas crises, de quando era modelo.

Andei de um lado para outro. Nem na cozinha sobrara alguma coisa inteira.

Concluí que tinha sido um novo surto.

Enquanto avaliava os estragos, porém, tinha consciência de que minha atitude causara a crise. “Parte da culpa é minha. Eu já deveria ter conversado com ela e terminado tudo entre nós”, pensei.

Envolvido com a morte de minha mãe e com meus sentimentos por Anna, meu comportamento estava muito longe de ser exemplar. Eu havia desaparecido da vida de Érica. Ela tentara se comunicar comigo. Nas poucas vezes em que conversamos, evitei falar sobre o que estava acontecendo realmente. Adiei o momento de ficarmos frente a frente. De confessar que estava apaixonado por outra.

Por alguma razão, naquele momento tive certeza de que Érica estava conectada com minha vida de séculos atrás. Só não conseguia ainda identificar em que papel. Se eu tivesse parado para pensar, teria sido óbvio. No mínimo, evitaria tudo o que aconteceu depois.

Mas, diante do meu apartamento arrasado, fiquei muito nervoso. Decidi falar com Érica imediatamente. Pôr um ponto final em nossa história. Também queria castigá-la pelo prejuízo que havia me causado.

Liguei para Mírian:

– Aconteceu um problema sério em meu apartamento. Érica entrou aqui e destruiu tudo. Quero que você cancele o cartão de crédito dela.

Era o mínimo que eu podia fazer, depois do ato de insanidade que ela havia cometido. Minha secretária ficou alguns segundos em silêncio. Quando finalmente falou, sua voz estava um pouco mais alterada que de costume.

– Dr. Perez, eu ia mesmo ligar para o senhor. O gerente do banco telefonou agora há pouco. Como sou sempre eu quem cuida da sua conta bancária, ele me avisou que a dona Érica efetuou uma retirada em dinheiro bem alta, usando o cartão. Como não costuma fazer isso, ele achou estranho e me ligou para informar.

Gotas de suor começaram a escorrer pela minha testa. Eu tremia. Érica realmente passara dos limites. Dos seus amplos limites.

Como o limite de retirada em dinheiro era bastante alto, Érica sacou uma pequena fortuna. Podia até vê-la entrando no banco, sorrindo, cumprimentando a todos, como se fosse a “Sra. Perez”. Que raiva.

Senti ódio dela. De mim. De minha covardia. Se eu tivesse falado com ela, rompido de maneira decente, nada disso teria acontecido.

Dei algumas orientações à minha secretária e fui para o flat de Érica. Abri a porta com a minha chave. Queria que ela também fosse surpreendida pela minha presença. Pegá-la de surpresa.

Levei um susto.

Érica estava pálida. Desarrumada. Logo ela, sempre tão vaidosa!

Pior. O chão da sala estava coberto de cabelos. Havia uma tesoura jogada sobre a mesa. Seu penteado se transformara num conjunto de chumaços assimétricos. Nem me deixou abrir a boca. Foi logo destilando sua raiva.

– Agora você aparece! Acha que sou idiota? – gritou ela.

– E você? Destruíu meu apartamento! – berrei em resposta.

Érica parecia nem ouvir.

– Acha que não tenho nenhum valor? – disse ela. – Que pode me jogar fora?

– Érica, você sabe que minha mãe faleceu. Não tem nenhuma solidariedade? Não entende que estou passando por um momento difícil? – Não consegui controlar o tom de voz. – Eu não queria falar com ninguém! Queria cuidar de mim, dos meus sentimentos!

– Egoísta! Você é um grande egoísta, isso sim! Além do mais, depois da morte da sua mãe você foi se enfiar naquela fazenda. Mal me ligou. – Ela se levantou e caminhou em minha direção. – Se pensa que sou apenas um

enfeite em sua vida, está enganado, Alan – continuou. – Não vai me deixar sem mais nem menos. Não sou descartável.

– Érica, já faz algum tempo que quero conversar com você.

– Você não me respeita, Alan – disparou ela, ignorando o que eu dissera.

– Eu ia me encontrar com você, lembra? – falei, tentando me acalmar. Precisava manter o controle da situação. – Chegamos a marcar um jantar. Mas naquela noite minha irmã ligou e eu tive que viajar.

Ela fez que sim com a cabeça. Continuei a explicação, falando como se ela fosse uma criança:

– Nesse jantar que não aconteceu, eu queria ter uma conversa franca com você. Olhos nos olhos. Eu tinha percebido que não dava mais para a gente continuar juntos.

Ela me encarou. Um ódio profundo.

– Sei que liguei poucas vezes, menos do que devia – prossegui. – Não sei mentir, Érica. Por isso mesmo não fiquei ligando. Não queria terminar com você pelo telefone. Achei que precisávamos conversar pessoalmente. Nos explicarmos. Me explicar. Queria que você me ouvisse.

Os olhos dela me fuzilavam. Os lábios estavam contraídos. Pareciam uma linha, apenas.

– Mas o que você fez? – falei. – Destruí meu apartamento. Acabou com o limite de saque do cartão de crédito. Acha isso justo?

Em vez de responder à minha pergunta, ela preferiu me acusar:

– Você tem outra, não é?

– Érica, isso não vem ao caso.

– Vem ao caso, sim! Você arrumou outra. Está me jogando fora. Como se eu fosse lixo.

– Érica, pense no que você fez! Ao longo de todo o nosso relacionamento, você nunca quis conversar. Nunca quis saber dos meus sentimentos. E ainda diz que eu sou o egoísta?

– Pelo visto, você não sabe do que uma mulher traída é capaz, Alan!

Ao dizer isso, ela começou a atirar os objetos que estavam sobre o aparador. Jogou cartas e convites para o alto. Deu uma gargalhada

estridente. Estava fora de si.

– Érica, assim você torna as coisas mais complicadas ainda – falei.

– Complicadas? Eu? Ora, Dr. Alan Perez, o senhor pensa que pode me abandonar assim, sem mais nem menos?

– Vamos dar um tempo, Érica. Um tempo para nós dois.

– Um tempo? – Com o dedo apontado ela gritou: – Um tempo para você sair com outra? – Continuou, exaltada: – Quem é ela? Só pode ser alguém naquela porcaria de cidade em que o Tobias se meteu. É por isso que você não sai de lá agora.

– Isso não vem ao caso – respondi.

– Uma mulherzinha qualquer! Só pode ser! – acusou ela.

Diante da explosão de Érica, resolvi falar a verdade. Era melhor acabar com a situação de uma vez por todas:

– Eu me apaixonei por outra pessoa, sim. Ela mora em Holambra, como você deduziu. O nome dela é Anna.

– Anna... Uma vez você gritou esse nome quando estava dormindo. Dormiu comigo e sonhou com ela? – A expressão de Érica era de transtorno. – Ela é boa de cama, é? Diga, Alan, ela é melhor que eu?

– Érica! Acho melhor você se controlar! Vamos nos respeitar como sempre nos respeitamos! Sem baixar o nível! – respondi, alterado. – A minha relação com Anna é especial. Você não iria entender.

Ela deu um grito. Na verdade, foi mais que um grito. Um uivo.

Érica pegou a tesoura que estava jogada sobre a mesa. Atirou-se sobre mim. Desviei. Totalmente descontrolada, ela pulou outra vez na minha direção. Agora eu estava prevenido. Segurei-a pelo pulso.

Ela não era forte. Estava, sim, possuída por uma raiva selvagem. Torci seu braço. A tesoura caiu no chão. Ela desabou em lágrimas.

– Você perdeu os limites, Érica – falei. – Quando estiver mais calma, continuamos a conversa. Do jeito que você está, não consegue nem me ouvir!

Joguei minha chave sobre o aparador. Bati a porta. Saí. Parecia que carregava uma tonelada sobre os ombros. Eu me sentia culpado por deixá-la

ali, prostrada. Temia pelo que poderia fazer. Pela primeira vez, me dei conta de que ela realmente podia sofrer de um sério desequilíbrio mental.

“Ainda não colocamos um ponto final em nossa história”, pensei. “Quando ela estiver melhor, conversaremos. Ela vai entender.”

Pelo menos era o que eu esperava.

Deixei o flat. Segui minha intuição. Partii para a fazenda. Passei em casa apenas para trocar as roupas sujas da minha mala por peças limpas. Não havia sobrado mais nada que eu pudesse usar.

Quando abri a porta, pude ver o pânico nos olhos da minha empregada, que havia chegado nesse meio-tempo. Expliquei rapidamente o que havia acontecido. Pedi que providenciasse a troca das fechaduras e que organizasse o apartamento na medida do possível.

“Eu poderia ter evitado tudo isso se tivesse falado com ela antes”, pensei, culpado. Olhei a sala mais uma vez. Cacos para todos os lados. Minha caixa de charutos! Todos espalhados sobre o tapete. A caixa, destruída.

Sacudi a cabeça de um lado para o outro. Deixaria para pensar em tudo isso quando voltasse da fazenda.



A estrada estava livre. O tempo, bom. Eu tinha pressa. Queria falar com Anna. Mais do que isso. Precisava. Depois de todas as descobertas durante a regressão, chegara a hora de dividir com ela tudo o que havíamos vivido em nossa vida passada.

Quando cheguei à fazenda, cumprimentei Helena e Tobias e brinquei com Alice. Mas meu pensamento estava em Anna.

Fui até o barracão. Depois de cumprimentá-la, propus:

– Anna, podemos conversar? É muito importante.

Ela concordou. Caminhamos até a beira do riacho e nos sentamos à margem. – O que você tem para me dizer, Alan? – perguntou.

Em seus olhos, uma expressão de curiosidade. Meu coração flutuou. Eu amava aquela mulher! Sempre havia amado!

– Agora eu sei de tudo o que aconteceu. E preciso lhe dizer – falei.

Ela apenas me olhou, esperando que eu falasse. Resolvi abrir meu coração. Falar tudo sobre minhas sessões de regressão e o retorno à vida de séculos atrás.

“Ela pode acreditar ou não. Mas é a única chance de derrubar a barreira que há entre nós”, ponderei.

Também sentia uma urgência inexplicável de chegar até Anna. De protegê-la. Do quê, não tinha a menor ideia.

– Você acredita em vidas passadas, Anna?

– Nunca pensei muito a respeito. Apesar de achar que cada um de nós tem uma missão. – Pegou a ponta do cabelo e começou a enrolá-la nos dedos. – Mas tio Ciccillo acreditava que há um lugar reservado para nós depois da morte. E que já viemos de outra vida...

– Tenho certeza que todos nós já vivemos outras vidas. E que as almas escolhem se reencontrar em uma nova existência, para resgatar uma relação de amor. Evoluir juntas.

– O que está querendo dizer, Alan?

– Da outra vez que nos encontramos tentei falar sobre isso, mas não soube como explicar, Anna. Fiquei com medo que me achasse maluco. Eu a reconheci quando nos encontramos pela primeira vez, Anna, na rua. Eu a via em um sonho, um sonho que voltava todas as noites.

– Um sonho?

– Hoje sei que você não é idêntica à garota dos meus sonhos. Seus traços são diferentes, embora os olhos sejam iguais. Mas no primeiro encontro meu coração reconheceu o seu. Por isso tive certeza de que você... era você.

Anna me olhou, atenta. Era um incentivo para continuar.

Contei tudo. Descrevi os sonhos. As sessões de regressão. As descobertas.

– Em outra vida, você morreu pensando que a mandei para a fogueira. Que a traí. Por isso sente horror de mim.

Anna permaneceu em silêncio.

– Mas agora sei a verdade – continuei. – E você também. Quando você, quer dizer, a mulher que você era, foi queimada como bruxa, eu a amava.

Prometi que nunca amaria outra mulher. Para sempre. Esse amor continuou de uma vida para a outra. Até agora nunca amei ninguém. Mas, quando a encontrei, minha alma cantou junto com a sua.

Anna estava de cabeça baixa. Pensativa. Parecia longe, muito longe dali. Por um instante julguei que ela não tivesse me ouvido.

– Você não vai dizer nada? – perguntei.

– Alan... o que você me contou é lindo. E não vou negar, mexeu comigo. Foi como se... tocasse em algo muito íntimo, um sentimento perdido que eu nunca soube reconhecer. Eu sempre tive medo do fogo, como disse. E sempre tive atração pelo povo cigano. Nós, do circo, somos, de certa forma, ciganos. Quando eu o vi na cidade, senti um horror tão grande que não soube explicar. – Ela ergueu os olhos para mim e disse: – Mas também... uma certa atração. Eram dois sentimentos opostos. Mas o horror era maior. Por isso, quando a recepcionista do museu me entregou seu cartão, eu o joguei fora sem nem olhar. Senti medo de reencontrá-lo.

– Em um dos meus sonhos, você disse que eu era como uma tempestade – falei.

– Eu também nunca amei ninguém, Alan. É curioso pensar que o Thiago, meu irmão, quase casou comigo em outra vida. Nós nos amamos muito, realmente. Mas é um amor de irmãos. Faz sentido.

– Anna, nós temos alguma chance? – perguntei, como um adolescente que encontra seu primeiro amor.

Ela agitou o pé na água. Depois, calçou a sandália e se levantou. Quase triste.

– Eu queria dizer que sim. Mas não posso – respondeu ela.

– Por quê, se está tudo esclarecido?

– Palavras não criam um sentimento.

Eu havia me levantado. Estávamos perto um do outro, mas suas palavras nos fizeram ficar distantes.

– Desculpe, mas ainda sinto medo de você – disse ela. – Se tudo o que contou aconteceu na outra vida, como você acredita, é uma explicação para esse medo. Mas não resolve.

– O que posso fazer, Anna?

– Se eu soubesse, Alan, seria tudo tão simples! Sempre achei que nunca vou me casar. Que vou viver e morrer solitária, sem um amor, a não ser o do meu irmão, o dos amigos. Amar um homem, nunca acreditei que fosse acontecer, porque eu sinto uma desconfiança do amor. Pode ser que a explicação esteja mesmo em outra vida. Mas ela, sozinha, não muda minhas emoções. Continuo sentindo que você pode me fazer mal.

Anna afastou-se. Ouvi um barulhinho, num grupo de árvores mais próximas. Como se alguém houvesse pisado num graveto no chão. Olhei. Achei ter visto um vulto, mas foi apenas uma rápida impressão. “Está ventando. Deve ter sido o movimento de um galho”, imaginei.

Eu estava sozinho. Mais sozinho do que nunca.

Perdera Anna.



– Você vai dormir aqui hoje – decretou Helena. – Está muito cansado. Pode voltar a São Paulo amanhã.

– Preciso retomar o escritório, deixei-o muito abandonado – respondi.

Na verdade, queria ficar longe de Anna. Seria muito difícil permanecer ali, próximo a ela.

– Você precisa descansar – insistiu Tobias. – Não vou deixá-lo pegar a estrada agora. A Helena fez um jantar delicioso. E doce de violeta. É uma sobremesa típica daqui.

Sorri. Tobias estava tentando me pegar pelo estômago. Mas, pela primeira vez, nem fome eu sentia. Quanto mais gulodice!

Não houve jeito e acabei concordando em ficar. Helena arrumou a cama no que devia ser o antigo quarto de Thiago. Sentamos para jantar. Anna e Thiago costumavam comer com meus amigos. Mas nesta noite não apareceram.

– Anna mandou avisar que vai treinar no trapézio – explicou Helena.

– Ou prefere não me ver – rebati.

Eu sabia: voar no trapézio era a maneira de Anna de ficar bem consigo mesma. Nossa conversa havia provocado emoções, é claro. Mas não suficientes para ficarmos juntos. Era óbvio que não queria me ver.

Durante o jantar, contei a Helena e Tobias sobre as sessões com o Dr. Libeskind.

– Você fez uma viagem profunda – disse Helena.

– Mesmo assim, Anna não me quis – lamentei.

– Talvez com o tempo você encontre uma maneira de se aproximar dela.

– Não, Helena. Eu não vou mais voltar aqui. O acordo está encaminhado. Se vocês tiverem qualquer problema, mando um bom advogado do escritório para ajudar. Dói estar perto de Anna, dói gostar tanto dela e saber que tem horror de mim.

– Desta vez ela usou a palavra medo, não é tão forte como horror – quis amenizar Tobias.

– Dá na mesma. Sou advogado. Sei quando é preciso botar um ponto-final numa causa. Aceitar a perda.

Alice se agitou na cadeira.

– Tão batendo na porta – disse a menina.

– Eu atendo – falou Tobias, levantando-se.

Quando abriu a porta, ficou parado no limiar, em silêncio. Depois de alguns segundos, finalmente abriu a boca:

– É para você, Alan.

Meu coração deu um pulo. Anna? Será que ela queria falar comigo?

Mas não. Era Érica. Parada na porta. Nos olhos, uma expressão que me parecia familiar.

Constrangimento total. Helena, percebendo a situação, a convidou a entrar.

– Obrigada – respondeu, com soberba –, mas quero conversar com o Alan a sós.

Sáimos. Minha vontade era mandá-la embora. Gritar. Permaneci calado. Seria melhor assim. Não queria expor ninguém ali a mais um de seus ataques de fúria.

Mal demos dois passos fora da casa, ela falou:

– Quis saber quem era minha rival. E já vi quem é.

Se o jardim estivesse mais iluminado, talvez eu reconhecesse a expressão do rosto de Érica. Seu olhar. Seu meio sorriso.

– Então foi você que se escondeu atrás das árvores? – perguntei, atônito. – Achei que tinha ouvido um barulho, mas... nunca pensei que fosse você!

– Você demora demais para pensar quando se trata de mulheres, Alan – rebateu ela, irônica.

– Ouviu minha conversa com Anna? – perguntei.

– Não inteira. Só deu pra entender que ela não quer nada com você.

– Não, não quer.

Érica então parou na minha frente, um leve sorriso no rosto.

– A gente pode recomeçar. Um homem às vezes fica louco por carne nova. Sou vivida, posso entender – disse ela.

– Está falando de um jeito muito vulgar, Érica.

– E como você quer que eu fale? – indagou, agressiva.

– Acho que realmente não conheço você. Primeiro você destrói minha casa. Depois, saca todo o dinheiro disponível no meu cartão. E ainda me ataca com uma tesoura. Acha que está tudo bem?

– Fiquei muito nervosa – falou, amansando o tom de voz. – Não queria que nosso relacionamento acabasse.

– Sei, estava nervosa mas não esqueceu de detonar o cartão de crédito.

– Você merecia uma lição, Alan.

Pensei um pouco, buscando as melhores palavras.

– Érica, essa não é a questão principal. Está certo, eu também tenho minha parcela de culpa. Devia ter falado antes com você. Mas nada disso lhe deu o direito de entrar no meu apartamento e destruir tudo. Apesar disso, como já disse, não é o principal.

– Então o que é o principal? – indagou.

– Eu amo a Anna.

Seu rosto transformou-se.

– Ainda tem coragem de dizer que ama aquela ridícula? – gritou ela.

– Amo sim, Érica. Amo. Talvez para você ela seja ridícula. Para mim, não.

– É uma caipira malvestida, brega. Olhe só para mim, Alan. Sou bonita. Elegante. Pense em você com ela numa reunião de advogados, de gente importante. Vai se sentir mal.

– Quando a gente gosta mesmo de alguém, nada disso importa. Essa foi uma das coisas que aprendi recentemente. Antes, eu pensava que para casar era preciso analisar as qualidades da pessoa, o jeito dela de se vestir, como se a posição de esposa fosse um cargo a ser preenchido. Hoje sei que é tudo bobagem.

– Esposa? Você se casaria com ela?

– Sim, se ela quisesse...

– Você ficou comigo todo esse tempo. Achei que...

– Descobri o que é amar, Érica. Talvez tudo fosse mais fácil se eu não tivesse encontrado Anna. Mas agora não dá mais para ficar com você.

Os olhos de Érica agora estavam fixos em mim. Paralisados.

– Não admito ser trocada por essa coitada – gritou. – Eu me sinto ofendida, sabe? Pode esperar. Vou me vingar.

Érica se afastou rapidamente na direção de onde deixara o carro estacionado. Ouvi quando deu a partida e saiu furiosa pela estradinha de terra batida.

Naquele momento eu soube quem ela era em minha vida anterior. O motivo pelo qual eu sempre tivera a impressão de que ela era familiar.

Érica era a rainha!



Quando peguei no sono, estava exausto. As emoções cansam tanto quanto uma maratona de exercícios. Mais uma vez, não tive o sonho. Desde que começara as sessões de regressão, ele não voltara. Acordei com o barulho fora do quarto. Passos pela casa. Gritos.

Vesti as calças e corri para a sala. Tobias e Helena estavam lá com Thiago, todos de pijama.

– Aconteceu uma tragédia – gritou Thiago. – O galpão está pegando fogo.

Rapidamente explicou que saíra com amigos, na cidade. Quando chegou, viu as chamas de longe.

– A porta estava trancada por fora. E a chave sumiu! – explicou.

– Onde está Anna? – gritei.

– Só pode estar lá dentro – falou ele, nervoso.

Corri para a porta.

– Tobias, ligue para o corpo de bombeiros agora! – berrei. – Thiago, eu e você vamos dar um jeito de arrombar o galpão, precisamos tirar Anna de lá.

– Eu já tentei derrubar a porta, é de madeira maciça, vai ser impossível – disse ele.

– A gente tem que conseguir – afirmei.

Assim que abri a porta da casa, ouvi um som. Um rugido. Bem próximo.

– Alguém soltou os leões! – gritou Helena.

Ainda assim, corri para fora.

– Alan! Volte! – ouvi Tobias berrar.

Eu havia perdido qualquer noção de prudência. Saí correndo para o galpão, sem me importar com o perigo.

As chamas já saíam pelo teto. A madeira seca queimava facilmente. O lugar tinha se transformado em uma fornalha.

A porta estava trancada, como Thiago havia dito. Atirei meu corpo contra ela. Uma, duas, três vezes. Não se moveu um centímetro.

Ouvi um rugido atrás de mim.

Quando olhei, um vulto enorme, corpulento, vinha na minha direção. King.

Respirei fundo, pronto para ser atacado. Cheguei a pensar: “Então é assim. O fim.”

Mas King pulou na porta. Atirou seu corpo pesado, de mais de 250 quilos, com as patas dianteiras na frente, e toda sua força de leão.

Uma, duas vezes, como se soubesse exatamente o que era preciso fazer.

As dobradiças gemeram.

Ele se atirou uma terceira vez e a porta soltou-se.

Eu e o leão nos olhamos. Cúmplices.

Entrei.

Roupas, objetos, a antiga lona do circo, estava tudo em chamas.

– Anna! – chamei.

Olhei para o alto e a vi no trapézio. Provavelmente se refugiara lá em cima à espera de socorro. Apavorada com as chamas. Uma labareda atingiu as cordas que o seguravam. O trapézio queimou. Anna soltou-se.

Voou solta no ar. E caiu sobre a rede.

Mas a rede já se transformava numa teia de fogo.

Subi pela escadinha de corda, sem nunca ter feito isso. Nos momentos de desespero, a gente descobre novas forças. Subi na rede.

– Anna! – gritei.

Tentei me mover para chegar até ela. Era difícil. Não tinha equilíbrio algum. Precisava alcançá-la, mas o fogo cortava meu caminho. Tentei me desviar, agarrar nas bordas, me segurar.

Entre as chamas, o rosto de Anna tinha uma expressão estranha. Fora desta vida. Eu intuí que estava mergulhada no passado, sentia-se envolvida pela fogueira de séculos atrás.

Então ela me viu. E gritou. Numa língua estranha, mas era o idioma que eu conhecia sem conhecer. Depois ergueu o dedo, apontou-o para mim e disse:

– Traidor! Eu te odeio!

Eram as palavras que dizia no sonho e eu nunca tinha entendido.

Atirei-me entre as chamas. Abracei-a. Joguei nossos corpos para fora da rede. No chão.

Meus cabelos em chamas.

Rolamos. Minhas roupas pegavam fogo.

Senti pancadas por todo o corpo. Thiago e Tobias me batiam com um cobertor. Me arrastaram para fora.

No gramado, ouvi o som das sirenes.

Antes de desmaiar, senti as mãos de Anna no meu corpo. Seus dedos no meu rosto. Suas lágrimas na minha face.

– Não morra! Não morra! Agora eu sei. Você voltou para me salvar! – falou ela.

Então afundei num mundo escuro.

O tratamento para queimaduras é longo, doloroso. A pele das minhas costas e de meu braço direito nunca voltou a ser a mesma. Tornou-se enrugada, feia. Meus cabelos demoraram a crescer de novo. Mas nada disso tem importância.

Anna passou a maior parte do tempo a meu lado. Quando me senti melhor, falamos sobre tudo o que acontecera.

– Tentei ficar no trapézio até chegar o socorro, porque sabia que lá o fogo não me atingiria – contou-me ela. – Até que ele se incendiou. Foi quando você chegou. Na rede, tive a sensação de estar cercada por uma imensa fogueira. E de repente eu não estava mais ali, mas em outra época, outro lugar. Quando você se aproximou, não era você. Era o rosto que sempre vi nas chamas. Um homem mais alto, moreno. Com sobrancelhas largas, cerradas. O rosto duro. Achei que tinha ido lá para me incendiar. Me senti presa. Aniquilada.

– Como aconteceu em sua outra vida.

– Então você se atirou no meio das chamas. Me agarrou e se jogou comigo para fora da rede. Só aí despertei... da alucinação.

– Não foi alucinação. Foi uma lembrança. A memória de outra vida aflorou quando estava diante do fogo. Teria morrido de maneira idêntica à de sua vida passada.

Anna acariciou meu rosto.

– Mas você me salvou – falou.

– Sinto que foi para isso que voltamos – afirmei. – Para ter a chance de viver tudo de uma forma diferente.

Ela sorriu e disse:

– Mas o que realmente importa não é o que vivemos em outra vida.

- O que é, então, Anna?
 - O que vamos viver nesta de agora. Nós dois.
- E, pela primeira vez, Anna me beijou.



Tenho consciência de que no incêndio eu e Anna revivemos a mesma situação de séculos atrás. Só que, desta vez, com um final diferente: eu a salvei.

E isso fez toda a diferença. A mágoa e o medo dela desapareceram, abrindo espaço para o amor que já existia lá no fundo. Na minha última sessão com o Dr. Libeskind, ele concordou com minha interpretação.

– Anna está certa – ressaltou. – O que vale é o que vão viver de agora em diante.

Também não precisamos investigar muito para descobrir a responsável pelo incêndio. Por trancar a porta do galpão. Por soltar os leões. Foi Érica. Ela estava em surto.

Poderíamos tê-la acusado de tentativa de assassinato, mas preferi interná-la, com a ajuda de amigos, numa clínica psiquiátrica. Podem me considerar um bobo. Até me responsabilizei pela parte financeira. Quis respeitar a parte boa de nosso relacionamento, apesar de um final tão trágico. Mesmo porque me culpo por não ter percebido os sintomas de seu desequilíbrio mental. Relembrando fatos, pequenos acessos, hoje sei que estava tudo lá. Só eu não quis ver. Recentemente, Érica saiu da clínica. Sua carreira de modelo está acabada – aliás já estava. Voltou para a casa dos pais, agricultores no interior do Rio Grande do Sul. Imaginei que o contato com a terra e com os valores de sua infância a ajudassem a se tornar uma pessoa melhor. Mas, é claro, cada um de nós escolhe seu próprio destino. Soube por nosso amigo em comum que está noiva e vai se casar com um grande fazendeiro da região, bem mais velho que ela. Mais uma vez, tentará ser rainha. Acredito que, enquanto não romper esse ciclo, não conseguirá ser realmente feliz.

Quando eu e Anna decidimos ficar juntos, sabia que teria de mudar de vida. Ela nunca se adaptaria à cidade grande. Estava acostumada com

espaços livres, a terra, o vento, o rio. Quando eu saí do hospital, ficávamos deitados na grama, à noite, olhando a lua. A poluição na cidade é tão grande que às vezes sequer vemos as estrelas. Definitivamente, isso não era para ela. Uma metrópole como São Paulo nunca seria o lugar para Anna.

Vendi meu apartamento e minha parte no escritório de advocacia. Ignorei os conselhos de meus sócios. Para eles, eu estava abandonando um futuro ainda mais brilhante. “O que é mais brilhante do que viver uma história de amor?”, eu perguntava.

O Dr. Balthus aceitou-me como sócio. Não ganho o mesmo que antes, mas trabalho menos horas por dia, com muito mais calma.

Tobias enfim aceitou que a fazenda ficasse com Anna e Thiago. Ele e Helena receberam em troca a casa na cidade e o ponto comercial, e decidiram morar definitivamente em Holambra. Entregaram o apartamento em São Paulo e se mudaram para lá. Alugaram o ponto comercial, que lhes garante uma pequena renda mensal. Graças ao Dr. Balthus, Helena conseguiu um emprego de professora numa escola particular da região. E uma bolsa integral para Alice estudar lá.

E eu... bem... O melhor uso do dinheiro é prover nosso conforto. Usei minhas economias para ampliar o rebanho de cabras e a fabricação de queijos. Thiago agora se dedica exclusivamente a isso, e a qualidade de nossos produtos é muito boa. Tobias... É, algum dia ainda vou fazer uma regressão para saber o que Tobias foi em alguma das minhas outras vidas. Provavelmente um filho. Pois sinto necessidade de cuidar dele e de sua família. Acabei empregando meu amigo. Tobias faz o que melhor sabe fazer: vende os queijos para restaurantes e mercearias de luxo das grandes cidades.

Estamos indo muito bem, na verdade. Contra todas as expectativas, pode ser que daqui a algum tempo eu ganhe com a fábrica bem mais do que com o antigo escritório de advocacia em São Paulo. Mas isso não importa.

Eu e Anna nos casamos.

Foi uma cerimônia simples, na fazenda, com poucos convidados.

Hoje moramos na casa da fazenda.

Os leões continuaram conosco um bom tempo. Recentemente soubemos de um santuário para vida selvagem próximo a outra cidade. A decisão foi dolorosa para Anna. Fomos pessoalmente visitar o lugar, um espaço grande como de uma fazenda, cuja vegetação lembra a de uma savana. Leões que sempre viveram enjaulados estão soltos. Livres.

Foi melhor para eles.

King e Gina estão agora no santuário. Eu e Anna os visitamos com frequência. Ela deve a vida à fidelidade de King. Nunca poderemos esquecer isso.

Anna tinha medo que eles se esquecessem dela. Há alguns meses fomos ao santuário. Dentro dele há uma pequena estrada usada pelos tratadores dos leões. Tivemos permissão para entrar de carro. Anna desceu. Eu fiquei apavorado pelo que podia acontecer, apesar de um dos tratadores estar nos acompanhando. Anna chamou: “King! Gina!”

Demorou algum tempo. Achei que não fossem aparecer. A própria Anna já estava prestes a desistir quando ouvimos passos na folhagem. King e Gina surgiram entre as moitas, seguidos de... dois filhotes!

Gina empurrou os filhotes delicadamente em direção a Anna. O casal estava apresentando seus filhos!

Enquanto Anna abraçava os leõezinhos, eu tive certeza de que os animais têm sentimentos muito mais profundos do que a ciência gosta de admitir. Há quem diga que animais têm alma. Eu não sei responder. Mas o amor daqueles leões por Anna era muito maior do que o de muitos seres humanos por pessoas de sua própria família.

Há pouco tempo, fiz uma surpresa para minha mulher. Reconstruí o galpão destruído pelo incêndio. E instalei dois trapézios no alto, com uma rede protetora. Foi o melhor presente que eu podia lhe oferecer.

Anna montou, no galpão, uma escolinha de circo, gratuita, para as crianças da região. Assim, sua arte não se perderá.

Nós dois falamos muitas vezes sobre o que aconteceu. É claro que não tenho explicações para tudo. Mas uma coisa em que acredito é que vivemos muitas vidas. E também acho que as leis que regem nosso retorno são

misteriosas. Vivemos uma época em que buscamos explicações racionais para os acontecimentos. Mas nem tudo pode ser transformado em uma equação matemática, como disse o Dr. Libeskind. Existem outras formas de entender o mundo. Não se pode desprezar a intuição, a fé e os sentimentos. É preciso olhar para além daquilo que vemos. Para o que enriquece a alma. Para o que eleva o espírito.

Olhar com os olhos da alma. Do coração. Do amor. Só assim saberemos que a caminhada ao longo da vida valeu a pena. Que deixamos nossa marca. Nosso rastro. Nossa luz. Que não deixamos sentimentos pendentes. Que realmente fomos felizes.

Nosso filho nasceu há alguns meses. Eu fico encantado diante de tudo o que ele faz. O nascimento de uma criança é um milagre por si mesmo. No fundo dos olhos do meu filho, eu vejo uma alma. E se veio agora, para os meus braços e os de Anna, vamos lhe dar todo o amor que pudermos.

Mas de uma coisa tenho certeza.

Eu e a Anna já vivemos muitas vidas juntos.

Já superamos outras barreiras, em outras existências.

Anna alimenta meu espírito, eu o dela. Evoluímos juntos, em direção a uma luz maior. Ao mistério que ainda não conseguimos compreender. De Deus, conhecemos sua vibração. Sua luz. Não somos capazes de explicar Deus. Só de senti-lo. E isso é maravilhoso e suficiente.

Meu amor por Anna é luminoso, assim como o dela por mim.

Um amor tão grande reflete a luz divina.

Não nos separaremos nunca, nem nesta, nem em outras vidas.

Estaremos sempre unidos. Somos um só.

Juntos para sempre.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



@editoraarqueiro

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre os próximos lançamentos